



Instituto Politécnico de Tomar

Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Carla Maria Rodrigues Chá-Chá

***O Notícias Ilustrado*
e Leitão de Barros
«O homem que passa»**

Relatório de estágio

Orientado por:
Especialista Fernando Manuel Craveiro Coelho

Relatório de Estágio
apresentado ao Instituto Politécnico de Tomar
para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre
em Design Editorial

Resumo

O presente relatório divide-se em duas partes. Na primeira, é apresentado um capítulo relativo ao trabalho realizado em estágio na *Global Media Group*, pelo período de seis meses. Mais concretamente, no departamento das revistas *Evasões*, *Notícias Magazine* e *Volta ao Mundo*, onde colaborei como paginadora.

A segunda parte, *O Notícias Ilustrado* e Leitão de Barros «O homem que passa», é dedicada ao estudo e análise da publicação *O Notícias Ilustrado*, bem como à vida e obra do seu criador Leitão de Barros.

PALAVRAS-CHAVE

O Notícias Ilustrado, Leitão de Barros, Publicações periódicas, Modernismo.

Abstract

This document have two main chapters. First of all, a report on my experience and work of a 6 month intership at *Global Media Group*, specifically at the magazine department, where I participated as a designer at *Evasões*, *Notícias Magazine* and *Volta ao Mundo* magazine. The subject of the second chapter of this report is *O Notícias Ilustrado* e Leitão de Barros «O homem que passa», which main objective is to study and analyse the publication *O Notícias Ilustrado*, as well the life and work of Leitão de Barros, its creator and editor.

KEYWORDS

O Notícias Ilustrado, Leitão de Barros, Periodicals, Modernism.

Agradecimentos

O presente trabalho não seria possível sem ajuda de várias pessoas que importa referir, com um agradecimento especial:

À família, pois tem sido um apoio incondicional.

Ao professor Fernando Coelho, sem a sua orientação e incentivo este trabalho não seria possível.

À equipa do departamento de revistas do Diário de Notícias: Ana Faleiro, Carla Oliveira, Lília Gomes, Miguel Vieira, Pedro Botelho, Rui Leitão, Rute Cruz pela integração, amizade e partilha de conhecimentos.

À equipa do Centro de Documentação do *Diário de Notícias*: Simões Dias (diretor), Cristina Cavaco, Sara Guerra e Luís Matias por toda a ajuda na investigação sobre *O Notícias Ilustrado* e sobre Leitão de Barros.

À revisora deste presente trabalho e amiga, Patrícia Brito Lima.

À Fátima Gonçalves, por todo o apoio e incentivo.

Ao Hugo Moreira, por toda a ajuda, sugestões e apoio.

À Ana Ferreira e Vanessa Martins, que apesar da distância sempre me apoiaram.

Índice

21	Introdução
23	Parte1: Relatório de estágio
43	Parte 2: <i>O Notícias Ilustrado</i> e Leitão de Barros
	«O homem que passa»
45	Breve introdução
47	Enquadramento histórico
53	Leitão de Barros «O homem que passa»
53	Biografia
54	Família
58	Influências do Futurismo
68	Trabalho ao longo da sua vida artística
75	<i>O Notícias Ilustrado</i>
75	Nota histórica
79	<i>O Domingo Ilustrado</i> : projeto piloto
83	Processo de impressão: Rotogravura
89	Outras publicações
97	Equipa e colaboradores
104	Estrutura e conteúdo
112	<i>O Notícias Ilustrado</i> vs. <i>Notícias Magazine</i>
115	Conclusão
117	Bibliografia
121	Anexos

Índice de figuras

Parte1: Relatório de estágio

- 23 Fig. 1. Logo da empresa
- 25 Fig. 2. Redação
- 25 Fig. 3. Edifício *Diário de Notícias*
- 26 Fig. 4. Equipa de trabalho
- 27 Fig. 5. 6. *Template* e página de uma crónica
- 28 Fig. 7. 8. *Template* e página da secção *apetece*
- 28 Fig. 9. 10. Plano da Revista *EV* e plano da revista *VM*
- 29 Fig. 11. 12. Exemplo diferentes versões na secção *HOBBY*
- 30 Fig. 13. Exemplo caderno de programação da revista *EV*
- 30 Fig. 14. Secção *NÚMEROS* da revista *NM*
- 31 Fig. 15. 16. 17. 18. Páginas publicadas da secção *apetece*
- 31 Fig. 19. Exemplo secção *sair*
- 32 Fig. 20. 21. 22. 23. Duas versões da secção *OPOSTOS*, artigo de 3 páginas em que a última é igual em ambos
- 32 Fig. 23. 24. Secção *LIÇÕES DE VIDA*
- 33 Fig. 25. 26. Sumário da revista *NM*
- 33 Fig. 27. 28. Secção *HORÓSCOPO* da revista *NM*
- 34 Fig. 29. 30. *Roteiro de Lille* publicado no n.º 257 da revista *VM*
- 34 Fig. 31. Exemplo de crónica a seguir
- 34 Fig. 32. Resultado apresentado para a primeira crónica
- 34 Fig. 33. Resultado apresentado para a última crónica
- 35 Fig. 34. 35. 36. 37. 38. Reportagem da revista *VM* com design da revista *NM*
- 36 Fig. 39. 40. 41. Propostas de capas para a revista *VM* edição de dezembro
- 36 Fig. 42. Proposta para a nova secção *Viagem dos leitores* para a revista *VM*

- 37 Fig. 43. Capa com o design do n.º 36 da revista *EV*
- 37 Fig. 44. 45. 46. Novas propostas para o design da capa
- 38 Fig. 47. Sumário com o design do n.º 36
- 38 Fig. 48. 49. Novas propostas de design para o sumário
- 38 Fig. 50. Secção *apetece planear* do n.º 36
- 38 Fig. 51. 52. Novas propostas de design para a secção *apetece planear*
- 39 Fig. 53. Secção *apetece passear* do n.º 36
- 39 Fig. 54. Novas propostas de design para a secção *apetece passear*
- 39 Fig. 55. Secção *apetece descobrir* do n.º 36
- 39 Fig. 56. Novas propostas de design para secção *apetece descobrir*
- 40 Fig. 57. Declaração de estágio

Parte 2: *O Notícias Ilustrado* e Leitão de Barros

Todas as figuras foram reproduzidas pela autora a partir do Centro de Documentação do *Diário de Notícias* (*O Notícias Ilustrado*), e diversas publicações periódicas portuguesas a partir de uma coleção privada, salvo quando indicado em contrário.

- 45 Fig. 58. Assinatura «O homem que passa»
- 46 Fig. 59. Novela assinada por «O homem que passa»
- 47 Fig. 60. 61. Centro de documentação do *Diário de Notícias*
- 48 Fig. 62. Nota sobre a censura publicada em *O Notícias Ilustrado*
- 49 Fig. 63. Capa de *ONI* com o general Óscar Carmona publicada no n.º 2 da série I
- 49 Fig. 64. Capa de *ONI* com Salazar, na época em que foi ministro das finanças publicada no n.º 182 da série II
- 49 Fig. 65. Capa de *ONI* com Salazar, com a legenda «ultimo retrato inédito(...)» no n.º 370 da série II
- 49 Fig. 66. Reportagem sobre a ida de Salazar ao Porto publicada no n.º 308 de *ONI*
- 51 Fig. 67. Nota sobre o analfabetismo publicada em *O Notícias Ilustrado*
- 52 Fig. 68. 69. Páginas sobre o *DN* publicadas em *O Notícias Ilustrado*
- 53 Fig. 70. Notícia sobre LB publicada a 7 de maio de 1982 - arquivo de recortes do *DN*
- 55 Fig. 71. Infografia com árvore genealógica de LB com Ilustração de Leitão de Barros publicada na revista *Sempre Fixe* n.º268 de 1931
- 57 Fig. 72. Exposição de Roque Gameiro publicada em *ONI*

- 57 Fig. 73. Exposição das irmãs Raquel e Helena Roque Gameiro publicada em *ONI*
- 60 Fig. 74. 75. 76. Capas das revistas *Orpheu*
- 61 Fig. 77. Uma capa da *Revista Blast*
- 62 Fig. 78. Capa da revista *Portugal Futurista*
- 63 Fig. 79. Catálogo do *I Salão dos Humoristas*
- 64 Fig. 80. Destaque no jornal *O Século*
- 64 Fig. 81. Destaque no jornal *Portugal – Brasil*
- 64 Fig. 82. Destaque na revista *Ilustração Portuguesa*
- 64 Fig. 83. Destaque no jornal *A Capital*
- 67 Fig. 84. Capa n.º 1 da série I de *ONI*
- 67 Fig. 85. Capa n.º 382 da série II de *ONI*
- 67 Fig. 86. Reportagem sobre o *I Salão dos Independentes* publicada no n.º 101 em *ONI*
- 67 Fig. 87. Artigo sobre Almada Negreiros publicada no n.º 225 em *ONI*
- 68 Fig. 88. Ilustração de Leitão de Barros publicada na revista *Sempre Fixe* n.º 268 de 1931
- 69 Fig. 89. Artigo sobre o filme *Nazaré* publicado no n.º 25 em *ONI*
- 69 Fig. 90. Artigo sobre o filme *Lisboa, Crónica Anedótica* publicado no n.º 91 em *ONI*
- 69 Fig. 91. Artigo sobre o filme *Maria do Mar* publicado no n.º 174 em *ONI*
- 68 Fig. 92. Artigo sobre o filme *A Severa* publicado no n.º 170 em *ONI*
- 70 Fig. 93. Artigo sobre o filme *As Pupilas do Senhor Reitor* publicado no n.º 354 em *ONI*
- 70 Fig. 94. 95. Artigos sobre os estúdios da *Tobis* publicados nos n.º 235 e 246 em *ONI*
- 71 Fig. 96. Artigo sobre os bastidores do cinema publicado no n.º 166 de *ONI*
- 72 Fig. 97. Publicidade à *Ocogravura Limitada* publicada em *ONI*
- 73 Fig. 98. Artigo sobre o álbum *Portugal 1934* publicado no n.º 356 em *ONI*
- 73 Fig. 99. Artigo sobre as marchas populares publicado no n.º 265 em *ONI*

- 73 Fig. 100. 101. Artigos sobre o Hotel Modelo publicados nos n.º 274 e 281 em *ONI*
- 76 Fig. 102. 103. 104. Exemplos de dinâmica de página publicados nos n.º 77, 94 e 279 em *ONI*
- 77 Fig. 105. 106. 107. Exemplos de páginas com um teor mais fotográfico publicados nos n.º 151, 165 e 210 em *ONI*
- 78 Fig. 108. Capa do n.º 1 de *ODI* e Fig. 109. Capa do n.º 154 de *ODI*
- 82 Fig. 110. Página 2 do n.º 1 de *ODI*
- 82 Fig. 111. Contracapa do n.º 109 de *ODI* e Fig. 112. Capa do n.º 153 de *ODI*
- 84 Fig. 113. 114. Notas sobre rotogravura e aspero gráfico da revista *ONI*
- 85 Fig. 115. Capa da revista *ABC* mais pormenor do n.º 49
- 85 Fig. 116. Capa da revista *Civilização* mais pormenor do n.º 1
- 86 Fig. 117. Capa da revista *O Notícias Ilustrado* mais pormenor do n.º 27 da série II
- 86 Fig. 118. Exemplo do interior da revista *Civilização* mais pormenor do n.º 1
- 87 Fig. 119. Capa da revista *AIZ* n.º 48
- 87 Fig. 120. Capa da revista *VU* n.º 250
- 87 Fig. 121. Exemplo do interior da revista *ONI* mais pormenor do n.º 27 da série II
- 88 Fig. 122. Artigo sobre como se faz *ONI* publicado na própria revista no n.º 39
- 89 Fig. 123. Capa e interior da revista *ABC* n.º 175
- 90 Fig. 124. 125. Capas da revista *Ilustração Potuguesa* n.º 12 e n.º 165
- 91 Fig. 126. 127. 128. Capa e interior da revista *O Século Ilustrado* do n.º 36
- 92 Fig. 129. 130. 131. Capa e interior da revista *Magazine Bertrand* do n.º 15
- 92 Fig. 132. Capa da revista *Magazine Bertrand* n.º 34
- 93 Fig. 133. 134. Capas da revista *Ilustração* n.º 1 e n.º 85
- 93 Fig. 135. 136. Capas da revista alemã *AIZ* n.º 20 e n.º 43
- 94 Fig. 137. 138. Capas da revista alemã *Gebrauchsgraphik* de 1929 e de 1934

- 94 Fig. 139. 140. Capas da revista alemã *Berliner Illustreirte Zeitung* n.º 26 e n.º 42
- 95 Fig. 141. 142. Capas da revista alemã *Munchner Illustrierte Presse* n.º 13 e n.º 28
- 95 Fig. 143. 144. Capa da revista alemã *Novyi Lef* de 1927 e de 1928
- 96 Fig. 145. 146. Capas da revista francesa *VU* n.º 51 e n.º 77
- 97 Fig. 148. Fotografia de Carolina Homem Christo publicada em *ONI* n.º 53
- 97 Fig. 149. Reportagem sobre a revista *Eva* publicada em *ONI* n.º 243
- 98 Fig. 150. Caricaturas de Amarelhe publicadas em *ONI* n.º 168
- 98 Fig. 151. Ilustração de Emmérico Nunes publicada em *ONI* no n.º 37
- 99 Fig. 152. Artigo sobre Batelho publicada em *ONI* no n.º 199
- 100 Fig. 153. Artigo sobre as aguarelas de Martins Barata publicada em *ONI* no n.º 81
- 102 Fig. 154. Artigo sobre Ferreira da Cunha publicado em *ONI* no n.º 121
- 103 Fig. 155. Artigo sobre Horácio Novais publicado em *ONI* no n.º 165
- 104 Fig. 156. Artigo sobre cinema publicado no n.º 106 em *ONI*
- 104 Fig. 157. Artigo sobre escultura publicado no n.º 98 em *ONI*
- 104 Fig. 158. Artigo sobre pintura publicado no n.º 158 em *ONI*
- 104 Fig. 159. Artigo sobre rádio publicado no n.º 133 em *ONI*
- 104 Fig. 160. Artigo sobre religião publicado no n.º 258 em *ONI*
- 105 Fig. 161. Capa do n.º 1 da série I de *ONI*
- 105 Fig. 162. Capa do n.º 1 da revista *ODI*
- 105 Fig. 163. 164. 165. Vários logos apresentados nas capas de *ONI* na série I e II
- 105 Fig. 166. 167. 168. Vários logos apresentados no interior da revista *ONI*
- 106 Fig. 169. Informação sobre o especial de Natal com 48 páginas da revista *ONI*
- 106 Fig. 170. Secção ecos e curiosidades publicada em *ONI*
- 107 Fig. 171. Concurso fotográfico realizado em conjunto com o *DN* publicada no n.º 139 de *ONI*
- 107 Fig. 172. Concurso literário publicado no n.º 169 de *ONI*

- 107** Fig. 173. Reportagem sobre o lixo em Lisboa publicada no n.º 111 de *ONI*
- 107** Fig. 174. Reportagem sobre o aspeto de Lisboa publicado no n.º 186 de *ONI*
- 108** Fig. 175. 176. Textos de LB publicado no n.º 114 e 118 de *ONI*
- 108** Fig. 177. Texto de LB, assinado como o seu pseudónimo «O homem que passa» publicado no n.º 14 de *ONI*
- 109** Fig. 178. Dupla publicada no n.º 142 de *ONI*
- 109** Fig. 179. Dupla publicada no n.º 187 de *ONI*
- 110** Fig. 180. Dupla publicada no n.º 146 de *ONI*
- 110** Fig. 181. Dupla publicada no n.º 164 de *ONI*
- 110** Fig. 182. Exemplo de uma capitular ilustrada impressa na revista *ONI*
- 111** Fig. 183. Página sobre a Madeira publicada no n.º 195 de *ONI*
- 111** Fig. 184. Página sobre a Tomar publicada no n.º 212 de *ONI*
- 111** Fig. 185. Página sobre a fotografia publicada no n.º 98 de *ONI*
- 113** Fig. 186. Capa n.º 4 da série I de *ONI*
- 113** Fig. 187. Capa n.º 1128 da revista *NM*, antigo design
- 113** Fig. 188. Capa n.º 90 da série II de *ONI*
- 113** Fig. 189. Capa n.º 1224 da revista *NM*, novo design

Lista de siglas

***DN** – Diário de Notícias*

***JN** – Jornal de Notícias*

***EV** – Revista Evasões*

***NM** – Revista Notícias Magazine*

***VM** – Revista Volta ao Mundo*

***ONI** – O Notícias Ilustrado*

***ODI** – O Domingo Ilustrado*

***LB** – Leitão de Barros*

***JMB** – Jaime Martins Barata*

***SPN** – Sindicato de Propaganda Nacional*

***SNI** – Sindicato Nacional de Informação*

Introdução

Na primeira parte deste presente trabalho, descrevo o meu estágio curricular nas revistas *Evasões*, *Notícias Magazine* e *Volta ao Mundo* pertencente à empresa *Global Media Group*, detentora do título *Diário de Notícias*, sediada à época, no edifício Diário de Notícias na Avenida da Liberdade, em Lisboa. Esta análise relata o trabalho desenvolvido, as experiências, a aprendizagem, em equipa e individual, ao longo de 6 meses. O relatório aqui apresentado vem ao encontro dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Design Editorial, registando assim, esta experiência profissional.

A segunda parte, com a designação de **O Notícias Ilustrado e Leitão de Barros «O homem que passa»**, apresenta o resultado de uma pesquisa sobre a publicação *O Notícias Ilustrado*, que teve como criador e diretor Leitão de Barros, e onde por vezes assinava com o seu pseudónimo «O homem que passa», nos anos vinte do século passado.

O início do século xx é um dos mais marcantes na história da humanidade, e Portugal apresenta também vários acontecimentos marcantes, por exemplo, a nível político, em que se viveu uma época marcante, desde a Implantação da Primeira República ao regime político autoritário Estado Novo, de António Oliveira Salazar. A Censura implementada pelo governo em Portugal, condicionou a informação publicada por várias publicações o que dificultou a missão das mesmas de informar o leitor da forma rigorosa e verdadeira a que se propunham.

A nível artístico, é de salientar o aparecimento do Modernismo com o seu primeiro movimento artístico o Futurismo, tanto em Portugal como por toda a Europa. A revista *Orpheu* e todas as personalidades, destes Fernando Pessoa, Almada Negreiros e Mário Sá-Carneiro,

ligadas à mesma, foram importantes para a divulgação do Futurismo em Portugal. Apesar de a sua passagem ter sido breve, a *Orpheu* é considerada atualmente como uma publicação de vanguarda relativamente à época em que foi publicada.

Todos estes momentos marcaram o desenvolvimento da imprensa portuguesa da qual fez parte a revista ilustrada *O Notícias Ilustrado*, objeto de estudo desta dissertação, que foi uma edição semanal do *Diário de Notícias*, um dos mais antigos jornais diários portugueses existentes atualmente, publicada nos anos 20 e 30 do século passado. A taxa de analfabetismo existente em Portugal na época, era uma das maiores condicionantes na difusão das publicações, pois os analfabetos não se interessavam pelas mesmas, que tinham na sua maioria um teor literário. Outra das condicionantes eram as dificuldades existentes na distribuição desses meios de informação, pois era difícil fazê-las chegar a todos os pontos do país.

Não seria possível abordar *O Notícias Ilustrado* sem incluir Leitão de Barros. Personalidade multifacetada que se dedicou ao longo da sua vida a várias atividades para além da criação e direção de *ONI* e sendo Lisboa um meio pequeno na época, Leitão de Barros teve ligação a vários artistas conhecidos do início do século XX, muitos deles envolvidos em vários movimentos modernistas. Leitão de Barros dedicou-se ao jornalismo, teatro, cinema, e entre outras atividades juntamente com outros artistas da época e é neste ambiente modernista, que surge a ideia para o semanário *O Domingo Ilustrado*, considerado o projeto piloto para a revista *O Notícias Ilustrado*, também iniciativa do mesmo. Leitão de Barros, modernista e nacionalista, criou *O Notícias Ilustrado* com o objetivo de ser uma revista diferente das que existiam na época. Pioneira na impressão em rotogravura, foi um semanário rico em conteúdo e muito ilustrado. Noticiava atualidades sobre o nosso país e o estrangeiro, tentando levar a todo o Portugal, bem como ao Brasil e colónias os últimos acontecimentos.

RTP 1
06:30 Bom Dia Portugal
10:00 A Praça 13.00 Jornal da Tarde 14.15 Os Nossos Dias 15.00 Agora Nós 18:00 Portugal em Direto 19.15 O Preço Certo 20.00 Telejornal 21.00 Sexta às 9 22.00 Nelo & Idália 22.45 Quem Quer Ser Milionário - Alta Pressão 23.30 Portugueses Pelo Mundo 00.30 Sob Suspeita 01.45 Os Nossos Dias 02.30 Agora Nós 05.00 Televisão 05.45 BBC Terra

RTP 2
07.00 Zig Zag 11.00 Desalinhado 13.05 Morsas. Uma Reprodução Difícil 14.00 Sociedade Civil 15.00 A Fé dos Homens 15.30 Euronews 16.00 Zig

SIC
06.00 Violetta 07.00 Edição da Manhã 08.45 A Vida nas Cantas - O Dilema 10.00 Queridas Manhãs 13.00 Primeiro Jornal 14.30 Duas Caras 15.30 Grande Tarde 19.00 Babilônia 20.00 Jornal da Noite 21.30 Coração d'Ouro 22.30 Podemmas 23.30 A Regra do Jogo 00.30 Investigação Criminal 01.30 Investigação Criminal Los Angeles 02.30 Volante

TVI

SIC RADICAL
12.30 Tonight Show with Jimmy Fallon 13.15 Dragon Ball 14.00 Psychic Challenge Internacional 14.45 Hell's Kitchen 16.15 Lago dos Tubarões 17.00 C'All Stars 18.15 O Barco 19.45 Em Busca do Melhor Tatuador 21.00 Chetendinha 21.15 Lago dos Tubarões 22.30 A Grande e A Travessia 01.15 Knife Fight 02.00 Som de Cristal

SIC CARAS
12.45 Arquivo Privado 13.45 Passadeira Vermelha 15.15 Segredos Entre 4 Paredes 16.00 Grandes Romances do século XX

ROMARIAS DE PORTUGAL
14.30 Moda Portugal 15.00 Jogos Sem Fronteiras 19.00 Portugal Low Cost 17.00 Voo Direto - A Vida a 900 a Hora 18.00 Herman Enciclopédia 19.00 Bem Feminino 20.00 A Alma e a Gente 21.00 No Ar, História da Rádio Em Portugal 22.00 Os Bonecos da Bola 23.30 Lá em Casa Tudo Bem 23.30 Ligados à Terra 00.00 Herman Enciclopédia 01.00 Sociedade Anónima 02.00 Grandes Livros 02.45 Carlos do Carmo, António Vítorino D'Almeida e José Mário Branco 04.00 A Alma e a Gente

CANAL Q
12.50 Sem Moderação 13.45 Paradoxo da Tangência 14.15 Baseado

FOX MOVIES
10.56 Despojos de Inverno 12.34 A Soma de Todos os Medos 14.40 Manobra Perigosa 16.16 Hounders - A Vida É Um Jogo 18.10 Academia de Polícia 2 - A Primeira Missão 19.35 Equilibrium 21.15 Valquíria 23.12 De Olhos Bem Fechados 01.43 Ainda Seio Que Festei no Verão Passado 03.18 O Novo Mundo

CINEHUNDO
13.20 A Paixão de Shakespeare 15.20 Descobrir Forrester 17.40

sair à noite



0 chá das (Double) 9

Double 9 abriu na semana passada e funciona como bar e salão de chá, com porta aberta num horário alargado, numa ideia de roda que estava na gaveta há dois anos. «O conceito é misturar dois mundos que normalmente vemos contrapostos: o do chá, mais sócio e tradicional, e os dos cocktails, mais divertidos e de entretenimento. A ideia foi junta: os paradigmas de uma nova visão a cada um desses mundos», conta Nuno Mendes, um dos três sócios do bar.

Apesar de poder soar estranho à primeira vista, a recepção tem sido muito boa. «As pessoas têm ficado intrigadas com esta mistura, mas têm gostado bastante. Mesmo da noite, bebem um chá e a seguir experimentam um cocktail e este novo conceito com aquele mesmo chá que está virado a beber», acrescenta, até porque «o chá não é só

Pelos céus de Trás-os-Montes

A serra do Larouco ergue-se acima dos 1500 tornou-se, nos últimos anos, uma verdadeira de parapente. Texto de Miguel Judas

Desde que, em 2000, recebeu pela primeira vez uma etapa da Taça do Mundo de Parapente, a serra do Larouco, nos arredores de Montalegre, passou a estar no mapa como um dos principais locais para a prática deste desporto em Portugal. Com 1535 metros de altitude e vistas de cortar a respiração, esta serra é a terceira maior elevação de Portugal Continental - ultrapassada



Relatório de estágio

apetece estar aqui



Fundão A calma em plena Serra da Gardunha

XXXX. Duas cadeiras, uma cabana e tempo. Muito tempo. Estes são os requisitos necessários para cortar com a correria do quotidiano e imergir nos ares retemperadores que cruzam a Serra da Gardunha. E nem o frio, a promessa mais imediata a cumprir-se dentro de semanas, vai desmobilizar a vontade de passar a noite num dos seis domos geodésicos, iglus climatizados em que as paredes são muito mais resistentes do que a partida se possa imaginar. É que a serra, vista deste primeiro balcão - o estrado de madeira onde está instalado o iglu de janelas amplas e esta esplanada de uso particular - pode ser tão bonita tingida das cores da primavera, como com as de outono ou mesmo com as de inverno. Uma paisagem silenciosa onde, por estes dias, só o vento deverá sibilar e enlutar quem aqui fica. ● xox

onde

NATURA GLAMPING

Casa do Guarda, Alconçosta, Cova da Beira, Serra da Gardunha

Tel. 938 387 600

Web: www.naturaglamping.com

Dormos: Durante a semana 75 euros por noite com pequeno almoço (capacidade até 4 pessoas)

ROTEIRO LILLE

Artes e delícias em terras de Ch'tis

TEXTO DE TERESA FREDERICO

A importância do Pai Natal em 2015

Tinha seis anos quando fez a primeira viagem oficial. O pai levou-o ao Polo Norte e ele estava muito contente por viajar juntos até-lo só para si, via-o sempre tão atarefado nas suas funções. De visita a um centro de investigação científica e militar, Justin estava já um bocado farto, porque afinal Pierre desaparecia sempre a trabalhar. De repente, foi convocado para uma importantíssima missão ultra-secreta até uma casa no meio da neve e do gelo. Sairam do jipe, e o miúdo dirigiu-se à porta da casa mas o pai disse-lhe que tinha de ir até à janela. Com a mangada do casaco, limpou o gelo que embaciava o vidro e espregueitou lá para dentro. Num escritório muito movimentado, um homem de barbas brancas e roupas vermelhas estava ocupadíssimo a escrever cartas. "Foi nesse momento que tomei consciência do enorme poder do meu pai".

O pai era Pierre Trudeau, então primeiro-ministro do Canadá. O filho Justin ocupa desde o dia 4 a mesma função, numa subida política fulgurante. O episódio provocou uma enorme gargalhada no funeral de Pierre, em setembro de 2000, na imponente Basílica de Notre Dame, em Montreal. Foi o momento de aliviar a enorme tensão da perda, do luto, da cerimónia solene que levou ao Canadá Jimmy Carter, Fidel Castro e o Aga Khan. O filho falou durante 12 minutos e terminou em lágrimas citando um poema de Robert Frost e a murmurar "Eu tinha pai".

Justin ganhou com mais de 51 por cento as eleições no Canadá, a 15 de outubro e no dia seguinte foi agradecer às pessoas no metro, dirigindo-se a quem passava para apertar as mãos. Formou um governo que tem tantas mulheres como homens, cujos ministros têm quase todos entre 35 e 50 anos e que tem uma diversidade de exemplar que é, da mesma, uma declaração política.

Escrevo no dia em que é conhecida a vitória eleitoral de Aung San Suu Kyi na Birmânia, o parlamento da Catalunha vota pela independência e pela primeira vez uma mulher é nomeada embaixadora do Irão. No dia em que está feita a aliança da esquerda em Portugal.

Justin Trudeau é líder do Partido Liberal do Canadá, há escassos dois anos. Não é um esquerdista, um radical. É feminista, com muito orgulho, como disse e repetiu e até espalhou pelo twitter.

Usa o facebook - em inglês e francês, como canadiano do Quebec que é - para falar diretamente com as pessoas, e coloca aí fotografias da tomada de posse que vão do momento solene à irrupção na sala dos filhos dele e dos ministros.

Constatamos tantas vezes que os mais novos não se aproximam da política e ficamos a pensar na questão de o voto passar a ser um direito aos 16 anos. O que é que estes jovens sabem de política para poderem votar? Mas mais valia pensarmos se a política tal como tem sido feita não está desfasada da realidade, não envolve rituais e premissas e subentendidos que já são passado. O entusiasmo com que foi acolhida a eleição de Obama, a expectativa que a ação do papa Francisco desencadeou, tudo isso são sinais de que a política não é um esquema previsível e imutável ao qual temos de subordinar-nos sem perguntas nem dividas nem golpes de asa.

Justin Trudeau, 43 anos, deu prioridade às questões ambientais e, não por acaso, confiou-as a Catherine McKenna, 44 anos, ministra do ambiente e das alterações climáticas. Ele próprio ficou com a pasta da juventude. Por que é que Justin age assim? A resposta dele é a melhor e, bolas, aplica-se a tanta coisa pelo mundo fora: "Porque estamos em 2015". ■

XXXXXXXX
XXXX
XXXXXXXX
XXXXXXXXXX
XXXXXXXXXX
XXXXXXXXXX
XXXXXXXXXX
XXXXXXXXXX
XXXXXXXXXX
XXXXXXXXXX
XXXXXXXXXX

A empresa



Fig. 1. Logo da empresa

Sendo anteriormente conhecida como *Controlinveste*, adquiriu em 2014 o nome *Global Media Group* e tem como origem a *Olivesdesportos*, fundada em 1984 por Joaquim Oliveira. É um dos maiores grupos de *media* em Portugal com presença nos setores da Imprensa, Rádio e Internet.

A agência *Global imagens*, fundada em 2010, é uma agência de fotógrafos que pertence ao mesmo grupo e que tem um vasto banco de imagens.

A empresa, publica vários jornais diários, como o *Açoriano Oriental* (o mais antigo jornal de Portugal), fundado em 1835; o *Diário de Notícias (DN)* – considerado um dos mais importantes títulos da imprensa nacional – fundado em 1864; o *Diário de Notícias da Madeira*, fundado em 1876; o *Jornal de Notícias (JN)*, fundado em 1888 e o *Jogo*, jornal desportivo que foi fundado em 1985. Semanalmente é publicado o *Jornal do Fundão*, jornal regional que foi fundado em 1946. Além disso, publica ainda um jornal digital sobre economia, o *Dinheiro Vivo*, constituído em 2011, e que é semanalmente impresso como suplemento na edição de sábado com o *DN* e o *JN*.

Atualmente, a *Global Media Group* publica várias revistas como a *Açores*, revista semanal com o *Açoriano Oriental*; a *Evasões (EV)*, fundada em 1997, revista semanal de lazer, suplemento vendido com o *JN* e *DN* à sexta-feira e em banca, vendida separadamente, a partir de sábado; a *Mais*, revista semanal suplemento de domingo com o *Diário de Notícias da Madeira*; a *Notícias Magazine (NM)*, fundada em 1992, suplemento de domingo do *JN* e *DN*; o *JN História*, fundada em 2015, revista trimestral com temas ligados a história; a *Volta ao Mundo (VM)*, fundada em 1994, revista mensal de viagens. E ainda tem um site feminino o *Delas.pt*, fundado em 2016.

O grupo também conta com uma rádio, a *TSE*, fundada em 1988.

No setor da impressão o grupo conta também com duas gráficas, a *Gráfica Funchalense* (Lisboa - 1989) e a *Naveprinter* (Porto - 1990). No setor da distribuição em pontos de venda, o grupo conta com a *VASP, S.A.* e na distribuição porta-a-porta com a *Notícias Direct, Lda.*

Ao grupo pertence ainda um arquivo, o *Centro de Documentação*, com mais de 100 anos.

A *Global Media group* participa na estrutura acionista da *Lusa* – Agência de Notícias de Portugal – e nas cooperativas *VisaPress* e *Notícias Portugal*.

DUR – Direção de Unidade de Revistas

No quinto andar do edifício n.º 266 da Avenida da Liberdade fica a redação da *DUR*, no edifício *Diário de Notícias* do arquiteto Pardal Monteiro. A redação da unidade de revistas está dividida por partes, o grupo de arte, os jornalistas de cada publicação (*Notícias Magazine*, *Evasões e Volta ao Mundo*) e o grupo responsável pelo recente site o *Delas.pt*.



Fig. 2. Redação
(Fotografia: Fátima Gonçalves)



Fig. 3. Edifício *Diário de Notícias*
(Fotografia: Fátima Gonçalves)

A equipa

O departamento de revistas é dirigido pela diretora editorial Catarina Carvalho.

Na coordenação das revistas e dos seus conteúdos encontramos uma equipa, constituída por um conjunto de jornalistas editores, nomeadamente Paulo Farinha (editor executivo) e Catarina Pires, responsável pela *Notícias Magazine*; João Mestre, Dora Mota e Tiago Guilherme pela *Evasões* e Ricardo Santos pela *Volta ao Mundo*. A principal função dos jornalistas editores é a de fazerem a seleção de conteúdos que posteriormente são aprovados pela diretora editorial.

O grupo de arte é composto pelo diretor de arte Rui Leitão, o diretor de arte adjunto Pedro Botelho e os designers Ana Faleiro, Carla Oliveira, Rute Cruz, Miguel Vieira e a designer colaboradora Lília Gomes. Esta é a equipa responsável pela paginação das revistas. Ao longo de 6 meses eu e a minha colega Fátima Gonçalves, também aluna do Mestrado em Design Editorial, fizemos parte desta equipa, enquanto estagiárias.

Fig. 4. Equipa de trabalho
(Fotografia: Fátima Gonçalves)



As revistas

A revista *Evasões*, fundada em 1997, é uma revista semanal que tem como principais temáticas viagens, hotéis, gastronomia e vinhos, turismo, cultura e televisão. A revista sai à sexta-feira como suplemento do *JN* e do *DN* e a partir de sábado é vendida em banca pelo valor de €1,60.

A *Notícias Magazine (NM)* é uma revista semanal fundada em 1992, suplemento de domingo do *JN* e do *DN*. É uma revista de informação geral, que tem como principal objetivo oferecer ao leitor uma informação rigorosa e independente, e em que possa confiar.

A revista *Volta ao Mundo (VM)*, fundada em 1994, é uma revista mensal e a primeira revista de viagens lançada em Portugal.

Processo de paginação

No processo de paginação, os programas utilizados nas revistas são: o *Indesign CS4*, o *Photoshop CS4* e o *Illustrator CS4*.

O *servidor* é a base de trabalho da revista, onde são disponibilizados - normalmente pelo editor da respetiva revista os textos redigidos, as imagens - que são pedidas ao responsável da pesquisa fotográfica - e onde se encontram os *templates*. O trabalho realizado é colocado no servidor para que este seja editado e revisto assim como as imagens escolhidas para que as mesmas sejam editadas pelos editores de imagem.

Template é uma página tipo - criado pelo designer(s) / criador(es) do layout da revista - onde se encontram os estilos para texto, títulos, destaques, legendas, disposição de página, grelhas, entre outras. Existem diferentes tipos de *templates*: em alguns só é necessário que se introduza a informação no espaço existente para o texto (por exemplo crónicas - figura 5 e 6). Noutros a sua estrutura não pode ser muito alterada, pois a página final tem de ficar muito semelhante (por exemplo hobby na *NM* ou a secção *apetece* na *EV* - figura 7 e 8) em que normalmente se utiliza a página da edição anterior como *template*. Existem ainda ou-

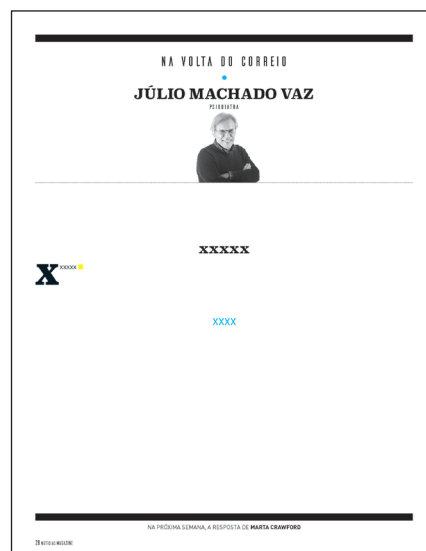


Fig. 5.6. Template e página de uma crónica da revista NM





Fig. 7. 8. Template e página da secção *apeteece*



Fig. 9. 10. Plano da revista *EV* e plano da revista *VM*

EVASÕES - 30 OUT				LISBOA - versão 01			
	Pag.	Artigo	PUB		Pag.	Artigo	PUB
CAPAS	1	CAPA		60			PUB
	2	EDITORIAL-FICHA TECNICA	PUB	59			PUB
	3			58	APETEECE ESTAR AQUI		
	4		PUB CASA	57	FIM DE SEMANA	1/2 alto	
1ª Cad. Igual LP	5	APETEECE - Abertura		56	FIM DE SEMANA -		
	6	APETEECE - Compar		55	FIM DE SEMANA -		
	7	APETEECE - Compar		54	FIM DE SEMANA - S. J. Madeira		
	8	APETEECE - Descobrir RUA		53	NOITE - Porto		
2ª Cad. Igual LP	9			52	NOITE - Lisboa		
	10	APETEECE - FICAR	PUB	51	EXPOSICOES		
	11	APETEECE - Comer e Beber	PUB	50	CINEMA		
	12	APETEECE - Comer e Beber		49	CINEMA	quadrado	
3ª Cad. Muda LP	13	APETEECE - Comer e Beber	1/2 alto	48	CINEMA		
	14	APETEECE - Ar Livre		47	TEATRO		
	15		PUB	46	MUSICA		
	16	CAPA - Cerveja		45	CAPA SAIR		
4ª Cad. Muda LP	17	CAPA -		44		PUB CASA	
	18	CAPA -		43	VINHOS		
	19	CAPA -		42	CRITICA		
	20	CAPA -		41	RESTAURANTE -		
5ª Cad. Igual LP	21	CAPA -		40	RESTAURANTE -		
	22	CAPA -		39	TEMA 4 -	1/2 baixo	
	23	CAPA -		38	TEMA 4 -		
	24	CAPA -		37	TEMA 4 -		
6ª Cad. Igual LP	25	CAPA -		36	TEMA 4 - Poupança		
	26	CAPA -		35	TEMA 3 -		
	27	CAPA -		34	TEMA 3 - Antiquum		
	28	TEMA 2 - Halloween		33	TEMA 2 -	1/2 alto	
7ª Cad. Igual LP	29	TEMA 2 -		32	TEMA 2 - Halloween kids		
	30	TEMA 2 -		31	TEMA 2 -		
	31	TV		30	TV		
	32	TV		29	TV		
	33	TV		28	TV		
	34	TV		27	TV		
	35	TV		26	TV		
	36	TV		25	TV		

tros *templates* para artigos, que contêm alguns exemplos de entradas, disposição de imagens, destaques e legendas de forma a que os artigos sejam paginados de acordo com o *design* aplicado na publicação.

Inicialmente é criado um plano pelo jornalista editor da revista com a disposição das páginas e publicidade como podemos ver nas figuras 9 e 10. Nesse plano também consta a data em que sai a revista, o número da edição e no caso da Evasões vem a informação da versão da revista, versão Norte, Sul ou única.

Quando o texto fornecido pelo jornalista é demasiado longo, ultrapassando o espaço definido para este, o paginador e o jornalista encontram uma solução conjunta para que o artigo resulte. Desta forma, ou o jornalista revê o texto e corta os caracteres suficientes para que o texto encaixe, ou o paginador corta nos espaços brancos e nas imagens. Há ainda a possibilidade do jornalista em conjunto com o diretor de arte, o paginador e o editor reverem o plano, podendo atribuir mais páginas àquele artigo.

Em algumas secções também se pode efetuar mais do que uma versão (figura 11 e 12). Nesses casos, cabe depois ao diretor de arte escolher. O mesmo acontece com as entradas de artigos.

A VOLTA AO MUNDO									
N.º 254 (dezembro 2015) versão: 01 data: 08.11.15									
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15 16 17 18 19 20 21 22 23 24 25 26 27 28 29 30 31 32 33 34 35 36 37 38 39 40 41 42 43 44 45 46 47 48 49 50 51 52 53 54 55 56 57 58 59 60 61 62 63 64 65 66 67 68 69 70 71 72 73 74 75 76 77 78 79 80 81 82 83 84 85 86 87 88 89 90 91 92 93 94 95 96 97 98 99 100									



Fig. 11.12. Exemplo diferentes versões na secção *HOBBY*

Escolha da capa

A capa é, normalmente, criada pelo diretor de arte ou pelo diretor de arte adjunto.

A imagem de capa é, habitualmente, de um destaque dessa edição sem que se repita no interior da mesma. As imagens das matérias em destaque são da autoria de um fotógrafo da *Global Images* e do leque de imagens disponíveis, é escolhida uma imagem, a que se considera ser a mais apelativa para capa. Quando não existe uma imagem que vá de encontro ao idealizado e pretendido, o designer recorre a um dos bancos de imagens, habitualmente utilizados, *Corbis* ou *Getty Images*.

Quando há dúvidas sobre qual a melhor imagem, são feitas várias capas e estas são expostas para serem discutidas pela equipa. A decisão final pertence à diretora editorial.



Fig. 13. Exemplo caderno de programação da revista EV



Fig. 14. Seção NÚMEROS da revista NM

O estágio

O estágio curricular começou no dia 5 de outubro de 2015 e teve a duração de 6 meses vindo a findar a 31 de março de 2016.

O orientador de estágio foi o diretor de arte Rui Leitão e o co-orientador, o diretor adjunto Pedro Botelho.

Este estágio iniciou-se com uma visita à DUR. Foram atribuídas duas designers para uma melhor ambientação aos procedimentos da redação e para a realização dos primeiros exercícios. Fui apoiada pela Ana Faleiro, paginadora da NM, acompanhou-me na introdução aos métodos de trabalho utilizados. Acompanhei a Ana Faleiro durante a primeira semana, colaborando na paginação de grelhas do caderno especial da revista *Evasões* (figura 13).

Com mais autonomia e responsabilidade, e também já mais confiante no conhecimento adquirido, paginei as primeiras páginas para publicação, em conjunto com a minha colega de estágio. A figura 14 é um exemplo dessas primeiras páginas e que pertence ao antigo design da *Notícias Magazine*.

Ao longo dos 6 meses de estágio participei ativamente nas três revistas, sendo a minha maior participação na paginação das revistas *Notícias Magazine* e *Evasões*. As seguintes imagens que apresento mostram exemplos do meu trabalho, paginações efetuadas por mim, que foram publicadas.

Revista Evasões

A secção *apetece* corresponde às primeiras páginas da revista. Os exemplos apresentados (figuras 15 a 18) são das várias subsecções. Trata-se de páginas em que não existem alterações substanciais no design de semana para semana, mas em que se tentam dinamizar de acordo com o tema proposto. O *apetece planear* tem sempre as colunas coloridas mudando as imagens nas várias edições. O *apetece descobrir* é sempre igual mudando a rua nas diferentes edições. É criado um mapa das ruas em cada número, mas a sua estrutura mantém-se. O *apetece passear* tem um assunto em destaque encontrando-se os restantes em segundo plano. A figura 15 é um exemplo de um número com uma estrutura



Fig. 15. 16. 17. 18.. Páginas publicadas da secção *apeteece*

diferente pois o assunto permitiu criar um mapa que diferenciou a página.

Outra secção da revista é o *sair*. Neste exemplo, *sair para ficar* (figura 19), a página não sofre muitas alterações de número para número, respeitando os estilos respectivos. A dinamização é conseguida com a utilização de imagens, primeiro mostrando o local em destaque e depois os seus pormenores. O objetivo destas páginas é este, do geral ao pormenor.



Fig. 19. Exemplo secção *sair*

Revista Notícias Magazine

Nas figuras 20 a 22, está um exemplo da secção *OPOSTOS*. Nesta edição foram criadas duas versões da mesma página. Posteriormente foi escolhida uma das versões pelo diretor de arte.

Fig. 20. 21. 22. Duas versões da secção *OPOSTOS*, artigo de 3 páginas em que a última é igual em ambos



A secção *LIÇÕES DE VIDA* é uma secção com maior liberdade em termos de design. É uma secção onde se expõe um perfil de uma personalidade e que, dependendo dos tópicos, é dada a liberdade para criar diferentes ícones e dar uma dinâmica diferente à página.

Fig. 23. 24. Secção *LIÇÕES DE VIDA*



O sumário existe em duas versões, com a imagem na vertical e com a imagem na horizontal. No *template* do sumário existem estas duas versões e não são alteradas, apenas se substituem as imagens e os textos.

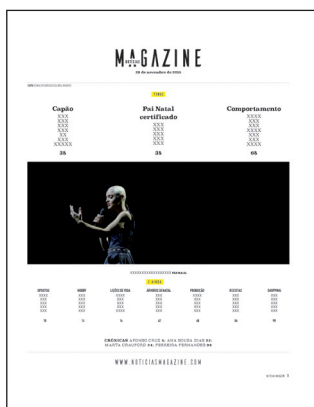


Fig. 25. 26. Sumário da revista NM

O *HORÓSCOPO* é uma secção onde para além das previsões de cada signo, se encontra a ficha técnica. O seu design não é alterável pois apenas se substitui o texto. A figura 28 representa a sua versão com publicidade.



Fig. 27. 28. Secção *HORÓSCOPO* da revista NM

Revista *Volta ao Mundo*

Roteiro de Lille foi o único artigo que paginei na revista *Volta ao Mundo*. É uma secção que se faz acompanhar de um mapa indicativo dos locais descritos. A fotografia é importante, razão pela qual, existiu um cuidado especial na escolha das imagens que pudessem ilustrar da melhor forma, o artigo. Foram criadas várias opções para este artigo em que, em conjunto com o designer coordenador Miguel Vieira, foi escolhido o melhor a apresentar ao diretor de arte e ao jornalista editor Ricardo Santos. Para realizar a paginação deste artigo analisei vários artigos de outros números a fim de conseguir o melhor resultado final mantendo o mesmo padrão, mas, diversificando.



Fig. 29, 30. Roteiro de Lille publicado no n.º 257 da revista VM

Exercícios

Para um primeiro exercício foi pedido para desenhar a primeira e a última crónica da NM, de acordo com o novo design. Foi cedido um exemplo para a primeira crónica (figura 31) que é escrita pela diretoras das revistas Catarina Carvalho. De acordo com o novo design, criei o exemplo da figura 32. A primeira e última crónica têm um design diferente das restantes pois são fixas, dado que são sempre escritas pelas mesmas pessoas.

O resultado final da última crónica, escrita por Ferreira Fernandes, pode ser observado na figura 33.



Fig. 31. Exemplo de crónica a seguir
Fig. 32. Resultado apresentado para a primeira crónica
Fig. 33. Resultado apresentado para a última crónica



Outro dos exercícios pedidos, foi o de adaptar uma reportagem fornecida as imagens que tinham disponíveis para a reportagem e o template para artigo da NM. Inicialmente foi realizada uma escolha de

25 imagens e em seguida foi feita a paginação respeitando as regras da NM. O resultado foi este que se encontra nas figuras 34 a 38.



Fig. 34. 35. 36. 37. 38.
Reportagem da revista
VM com design
da revista NM

Os três melhores exemplos apresentados nas figuras 39 a 41, mostram um exercício consistiu em criar diferentes capas para a edição de dezembro da *Volta ao Mundo*. Foram fornecidas imagens de todas as reportagens principais e secundárias da revista. De entre as imagens fornecidas fiz uma escolha das que dariam uma boa capa.



Fig. 39. 40. 41.
Propostas de capas
para a revista VM
edição de dezembro

Outro exercício foi a criação de uma nova secção para a VM dedicada a fotografias enviadas pelos leitores. O desafio, consistia em criar uma dupla página que contivesse a ficha técnica e um número definido de imagens e a sua disposição em página, visto não existir um formato (vertical ou horizontal) predefinido. Tive em conta diversos fatores, respeitando a tipografia e a linha da revista e o melhor resultado foi o que está representado na figura 42.

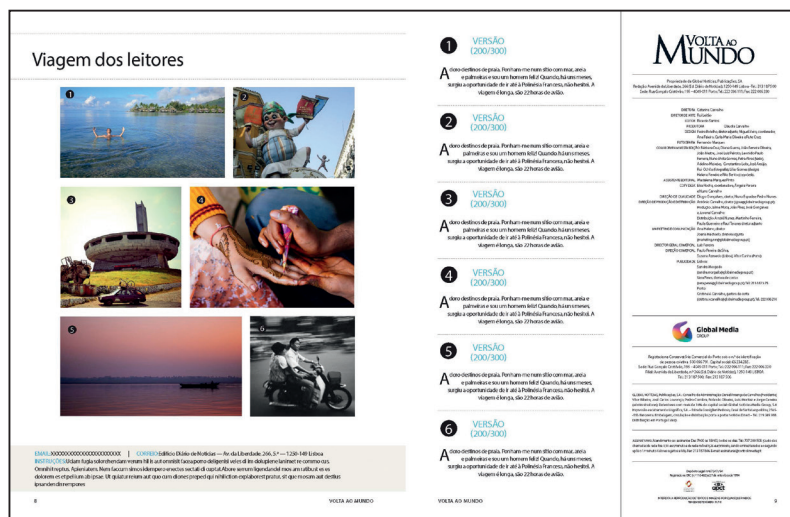


Fig. 42. Proposta para a nova
secção Viagem dos leitores
para a revista VM

Por fim, foi-me proposto pelo orientador de estágio Rui Leitão, o redesign da revista *Evasões*, no que concerne ao logo, da capa e da secção *apetece*. O objetivo era dar uma nova imagem à revista, mantendo a

mesma tipografia, tendo em conta que o público alvo são pessoas com idades compreendidas entre os 35 e os 55 anos de idade. Foi fornecido o número 36 da revista como base.

Realizei diferentes testes com vista a alteração do logo da revista, experimentando com versões mais próximas e mais afastadas do logo já existente. Apliquei à minha capa os diferentes logos de modo a avaliá-los em contexto, e por forma a escolher um. Estas capas têm uma barra ao alto do lado esquerdo com o propósito de a revista poder ser um objeto colecionável e que com a alteração de cor se tornaria mais fácil identificar os diferentes números (figura 44 a 46).

O meu objetivo foi atribuir à revista um ar mais limpo, com mais espaços brancos, de uma forma organizada. Nas páginas seguinte mostro os vários exemplos que fiz para as diferentes seções com o n.º 36 da revista para comparação.



Fig. 43. Capa com o design do n.º 36 da revista EV

Fig. 44. 45. 46. Novas propostas para o design da capa





Fig. 47. Sumário com o design do n.º 36
Fig. 48. 49. Novas propostas de design para o sumário



Fig. 50. Secção *apetece planear* do n.º 36
Fig. 51. 52. Novas propostas de design para a secção *apetece planear*





Fig. 53. Secção *apetece passear* do n.º 36

Fig. 54. Nova proposta de design para a secção *apetece passear*



Fig. 55. Secção *apetece descobrir* do n.º 36

Fig. 56. Nova proposta de design para secção *apetece descobrir*



Apreciação do estágio curricular

Quando comecei o meu estágio curricular, estava muito entusiasmada e até ansiosa. A vontade de pôr em prática todos os conhecimentos adquiridos durante o primeiro ano do Mestrado em Design Editorial era muito grande e simultaneamente também existia uma enorme curiosidade em saber como era, realmente, trabalhar numa redação.

Fui recebida por uma grande equipa, vários paginadores e vários jornalistas, já que eram três revistas. Na primeira semana, ao observar os novos colegas paginadores, cresceu uma vontade de participar ativamente e assim aconteceu. Durante todo o decorrer do estágio, participei de forma produtiva, nas revistas. Ficou a vontade de ter participado mais na revista *Volta ao Mundo*, publicação para qual me candidatei para estágio.

Chegando ao fim ficou também o desejo de continuar pois já estava incluída numa equipa, já estava ambientada e já tinha entrado no ritmo. Adquirir novos conhecimentos, crescer pessoalmente e profissionalmente, foi sem sombra de dúvida uma experiência boa e produtiva, que recomendo a qualquer colega futuro.

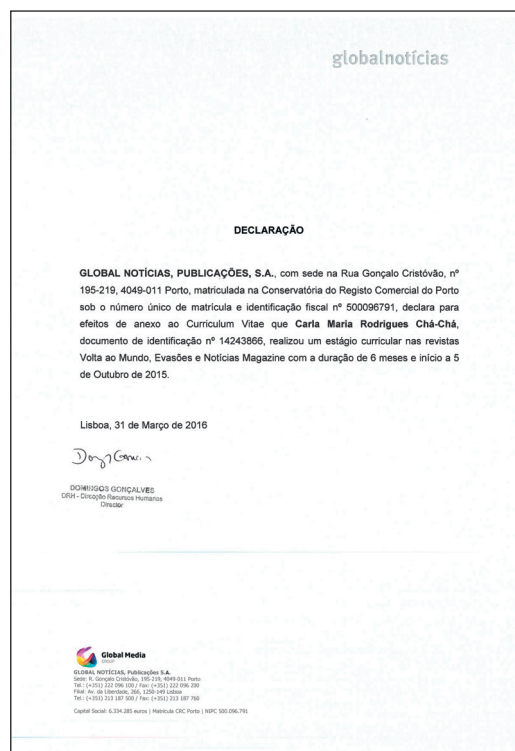


Fig. 57 Declaração de estágio

Desenho de MARTINS BARATA

Aquela «rubla», de cabelos em bandós, tem um decote em V, exagerado, halucinado, que não dá nem beleza nem graça, que não chega a

Os meus amigos por
closo, os volteios dos
em arabescos de safan
go, que veiu do pami
numa necessidade mori
São três da manhã. E

ONDE SE CONTA UM CASO VERDADEIRO,
PASSADO ENTRE DOIS PEQUENOS GALE-
GOS E QUE É UMA ADMIRÁVEL PAGINA
DE SOLIDARIEDADE HUMANA—E DE TER-
NURA FRATERNA.

RA um dia, claríssimo e fino, em Abril. Este céu de Lisboa tem, às vezes, depois das semanas de

sorriso macerado e doente, lá
a vêr brincar os garotos que
apinhára na rede miada de
noturnos.

peças, luzidas como
haviam nas correrias
escumalha de pequ
aia, purificada pela
o bom sacerdote, uma
despreocupada e sádi
tas perdas no espe
ele recolhi-as com u
as da mácula ou e
e lançava-as então
homens úteis, seguin
curando talvez conse

E' assim. Com energia e com trabalho que, pela primeira vez em Portugal, se faz rotogravura! Animos alevantados e crenças firmes, resolveram trazer para o nosso paiz o difficilimo e moderno processo de gravura em cobre. E o resto e o que o publico tem visto:—



Um detalhe da tipog



R. D. PEDRO V-18
TEL: 6371-N. LISBOA
OPTICUS & ACTUAL

ilustrado

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL
DIOS & UTILIDADES

CASA EM

(«Composição» exclusiva para o DOMINGO ILUS-TRADO feita por tres grandes de 75 . . .)

Aspecto da sala de arquivamento do tipo "domingo"

O Notícias Ilustrado

e Leitão de Barros

«O homem que passa»

Breve introdução

Neste capítulo abordamos Leitão de Barros e os vários aspetos ligados à sua vida desde as ligações familiares, onde encontramos nomes de vários artistas importantes daquela época, às várias facetas deste homem que não se deixou ficar por só uma atividade. Dedicou-se, na sua maioria, ao mundo das artes sendo atualmente mais conhecido pela sua ligação ao cinema.

Encontramos também a investigação sobre a revista *O Notícias Ilustrado*, semanário publicado no início do século XX. Esta é uma abordagem que inclui vários aspetos desde os vários colaboradores que teve às várias revistas existentes na época e em como estas se distinguem do nosso objeto de estudo.

Leitão de Barros **«O homem que passa»**

«O homem que passa» foi um pseudónimo de Leitão de Barros que podemos encontrar nas páginas de *O Notícias Ilustrado*. Esta assinatura estava presente em várias novelas sentimentais nesta publicação, mas Leitão de Barros também assinava com o seu nome próprio, na sua maioria, artigos sobre cinema.

Com toda a pesquisa sobre o assunto, não foi possível encontrar uma justificação para tal pseudónimo, só a ligação a uma peça de teatro «O homem que passa», que estreou em 1923, com argumento da autoria do próprio.

Uma coisa é certa, Leitão de Barros foi efetivamente um homem que passou e marcou

Fig. 58. Assinatura «O homem que passa» (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 59. Novela assinada por «O homem que passa» (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Portugal e o século xx, deixando um enorme legado cultural no nosso país.

Local de pesquisa

No Centro de Documentação do *Diário de Notícias*, pertencente à *Global Media Group*, encontram-se quase todos os exemplares de *O Notícias Ilustrado*. Durante a pesquisa verificamos que faltavam alguns números do segundo semestre de 1934 – do número trezentos e dezasseis até ao número trezentos e quarenta e dois – que não foram encontrados durante o tempo durante a investigação no local, desconhecendo-se o que lhes aconteceu. Podemos encontrar online, no site da Hemeroteca Digital, alguns exemplares da revista.

Neste arquivo constam milhares de provas fotográficas, desde negativos a chapas de zinco e impressões, desde a sua existência guardados na cave do edifício *Diário de Notícias*, na altura da pesquisa.

O *Diário de Notícias*, tem arquivado todos os seus números e de todas as publicações que têm vindo a pertencer ao grupo. Além das publicações, encontramos neste Centro de Documentação maquetes, registos bibliográficos e milhares de documentos escritos e fotográficos.

Trabalham no Centro de Documentação Simões Dias que é o seu diretor, além de Cristina Cavaco, Sara Guerra e Luís Matias.

Fig. 60. 61. Centro de Documentação do *Diário de Notícias* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Enquadramento

Histórico

Época: Estado Novo (1926-1974)¹

No final do século XIX e início do séc. XX, Portugal passou por várias revoltas políticas. Desde o fim da Monarquia (1143-1910) a 5 de outubro de 1910, que levou à Implementação da República com a Revolução Republicana, até se instaurar a ditadura e o Estado Novo, época em que foi publicado *O Notícias Ilustrado*, objeto de estudo desta dissertação.

O fim da Monarquia levou à criação da Primeira República, que vigorou até 1926. A 28 de maio de 1926, liderada pelo general Gomes da Costa², ocorreu um golpe de estado baseado em um movimento militar nacionalista e antiparlamentar que pôs fim à Primeira República Portuguesa. Assim nasceu o Estado Novo ou a Segunda República, que vigorou até 25 de abril de 1974. Mais tarde, a 9 de julho de 1926, Óscar Carmona³ forma governo e é eleito Presidente da República a 25 de março de 1928.

O Estado Novo também foi denominado de Salazarismo devido a António de Oliveira Salazar⁴. Este assumiu o cargo de Ministro das Finanças em 1928 onde se manteve até 1932 quando foi eleito Presidente do Conselho de Ministro. Afasta-se dessa posição em 1968 por motivos de saúde tomando o seu lugar Marcello Caetano⁵, que o assegurou até ao fim do Estado Novo em 1974.

Durante todos estes regimes políticos, houve o cuidado de legislar e de controlar a liberdade de expressão e os meios de comunicação através da censura, que abrangia vários domínios como o teatro, a rádio, a televisão, o cinema e a imprensa.⁶

As primeiras evidências de restrição da liberdade de expressão em Portugal remontam a 1451. Historicamente são muitos os indícios da censura aplicada pelo regime monárquico com influências religiosas.

Cinco dias após a Implantação da República, restituiu-se o direito à

¹Fontes:

<<http://www.parlamento.pt>>
<<http://ensina.rtp.pt>>

² Manuel de Oliveira Gomes da Costa nasceu em Lisboa a 14 de janeiro de 1863 e faleceu em Lisboa a 17 de dezembro de 1929. Foi um militar, político, presidente do Ministério e décimo presidente da República Portuguesa. Fonte: <<https://www.infopedia.pt/>>

³ António Óscar de Fragoso Carmona nasceu em Lisboa a 24 de novembro de 1869 e faleceu em Lisboa a 18 de abril de 1951. Foi militar, presidente do Ministério e o 11.º Presidente da República. Fonte: <<http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt>>

⁴ António de Oliveira Salazar nasceu em Lisboa a 28 de abril de 1889 e faleceu em Lisboa a 27 de julho de 1970. Chefiou vários ministérios, presidente do Conselho de Ministros, professor catedrático e chefe de governo, como designamos hoje de Primeiro-Ministro. Fonte: <<http://oliveirasalazar.org/>>

⁵ Marcello José das Neves Alves Caetano nasceu em Lisboa a 17 de agosto de 1906 e faleceu no Rio de Janeiro a 26 de outubro de 1980. Foi juriconsultor, professor, político e o último Presidente do Conselho do Estado Novo. Fonte: <<https://www.infopedia.pt/>>

⁶ Fonte:

TENGARRINHA, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Editorial Caminho, Lisboa, 1989, pp. 77-78.

CARVALHO, Alberto Arons, *A censura e as leis de imprensa*, Lisboa, Seara Nova, 1973.

⁷ Primeira Guerra Mundial, também conhecida como Grande Guerra, foi uma guerra global localizada na Europa que começou a 28 de julho de 1914 e durou até 11 de novembro de 1918.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

liberdade de expressão através do jornalismo, o que era considerado uma base fundamental onde deviria se estabelecer a República, em Portugal. Essa liberdade de expressão era regulada pelo Decreto com força de lei datado de 28 de outubro de 1910, que afirmava que o direito de expressão pela imprensa era livre, mas que a imprensa era somente considerada como tal, a imprensa periódica ou periódicos que não abordem exclusivamente um assunto em particular, como política, religião ou ciência, com distribuição fixa num determinado tempo ou que seja publicado regularmente. Qualquer infração a este decreto, acima mencionado e aos decretos que se seguiram a este, era julgada por um júri que determinava a gravidade da mesma.

Já no decorrer da Primeira Guerra Mundial⁷, foi instaurada em Portugal a censura prévia, a 12 de março de 1916. Este evento de escala mundial serviu como justificação para a censura de modo a não colocar a defesa nacional em risco, mas finda a Primeira Guerra Mundial, a censura continuou instaurada.

Após o golpe militar de 1926, foi aprovado um decreto que assegurava a liberdade de pensamento, mas esta liberdade não demorou muito até a uns dias depois ter sido instaurada novamente a censura prévia. A 22 de junho de 1926 foi criada a Comissão de Censura com sede em Mafra onde as publicações passaram a serem obrigadas a enviar quatro provas de página. A informação censurada era retirada das páginas e estas publicações não podiam deixar os espaços em branco que existiam devido a essa informação censurada. As deslocações a Mafra eram demasiado dispendiosas de forma a que algumas, destas publicações, abriram falência.

A única constituição a justificar a Censura, foi a Constituição Portuguesa de 1933. Esta explicava que a função da censura era impedir a corrupção da opinião pública. O objetivo da Comissão de Censura era defender a opinião pública de todos os fatores que a possam desorientar da verdade, da justiça, da moral e do bem comum. O que veio a acontecer foi que as publicações foram obrigadas a publicar a «verdade» que convinha ao Estado Novo. A primeira vez que foi publicada a frase «Este número foi visado pela Comissão de Censura» foi a 24 de junho de 1926.⁸

Durante toda a publicação de *O Notícias Ilustrado*, verificou essa mesma mensagem nas suas páginas.

Os livros não estavam sujeitos à censura, mas podiam ser apreendidos depois de publicados.

⁸ Fonte: CARVALHO, Alberto Arons, *A censura e as leis de imprensa*, Lisboa, Seara Nova, 1973, p. 37.

Fig. 62. Nota sobre a censura publicada em *O Notícias Ilustrado*, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

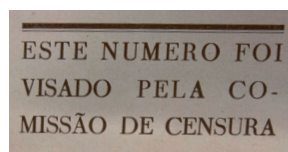




Fig. 63. Capa de *ONI* com o general Óscar Carmona publicada no n.º 2 da série I, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 64. Capa de *ONI* com Salazar, na época em que foi ministro das finanças publicada no n.º 182 da série II, Centro de Documentação DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 65. Capa de *ONI* com Salazar, com a legenda «ultimo retrato inédito(...)» no n.º 370 da série II, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 66. Reportagem sobre a ida de Salazar ao Porto publicada no n.º 308 de *ONI*, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

A importância do jornal e da revista no séc. XX

Antes de falar do papel do jornal no séc. XX é importante contextualizar a origem do mesmo.

O primeiro jornal de que há registo foi o *Acta Diurna*. Inicialmente eram apenas umas tábuas de pedra criadas por Júlio César, em Roma, com o objetivo de publicar os eventos e o seu local. Mais tarde, sob o governo do imperador Augusto, essas tábuas evoluíram para o *Acta Diurna*. Datado de cerca de 59 A. C., tinha o objetivo de informar o público sobre acontecimentos importantes. Este era esculpido em metal ou em pedra. O primeiro jornal em papel foi publicado na China, no séc. VIII, e chamava-se *Notícias Diversas*.

⁹ Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg nasceu em Mains em 1398 e faleceu em Mainz em 1468. Foi inventor que ficou conhecido pela invenção da prensa mecânica e pela impressão da Bíblia de 42 linhas.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

Mais tarde, a invenção dos tipos móveis e da prensa mecânica por Johann Gutenberg⁹, veio revolucionar o livro tal como era conhecido até à altura. Antes de Gutenberg, os livros eram escritos à mão e sendo este um processo demorado, os livros eram objetos muito caros e de difícil aquisição. A prensa mecânica veio facilitar e aumentar o modo de produção, o que facilitou a propagação de ideias e conhecimento.

Por todo o séc. XVII, nos países da Europa ocidental (Alemanha, Bélgica, França e Inglaterra), começaram a surgir as publicações periódicas. Estes jornais continham maioritariamente notícias nacionais, ocasionalmente também notícias sobre a Europa e mesmo sobre a América e a Ásia.

No século XIX, o jornal torna-se o principal veículo divulgador da informação, tornando os seus proprietários grandes influenciadores da opinião pública, bem como se tornaram bastante influentes junto do poder político. Como consequência, os seus proprietários ganharam poder. Posteriormente, com o aparecimento da rádio, nasce uma necessidade de melhorar o jornal não só no seu conteúdo com também no seu aspeto visual.

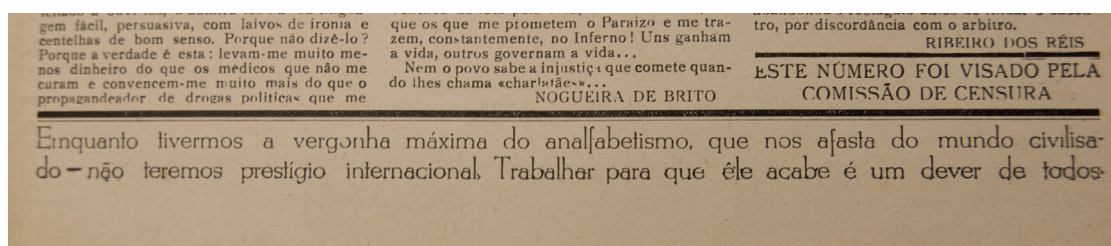
Com o aparecimento da censura no jornal, estes são impedidos de noticiar assuntos que pudessem incitar o público a uma atitude de oposição. Juntamente com a censura também veio a necessidade de criar leis que protegiam a liberdade de imprensa.

Em Portugal, como em toda a Europa, aos meios de comunicação como o jornal e a revista tinham como objetivo dar o conhecer o seu país, não só a nível nacional como também no estrangeiro. Por cá,

sentia-se a necessidade de dar a conhecer ao povo Português a sua história, os seus acontecimentos e os seus eventos nas mais diversas áreas, glorificando os seus principais históricos. No início do séc. XX, a percentagem de população em Portugal analfabeta era muito alta, o que dificultava a difusão das publicações.¹⁰

Com o fim da Monarquia e a implementação da república, houve uma necessidade de aumentar drasticamente o alfabetismo entre a população. Foram criadas escolas por todo o país, nos meios urbanos e nos meios rurais, mas estas não tinham muita aderência fora das grandes cidades. No meio rural, as crianças das famílias mais carenciadas, ajudavam em todo o tipo de trabalhos relacionados com o campo e por isso, estas não iriam dispensar mais um par de mãos para o mesmo se dedicar à escola, quando consideravam mais produtivo os trabalhos da lavoura. Essa notória falta de interesse devia-se, muitas vezes, ao facto de classificarem o ensino como uma atividade para classes sociais superiores, sendo que a simbologia atribuída ao livro na época, identificava o portador de tal objeto como alguém com um estatuto superior na sociedade tornando o livro um objeto caro e de difícil aquisição por classes económicas mais baixas. Mais tarde chegaram a conclusão, de que a criação de escolas para ler e escrever não chegava para fazer descer aqueles números exorbitantes de analfabetos em Portugal, era necessário implementar outros métodos. Mais tarde foi implementado a escolaridade obrigatória, primeiro de 3 anos e mais tarde de 4 anos.

¹⁰ Fonte: <<https://www.publico.pt/2010/08/31/jornal/analfabetismo-e-educacao-popular-19905476>> (consultado a 23 de agosto de 2017)



As publicações da altura não tinham qualquer tipo de dinâmica, o que em termos de design podemos considerar fraca. Era paginado sempre em colunas, com pouca imagem, o que tornava as publicações pouco atrativas. Isso dificultava a adesão do leitor, falhando consequentemente a missão de difusão de informação.

Fig. 67. Nota sobre o analfabetismo publicada em *O Notícias Ilustrado*, Centro de Documentação DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

¹¹ Fonte: <<http://www.dnescolas.dn.pt>>

Diário de Notícias*¹¹, a casa-mãe d' *O Notícias Ilustrado

O *Diário de Notícias* surge na segunda metade do século XIX, mais propriamente em 1864.

Desde o seu primeiro número, o jornal apresentou-se como um meio de comunicação exclusivamente informativo transmitindo a verdade aos seus leitores tentando não influenciar o seu pensamento e opinião. O objetivo do seu fundador, o objetivo principal de Eduardo Coelho fundador do DN, era um jornal noticioso, compilando todas as notícias do dia, nacionais e internacionais de todas as especialidades.

Tendo existido em três séculos diferentes, noticiou vários acontecimentos históricos entre os quais: a queda da Monarquia, a Implementação da República, a Primeira Guerra Mundial, os golpes de estado até a formação do Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial, a Revolução dos Cravos e passagem do milénio.

Nos seus cento e cinquenta e dois anos teve vários diretores entre os quais: Eduardo Coelho, Alfredo Cunha, Augusto de Castro, Eduardo Schwalbach, Fernando Cardoso, José Ribeiro dos Santos, Luís de Barros e José Saramago, Vítor Cunha Rego e Mário Mesquita, João Gomes.

Na época da ditadura, foi considerado o jornal mais fiel as orientações governais dadas pela Comissão de Censura.

Em 1940, muda-se das suas instalações na Rua do Diário de Notícias para o novo edifício na Avenida da Liberdade. Essa nova sede, criada especificamente de raiz para um jornal pelo arquiteto Pardal Monteiro, foi a primeira obra desse género e foi decorada com painéis de Almada Negreiros.

O Notícias Ilustrado foi um suplemento semanal de o *Diário de Notícias*.

Fig. 68. 69. Páginas sobre o DN publicadas em *O Notícias Ilustrado*, Centro de Documentação DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Leitão de Barros

Biografia

José Leitão de Barros nasceu no Porto, mas foi registado em Lisboa, a 22 de outubro de 1896, e faleceu em Lisboa a 29 de julho de 1967¹². Depois de completar o ensino básico ingressou no Curso Complementar de Ciências no Liceu Pedro Nunes onde conheceu Cottinelli Telmo, cuja biografia se apresentará mais a frente. Frequentou nas Belas-Artes o curso de Arquitetura juntamente com Carlos Botelho. Estudou nas faculdades de Ciências e de Letras a Universidade de Lisboa e também na Escola Superior da Universidade de Lisboa, que lhe permitiu tornar-se professor. Foi professor de desenho e matemática no Liceu Passos Manuel juntamente com a sua mulher Helena Roque Gameiro. Durante a sua carreira como professor redigiu o livro *Elementos de História de Arte* em conjunto com o seu cunhado e companheiro de vários projetos Jaime Martins Barata.

Neste capítulo, fazemos uma abordagem a vários aspetos da vida de Leitão de Barros. É importante estabelecer as suas ligações familiares, tanto à família Roque Gameiro, como a Jaime Martins Barata e Cottinelli Telmo, ligações essas interlaçadas pela vida profissional. As influências culturais da época tiveram grande impacto no seu trabalho, e torna-se indispensável referir os movimentos artísticos, personalidades e até publicações ligadas a esses mesmos movimentos. E sendo Leitão de Barros, uma personalidade multifacetada, não nos podemos esquecer também das suas ligações ao cinema português, ao teatro, jornalismo e várias outras atividades a que ao longo do seu percurso se dedicou.

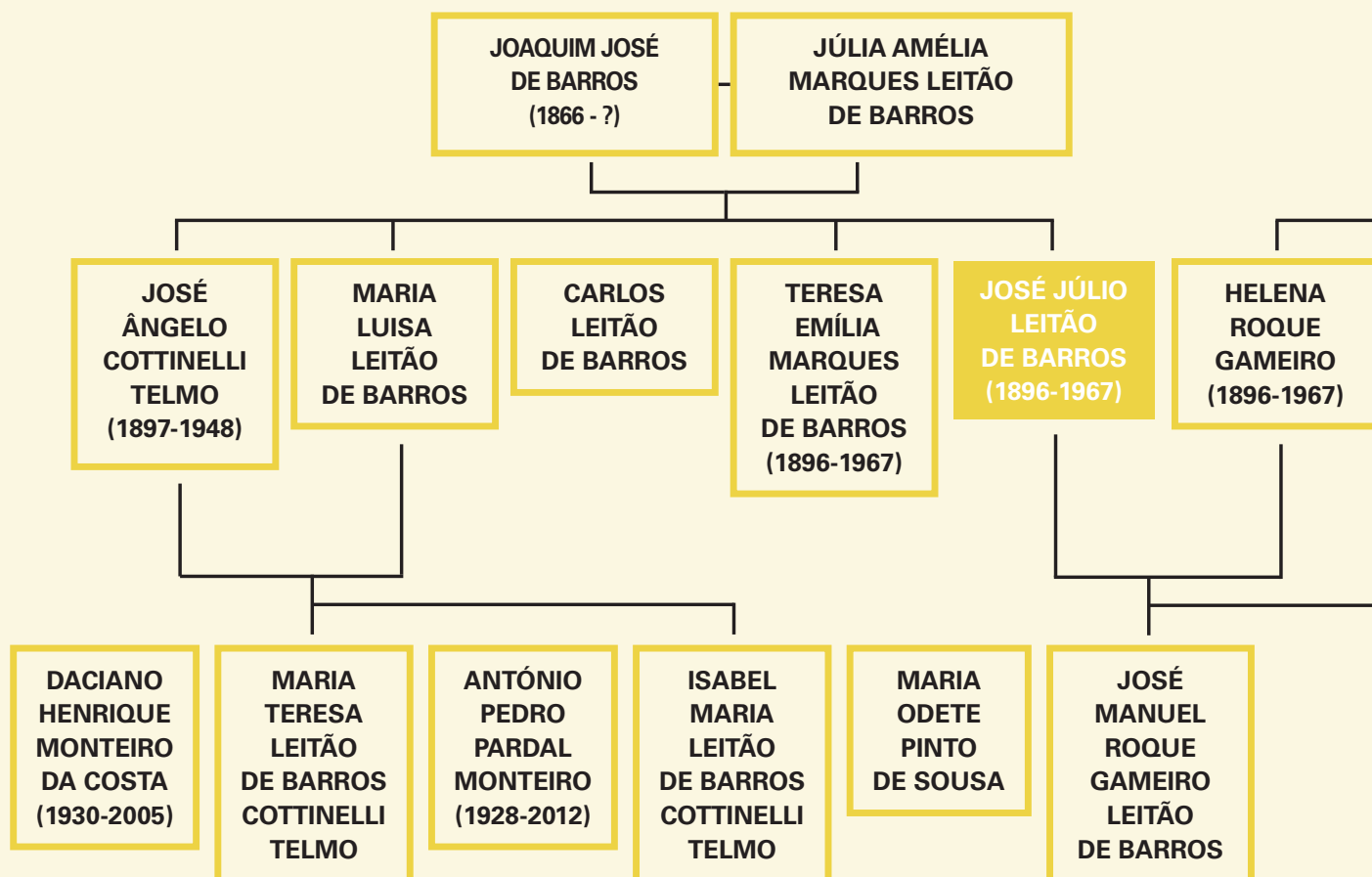
¹² Fonte:

Leitão de Barros, artigo publicado no DN, de José de Matos-Cruz a 24 de julho de 1992, Arquivo de Recortes do Centro de Documentação do DN.

BARROS J. Leitão de – realizados, artigo publicado no DN, não assinado a 18 de agosto de 1984, Arquivo de Recortes do Centro de Documentação do DN.

Fig. 70. Notícia sobre LB publicada a 7 de maio de 1982, Centro de Documentação do DN Arquivo de Recortes.





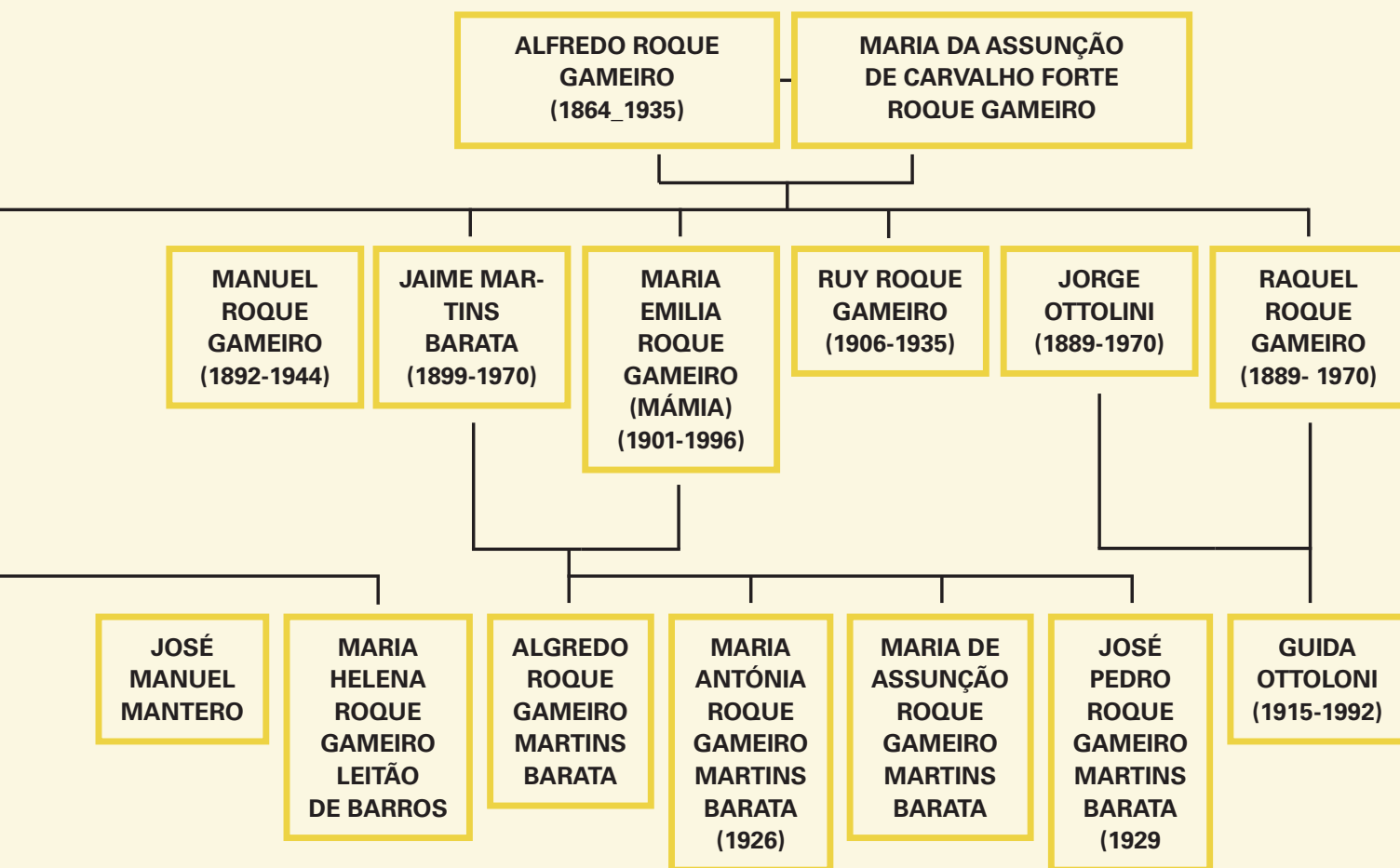
Família

¹³ Fonte: *Os Sete Fôlegos de Leitão de Barros*, entrevista publicada no *DN*, de Cristina Arvelos a Maria Helena Leitão de Barros no dia 7 de maio de 1984, Arquivo de Recortes do Centro de Documentação do *DN*.

Em Lisboa, o meio cultural era muito pequeno onde toda a gente se conhecia. É necessário estabelecer ligações, neste caso ligações familiares a Leitão de Barros de grandes nomes que fazem parte hoje da história do nosso país.

Para começar a falar da família de Leitão de Barros, nada melhor que uma citação de Maria Helena, sua filha, em entrevista a Cristina Arvelos e publicada no *Diário Notícias*: “*O trabalho não o deixou estar muito tempo connosco, mas todos os bocados em que esteve foram de qualidade. Cheios de boa disposição e alegria... nunca levava os problemas que tinha até casa...*”.¹³

Leitão de Barros, filho do Coronel Joaquim José de Barros que, para além de ser muito prestigiado no Exército, também foi professor de desenho e geografia de alguns membros da realeza e foi diretor da Escola Industrial Marques de Pombal onde elevou o nível da escola e que o homenagearam em 1930 por esse belo trabalho, pouco anos antes da sua morte em 1938; e de Júlia Amélia Marques Leitão de Barros.



Casou com Helena Roque Gameiro, em 1923. Helena começou desde muito nova, aos 14 anos, a dar aulas de desenho e pintura no atelier do pai. Mais tarde foi professora de artes decorativas na Escola Secundária António Arroio durante 25 anos tendo sido distinguida por essa atividade como Oficial da Ordem da Instrução Pública em 1940. Esteve presente com várias aguarelas da sua autoria em várias exposições da Sociedade de Belas-Artes e recebeu vários prémios pelo seu trabalho. Atualmente existem aguarelas suas em vários museus nacionais e até no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. LB e Helena tiveram dois filhos: Maria Helena Roque Gameiro Leitão de Barros e José Manuel Roque Gameiro Leitão de Barros. Nessa mesma altura em que casou com Helena, anos 20, lecionou no Liceu de Passos Manuel e no Liceu de Camões, sendo que neste último também lecionava a sua mulher. Helena era filha de Alfredo Roque Gameiro e Maria da Assunção de Carvalho Forte. Roque Gameiro foi grande aquarelista português que dirigiu a Companhia Nacional Editora e lecionou na Escola Industrial do Príncipe Real. Atualmente existem três instituições com o seu

Fig. 71. Infografia com árvore genealógica de LB a partir dos dados recolhidos em:
<<https://ephemerajpp.com>>
<<http://tribop.pt/>>
<<https://www.infopedia.pt>>

nome: a Escola Roque Gameiro e a Casa Roque Gameiro na Amadora e o Centro de Artes e Ofícios Roque Gameiro em Minde, terra natal do mesmo e do qual faz parte o Museu de Aquarela Roque Gameiro. Colaborou artisticamente em diversas publicações como o jornal *A Comédia Portuguesa* (1888-1889 e 1902), o semanário Branco e Negro (1896-1898) e as revistas *Atlântida* (1915-1920) e *Arte e Vida* (1904-1906). Ilustrou juntamente com Manuel de Macedo (1839-1915) a versão ilustrada de *Os Lusíadas* publicada em 1900. Alfredo Roque Gameiro iniciou LB tanto na aquarela como na tipografia.

O cunhado, Ruy Roque Gameiro, apesar de morrer cedo, já era um reconhecido escultor com obras em Portugal e no Brasil.

Manuel Roque Gameiro trabalhou com vários materiais, mas destacou-se na aquarela.

Raquel Roque Gameiro Ottolini, casada com o 3º. Conde Jorge Ottolini. Dedicou-se à aquarela e à ilustração que lhe permitiu ganhar vários prémios. Desta união nasceu Guida Ottolini, que foi uma ilustradora portuguesa. Participou como figurante nos filmes do tio Leitão Barros e foi retratada pelo tio JMB, o seu rosto faz parte dos painéis da Assembleia da República da autoria do mesmo.

Maria Emília Roque Gameiro ou Mámia foi pintora e ilustradora. Pintava em aquarela, guache e óleo. Dedicou-se ao ensino do desenho a crianças. Ilustrou vários livros infantis e publicações femininas e para crianças. Casou com Jaime Martins Barata grande companheiro de vários projetos de Leitão de Barros e de quem irei falar mais a frente. Tiveram quatro filhos.

A sua irmã, Teresa Emília Marques Leitão de Barros, foi sua companheira n' *O Notícias Ilustrado* e sobre quem também irei referenciar mais a frente.

Maria Luísa Leitão de Barros, também irmã de LB, casou com José Ângelo Cottinelli Telmo. Cottinelli Telmo foi arquiteto, cineasta, pintor, músico, poeta e jornalista. Pertenceu à geração de pioneiros do modernismo na arquitetura em Portugal juntamente com Carlos Ramos (1897-1969), Cristiano da Silva (1896-1976), Jorge Segurado (1898-1990), Porfírio Pardal Monteiro (1897-1957) e Cassiano Branco (1897-1970). Edificou várias obras no período do Estado Novo como a Exposição do Mundo Português (1940) e a ampliação da Universidade de Coimbra em 1943. Foi arquiteto-chefe da Exposi-

ção do Mundo Português (1940) marco fundamental de propaganda do Estado Novo que ficou ligada aos principais modernistas nacionais. Frequentou o Liceu Pedro Nunes onde vem a conhecer Leitão de Barros e formou-se em arquitetura na Escola de Belas-Artes. Dirigiu a revista *ABC-zinho* tendo sido autor de capas, textos, ilustrações e banda desenhada. Também dirigiu a revista *Arquitectos* e assinou uma coluna no jornal *Acção* (1941-1942). Colaborou na Mocidade Portuguesa Feminina: *boletim mensal* (1939-1947) e na revista *Ilustração Portuguesa* (1903-1924). Participou no I Salão dos Independentes em 1930. Realizou *A Canção de Lisboa* (1933), primeiro filme sonoro integralmente português sendo que o filme *A Severa* (1931), de Leitão de Barros, considerado o primeiro filme sonoro português, também foi gravado em França. Da união de Maria Luísa e Cottinelli Telmo, nasceu Isabel Maria Leitão de Barros Cottinelli Telmo que casou com o conhecido arquiteto António Pedro Baptista Pardal Monteiro filho de Porfírio Pardal Monteiro. Tiveram mais uma filha Maria Teresa Leitão de Barros Cottinelli Telmo que casou com Daciano Henrique Monteiro da Costa e que para além de arquiteto também era pintor, designer e professor.

O seu irmão, Carlos Joaquim Marques Leitão de Barros, foi militar.



Fig. 72. Exposição de Roque Gameiro publicada em ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 73. Exposição das irmãs Raquel e Helena Roque Gameiro publicada em ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Influências do Modernismo

O Modernismo caracteriza-se por um conjunto de movimentos culturais que alteraram e marcaram a arte e a sociedade no início do séc. XX renovando-a como a conhecíamos do séc. XIX. O Modernismo considerava as ideias tradicionais ultrapassadas e tinha como objetivo criar novas ideias e conceitos contemporâneos para uma nova cultura.

Em Portugal, o primeiro contacto com o movimento modernista foi a *Exposição dos Livres*, em 1911, em que participaram Manuel Bentes¹⁴, Eduardo Viana¹⁵, Emmerico Nunes, Francisco Smith¹⁶, Domingos Rebelo¹⁷, entre outros. «Em 1911, no mês de Março, realizou-se uma primeira manifestação de «arte livre» em que intervíram alguns jovens pintores que marcariam posição dentro do modernismo português (...)»¹⁸

Um dos movimentos que fizeram parte do Modernismo, e que marcou o início do mesmo, foi o Futurismo. Este foi o movimento artístico e literário mais marcante do Modernismo. Surgiu a 20 de fevereiro de 1909 pelo poeta italiano Filippo Marinetti¹⁹ com a publicação do *Manifesto Futurista* no jornal *Le Figaro*. O movimento rejeitava o moralismo e o passado e baseava-se no desenvolvimento tecnológico. A escrita e a arte são vistas como meios expressivos na representação da velocidade e da violência que exprimem o dinamismo da vida moderna em oposição as formas tradicionais. O Futurismo manifestou-se nas diversas artes e influenciou vários artistas que posteriormente vieram a fundar outros movimentos modernistas, este contesta o sentimentalismo e enaltece o Homem de ação. Há uma procura pelo louvor ao progresso, à máquina, ao motor, a tudo o que representa o moderno e o imprevisível. A escrita futurista tem como características a utilização de verbos no infinito, a abolição da pontuação, das conjunções e a suspensão do «eu».

Manifesto Futurista²⁰

1. Nós queremos cantar o amor ao perigo, o hábito da energia e da temeridade.
2. A coragem, a audácia, a rebelião serão elementos essenciais de nossa poesia.
3. A literatura exaltou até hoje a imobilidade pensativa, o êxtase, o sono. Nós queremos exaltar o movimento agressivo, a insónia febril, o passo de corrida, o salto mortal, o bofetão e o soco.
4. Nós afirmamos que a magnificência do mundo se enriqueceu de uma beleza nova: a beleza da velocidade. Um automóvel de corrida com o seu cofre enfeitado com tubos grossos, semelhantes a serpentes de hálito explosivo...

¹⁴ Manuel Bentes nasceu em Serpa em 1885 e faleceu em Vila Viçosa em 1961. Foi pintor e um dos organizadores da Exposição dos Livres.

Fonte: <<https://www.infopedia.pt>>

¹⁵ Eduardo Viana nasceu em Lisboa em 1881 e faleceu em Lisboa em 1967. Foi pintor.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

¹⁶ Francisco Smith nasceu em Lisboa em 1881 e faleceu em França em 1961. Foi pintor.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

¹⁷ Domingos Maria Xavier Rebelo nasceu na Ponta Delgada em 1891 e faleceu em Lisboa em 1975. Foi professor e pintor.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

¹⁸ FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. Livros Horizonte, Lisboa, 4.ª Edição, 2009, p.13.

¹⁹ Filippo Tommaso Marinetti nasceu no Egito a 22 de dezembro de 1876 e faleceu em Itália a 2 de dezembro de 1944. Foi um escritor, poeta, editor, ideólogo, jornalista e ativista político. Foi fundador do movimento futurista.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

²⁰ Fonte: <<https://memoriavirtual.net>>

um automóvel rugidor, que parece correr sobre a metralha, é mais bonito que a Vitória de Samotrácia.

5. Nós queremos glorificar o homem que segura o volante, cuja haste ideal atravessa a Terra, lançada também numa corrida sobre o circuito da sua órbita.
6. É preciso que o poeta prodigalize com ardor, esforço e liberdade, para aumentar o entusiástico fervor dos elementos primordiais.
7. Não há mais beleza, a não ser na luta. Nenhuma obra que não tenha um carácter agressivo pode ser uma obra-prima. A poesia deve ser concebida como um violento assalto contra as forças desconhecidas, para obrigá-las a prostrar-se diante do homem.
8. Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveríamos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível? O Tempo e o Espaço morreram ontem. Já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipotente.
9. Queremos glorificar a guerra – única higiene do mundo –, o militarismo, o patriotismo, o gesto destruidor dos libertários, as belas ideias pelas quais se morre e o desprezo pela mulher.
10. Queremos destruir os museus, as bibliotecas, as academias de toda a natureza, e combater o moralismo, o feminismo e toda a vileza oportunista e utilitária.
11. Cantaremos as grandes multidões agitadas pelo trabalho, pelo prazer ou pela sublevação; cantaremos as marés multicores e polifónicas das revoluções nas capitais modernas; cantaremos o vibrante fervor nocturno dos arsenais e dos estaleiros incendiados por violentas lutas eléctricas; as estações esganadas, devoradoras de serpentes que fumam; as fábricas penduradas nas nuvens pelos fios contorcidos de suas fumaças; as pontes, semelhantes a ginastas gigantes que cavalgam os rios, faiscantes ao sol com um luzir de facas; os piróscafos aventureiros que farejam o horizonte, as locomotivas de largo peito, que pateiam sobre os trilhos, como enormes cavalos de aço enleados de carros; e o voo rasante dos aviões, cuja hélice freme ao vento, como uma bandeira, e parece aplaudir como uma multidão entusiasta.

Em Portugal, o Futurismo²² surge de maneira discreta, tendo sido publicada uma tradução do *Manifesto Futurista* no *Diário dos Açores*²³. Mais tarde, este movimento também é apresentado com a revista *Orpheu* em 1915, com trabalhos de Santa-Rita Pintor, Fernando Pessoa, Almada

²² Fonte: FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. Livros Horizonte, Lisboa, 4.ª Edição, 2009, pp. 41 a 57.

²³ *Diário dos Açores* fundado a 5 de fevereiro de 1870 em São Miguel, nos Açores. Ainda se encontra em publicação.
Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

Negreiros, Mário Sá Carneiro, entre outros. A revista *Orpheu* marcou o início do Modernismo e do Futurismo em Portugal, esta revista só viu publicado dois números, sendo que a terceira edição não chegou a ser publicada, tendo a impressão sido interrompida numa fase já bastante evoluída. *Orpheu* foi uma revista trimestral publicada em Portugal e no Brasil em 1915. Esta revista mexeu com o panorama cultural existente no país na altura logo no primeiro número, sendo até muito criticada. Considerados «malucos» pelo público em geral, a equipa da *Orpheu*, não se deixou afetar pelas mesmas críticas e ainda lançaram a segunda edição. Ambos os números publicados esgotaram os seus exemplares. O terceiro número foi parado na gráfica por falta de financiamento do pai de Mário de Sá-Carneiro pois, o mesmo não suportava o escândalo em volta da revista. Hoje a *Orpheu* é um marco na nossa história, uma publicação de vanguarda que marcou os movimentos artísticos, e que lançou o Modernismo em Portugal.

Fig. 74. 75. 76. Capas das revistas *Orpheu*, edição fac-símili, 2015, edições A Bela e o Monstro



Considera-se importante ainda, referir e destacar os nomes e as pessoas com um papel relevante na publicação desta revista, e consequentemente no Futurismo:

Guilherme Augusto Cau da Costa de Santa Rita ou, como é mais conhecido, Santa-Rita Pintor, nasceu em Lisboa a 31 de outubro de 1889. Foi uma figura que marcou a primeira geração de pintores modernistas. Foi um dos grandes impulsionadores do movimento futu-

rista e o mesmo se anunciava encarregue pessoalmente por Marinetti de divulgar os manifestos futuristas em Portugal. Com a sua morte, a 29 de abril de 1918, o movimento perdeu força e acabou por desaparecer, em Portugal, como afirma José-Augusto França em *A Arte em Portugal no século XX*, «O Futurismo, com a morte de Santa-Rita, desapareceu da atualidade, reduzindo-se a ser uma alcunha do Modernismo (...)». Do trabalho do artista pouco resta, pois, antes deste falecer deixou ordem para que todo o seu trabalho fosse queimado.

José Sobral de Almada Negreiros nasceu em São Tomé e Príncipe a 7 de abril de 1893. Foi um artista multidisciplinar que para além de pintor também era poeta, dramaturgo, romancista, ensaísta e conferencista. Muito conhecido pela sua associação à Revista *Orpheu*. Entre viagens para fora do país como Paris e Madrid, Almada nunca deixou de ser um artista futurista. Em 1920, regressa a Portugal de Paris e encontra um Portugal que o entristeceu pois para ele, como para Pessoa, a vida intelectual e artística enfraqueceu após os anos de 1915-17. Em 1927 voltou a partir, desta vez para Madrid onde mantém colaboração com alguns jornais e revistas portuguesas, colaborando inclusive com algumas publicações espanholas até regressar a Portugal, definitivamente, em 1932. Colaborou ainda com vários jornais e revistas como *O Notícias Ilustrado*, *Portugal Futurista*, *Papagaio Real*, *A Sátira*, *Diário de Lisboa*, *Sempre Fixe*, *Contemporânea*, entre outros. Almada faleceu a 15 de junho de 1970 em Lisboa onde decidiu se estabelecer após uma temporada em Madrid.

Fernando Pessoa²⁴ nasceu em Lisboa a 13 de junho de 1888. Foi poeta, filósofo, dramaturgo, ensaísta, tradutor, publicitário, astrólogo, inventor, empresário, correspondente comercial, crítico literário e comentarista político. Pessoa foi um dos diretores e criadores da revista *Orpheu* onde foram publicados textos do mesmo e de um dos seus heterónimos, Álvaro de Campos. Para a criação da revista *Orpheu*, Pessoa encontrou inspiração na revista *Blast*²⁵, publicação inglesa de vanguarda modernista. Faleceu em Lisboa a 30 de novembro de 1935.

²⁴ Fonte: <<http://multipessoa.net>>

²⁵ Revista *Blast* foi fundada por Wyndham Lewis e Ezra Pound em 1914. Tal como a *Orpheu*, só publicou dois números. Foi uma publicação que exerceu uma grande influência na história literária e cultural do seu país.

Fonte: <<https://en.wikipedia.org>>

Fig.77. Uma capa da Revista *Blast*



Mário de Sá Carneiro nasceu em Lisboa a 19 de maio de 1890. Foi poeta, contista e ficcionista. Integrou o primeiro grupo de modernistas juntamente com Fernando Pessoa e Almada Negreiros e também foi responsável pela edição da revista *Orpheu*. Participou em outras publicações como *Azulejos*, *Alma Nova* e *Contemporânea*. Faleceu em Paris a 26 de abril de 1916.

António Ferro nasceu em Lisboa a 17 de agosto de 1895. Foi escritor, jornalista e político. Ferro ainda era menor na altura da publicação do primeiro número da revista *Orpheu*, facto que Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro aproveitaram. Estes, colocaram António Ferro como editor da revista, pois em termos judiciais estariam mais protegidos dado que a *Orpheu* era uma revista fora do seu tempo. Mas Ferro não participou ativamente na publicação, os colegas achavam-no imaturo para a mesma. Mais tarde veio a surpreendê-los quando ganha notoriedade e é reconhecido pelo seu empenho e sucesso na divulgação do movimento modernista. Faleceu a 11 de novembro de 1956.

Com toda a controvérsia à volta da revista *Orpheu*, nasce a necessidade de apresentar o movimento futurista de outra forma. A *I Conferência Futurista*, em abril de 1917 no Teatro República (Teatro São Luiz) que é anunciado o movimento futurista de uma forma mais formal pelo *Comité Futurista* de Lisboa formado por Almada Negreiros e Santa-Rita Pintor. Em novembro desse mesmo ano é lançada a revista *Portugal Futurista*.

Da revista *Portugal Futurista* só foi publicado um número e mesmo este foi imediatamente apreendido pela polícia. Dirigida, oficialmente, por Carlos Filipe Porfírio, mas na realidade quem a terá dirigido foi Santa-Rita Pintor. Na revista são publicadas traduções de textos de Marinetti, Boccioni, Carrà, Russolo, Severini, Apollinaire e Cendrars, Futurismo internacional. De escritores portugueses são publicados textos de Bettencourt Rebello, Almada Negreiros, Fernando Pessoa e o seu heterónimo Álvaro de Campos, e Sá-Carneiro. O texto mais famoso publicado em *Portugal Futurista* foi *Ultimatum* de Álvaro de Campos, do qual mostro um excerto, que poderá ter in-

Fig. 78. Capa da revista *Portugal Futurista*, Hemeroteca Digital



comodado as autoridades como podemos imaginar ao ler o mesmo. O próprio Fernando Pessoa escreve a propósito da peça *Ultimatum* «É difícil imaginar como qualquer ministério, estando o país em guerra, poderia consentir na publicação de *Ultimatum* (...)», em *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*.

ULTIMATUM, de Álvaro de Campos ²⁶

Mandado de despejo aos mandarins da Europa! Fora.

Fora tu, Anatole France, Epicuro de farmacoopia homeopática, tenia-Jaurès do Ancien Régime, salada de Renan-Flaubert em loiça do século dezassete, falsificada!

Fora tu, Maurice Barrès, feminista da Acção, Châteaubriand de paredes nuas, alcoviteiro de palco da pátria de cartaz, bolor da Lorena, algibebe dos mortos dos outros, vestindo do seu comércio!

Fora tu, Bourget das almas, lamparineiro das partículas alheias, psicólogo de tampa de brasão, reles snob plebeu, sublinhando a régua de lascas os mandamentos da lei da Igreja!

Fora tu, mercadoria Kipling, homem-prático do verso, imperialista das sucatas, épico para Majuba e Colenso, Empire-Day do calão das fardas, tramp-steamer da baixa imortalidade!

Fora ! Fora !

²⁶ Fonte: <<http://arquivopessoa.net>>

²⁷ Outras manifestações modernistas:

– *II Exposição dos Humoristas* 1913;

– *I Exposição dos Humoristas e Modernistas* 1915;

– *II Exposição dos Modernistas* 1916;

– *I Conferência Futurista* 1917;

– *III Exposição dos Modernistas* 1919;

– *II Salão dos Humoristas* 1920;

– *I Salão de Outono* 1925;

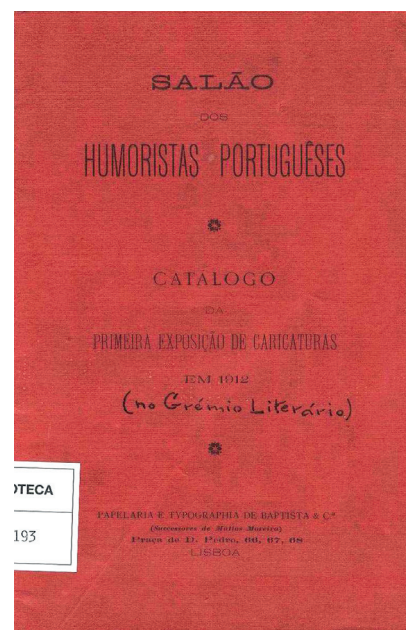
– *II Salão de Outono* 1926;

– *I Salão dos Independentes* 1930;

Fonte: Hemeroteca Digital

Fig. 79. Catálogo do *I Salão dos Humoristas*, Hemeroteca Digital

Houve várias manifestações modernistas²⁷ em Portugal, várias exposições e salões que marcaram o Modernismo e também o Futurismo por cá. Dessas manifestações é importante referir o *I Salão dos Humoristas – 1ª exposição de caricaturas*, em 1912 em Lisboa, que foi uma iniciativa da Sociedade de Humoristas Portugueses, criada em 1911 e presidida por Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro. Nesta exposição, houve uma homenagem aos artistas tradicionais como Rafael Bordalo Pinheiro e Celso Hermínio, os chamados «velhos caricaturistas» e deram então a conhecer os «novos caricaturistas» como Almada Negreiros, Stuart Carvalhais, Emmérico Nunes, Jorge Barradas e entre outros. O *I Salão dos Humoristas* é considerado um dos primeiros acontecimentos modernistas em Portugal que marca a transição da «velha» para a «nova» caricatura.



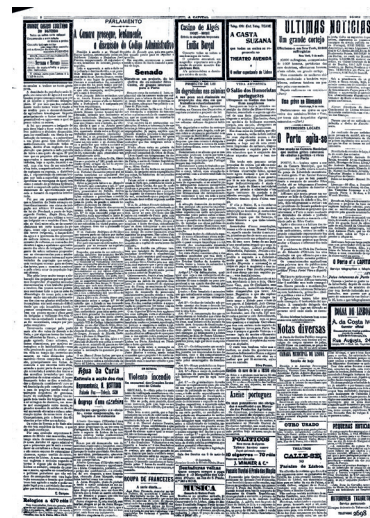
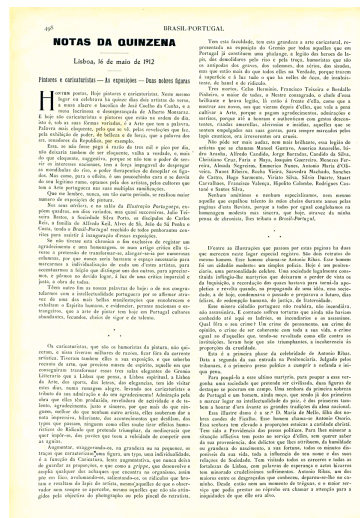
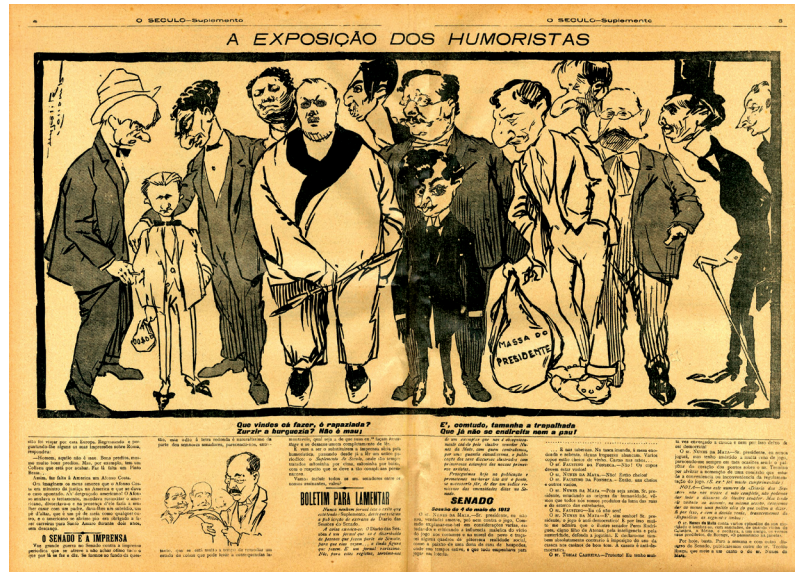
O I Salão dos Humoristas – 1ª exposição de caricaturas mereceu destaque em algumas publicações como podemos ver nas imagens.

Fig. 80. Destaque no jornal *O Século*, Hemeroteca Digital

Fig. 81 Destaque no jornal *Portugal – Brasil*, Hemeroteca Digital

Fig. 82. Destaque na revista *Ilustração Portuguesa*, Hemeroteca Digital

Fig. 83. Destaque no jornal *A Capital*, Hemeroteca Digital



Existiram, na época, algumas publicações ligadas ao Modernismo, para além da já referida revista *Orpheu*, como por exemplo:

²⁸ Fonte: Hemeroteca Digital

Revista Contemporânea ²⁸

A revista *Contemporânea* foi publicada entre os anos de 1922 e de 1926.

Em 1915, após o escândalo da *Orpheu*, julgava-se haver uma necessidade de dar a conhecer as novidades artísticas e modernistas, então José Pacheco em conjunto com vários artistas decidem lançar um «Numero Specimen» da revista, mas esta não teve muito sucesso, pois o público não estava preparado nem interessado para uma publicação daquele género. Foi então em 1922, apesar de o panorama nacional não se ter alterado muito em relação a 1915, que começou a ser publicada a revista *Contemporânea*.

A revista propunha-se a ter uma periodicidade mensal, mas nem sempre a cumpriu. O primeiro ano foi o mais regular em que só interromperam a publicação dois meses. No segundo ano apenas saíram três números nos primeiros três meses do ano. No terceiro ano, 1924, é lançado um único número. No quarto ano, é editado um número com um formato e grafismo diferente, é neste número que informam que José Pacheco se encontra doente e que isso tem impedido o lançamento do número especial sobre Camões e anunciam que em breve a revista voltará completamente remodelada. Em 1926, quinto ano, editam-se mais dois números da revista e esta acaba por desaparecer.

José Pacheco organiza o II Salão de Outono em nome da revista *Contemporânea* em novembro de 1926.

Revista A Sátira²⁹

²⁹ Fonte: Hemeroteca Digital

A revista *A Sátira – Revista humorística de caricaturas* foi publicada no ano de 1911 e viu publicados apenas quatro números. Iniciativa de Joaquim Guerreiro (1886-1941) onde também foram responsáveis Stuart Carvalhais e Salomão Guerreiro. A Sátia prometera ao leitor uma crítica generalizada a toda a sociedade «Políticos e homens de génio, barbeiros e homens de letras, tira-calos e deita-gatos, sopeiras e patroas, policas e fadistas, padrecas [sic] e ateus, farroupilhas e nababos, tudo isso que faz parte da grande Comédia humana, tudo isso ao abrir das páginas te saltará sorrindo, gargalhando, foliando desengonçado e picaresco.», como podemos ler no primeiro número da mesma. Foi a caricatura e a ilustração que ocuparam mais espaço nas páginas d'*A Sátira* acompanhadas por pequenas anedotas, composições poéticas, contos, crónicas, notícias, artigos de opinião, entrevistas e reportagens, quase sempre com humor.

Foi na sede desta revista – na Rua da Magdalena, n.º 125 - 2.º –

que ocorreram as reuniões que estiveram na origem da constituição da Sociedade dos Humoristas Portugueses em maio de 1911. A publicação deixa de ser publicada a junho do mesmo ano. Como referido na ficha histórica disponibilizada pela Hemeroteca e escrita por Rita Correia, é possível que a criação da sociedade esteja ligada com o fim da revista, provavelmente por falta de meios financeiros.

Mas o que o Modernismo/ Futurismo tem a ver com Leitão de Barros? Bem, para além de terem coexistido na mesma época, início do séc. XX, Leitão de Barros viveu neste meio cultural, conviveu com vários dos artistas modernistas, e participou em acontecimentos que marcaram estes movimentos. Olhando para o trabalho de Leitão de Barros, do qual se irá falar detalhadamente mais à frente, é bastante evidente que deste se denota um grande nacionalismo. Sempre à procura de novas formas de enaltecer o povo português através de exposições, filmes, publicações. Mas para além do nacionalismo, também é de salientar o modernismo presente no seu trabalho, a evolução demonstrada a nível tecnológico, de design, que procurou sempre obter nas várias viagens que fez pela Europa a procura de nova inspiração, ver o que se fazia lá fora e trazê-lo para Portugal. Leitão de Barros, homem de vários ofícios, realizou o primeiro filme sonoro português, *A Severa*, e trouxe a rotogravura, processo de impressão que revolucionou as revistas de ilustração portuguesas em que *O Notícias Ilustrado* foi o pioneiro.

Tendo em conta as influências modernistas-futuristas presentes na época da publicação de *O Notícias Ilustrado* e presentes no trabalho de Leitão de Barros, observamos o semanário com outros olhos. Foi o primeiro semanário em Portugal impresso em rotogravura, processo de impressão implementado pelo seu diretor, o que mostra a busca pelo novo e moderno nas evoluções tecnológicas. Teve como colaboradores vários futuristas conhecidos como Fernando Pessoa, Almada Negreiros, Emmerico Nunes, entre outros. As características futuristas-modernistas são também evidentes no seu grafismo. Ao folhear a revista, notamos algumas páginas mais tradicionais com colunas retas e organizadas, noutras observamos a fuga à página tradicional e à sua simetria. Durante a sua existência, vemos uma evolução gráfica nas capas e nas reportagens fotográficas. Inicialmente mantinham uma estrutura mais direita e clássica. Posteriormente observou-se, nas capas

e nas seções mais ilustradas, páginas mais dinâmicas e este dinamismo devia-se à diversidade nos elementos gráficos, toda a conjugação entre fotografias, texto e ilustrações, com direções fora do normal na sua disposição como podemos observar nas imagens.



Fig. 84. Capa n.º 1 da série I de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 85. Capa n.º 382 da série II de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 86. Reportagem sobre o 1º Salão dos Independentes publicada no n.º 101 em ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 87. Artigo sobre Almada Negreiros publicada no n.º 225 em ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

³⁰ Fontes:

Hemeroteca Digital;

PINTO, Afonso Manuel Freitas

Cortez, Portugal (1928-1968):

Um Filme de J. Leitão de Barros, pp. I-VI;

Leitão de Barros, artigo de José de Matos-Cruz, publicado no DN a 24 de julho de 1992;

BARROS J. *Leitão de - realiza-*
dos, não assinado publicado no DN a 18 de agosto de 1984;

Finalmente a homenagem da
cinemateca, não assinado publicado no DN a 11 de maio de 1982;

Leitão de Barros ainda é credor
de uma grande homenagem
de Lisboa, não assinado, publicado no DN a 13 de setembro de 1992;

Os sete fôlegos de Leitão de Barros, de Cristina Arvelos, publicado em DN a 7 de maio de 1984;

Leitão de Barros: o talento
apadrinhado, de Maria João Duarte, publicado no DN a 11 de maio de 1982;

Quem era o cineasta, de José de Matos-Cruz, publicado no DN a 11 de maio de 1982.

Trabalho ao longo da sua vida artística ³⁰

«(...) a sua vida e a sua obra sempre se orientaram para a exaltação dos valores tradicionais de Portugal e do seu povo, da beleza da nossa terra e da nossa história.»

António Lopes Ribeiro em DN sobre Leitão de Barros

Leitão de Barros, foi um homem de vários ofícios. Durante a sua vida, dedicou-se a várias áreas desde a pintura, teatro, cinema, jornalismo, decoração, organização de eventos. Neste capítulo irei abordar um pouco das várias facetas deste artista.

Na pintura, expôs várias obras em Portugal e no estrangeiro. Tem quadros em vários museus portugueses, em Madrid, em Londres e Rio de Janeiro. Como pintor a óleo e aquarelista foi distinguido com a primeira medalha da Sociedade Nacional de Belas-Artes e grandes prémios em várias exposições internacionais. A Exposição de Aquarelistas Portugueses 1923 foi uma iniciativa de Leitão de Barros.

Entre 1918 e 1927, Leitão de Barros visita França, Alemanha e Rússia iniciando-se, nesta altura, como dramaturgo. Realizou várias peças que subiram a cena no Teatro Nacional e em outras salas, tais como: *30 HP* (1922); *O Ramo das Violetas*; *Colégio Universal para Ambos os Sexos*; *O homem que Passa* (1923); *Um Actor à Volta dos Papeis* (1925); *Prémio Nobel* (1954); *Avó Lisboa* (1956).

Como cenógrafo e autor de maquetes, participou em várias peças,

como: *Ribeirinha* e *O Homem e os seus Fantasmas*, que foram exibidas em vários teatros como o Teatro Nacional, o Apolo, o Politeama, entre outros. Devido à sua atividade de teatrólogo, recebeu o Prémio Gil Vicente em 1955, atribuído pelo Secretariado Nacional da Informação (SNI).

Leitão de Barros marcou o cinema, em Portugal, área onde se tornou mais conhecido, distinguindo-se dos da sua geração. Iniciou-se no cinema, em 1918, através da *Lusitânia Film*, companhia produtora de filmes, criada nesse mesmo ano. Para esta companhia, realizou três filmes: *Malmequer* (1918) – uma história de

Fig. 88. Ilustração de Leitão de Barros publicada na revista *Sempre Fixe* n.º 268 de 1931



amor que se passa no séc. XVIII, rodada nos jardins de Queluz –, *Mal de Espanha* (1918) e *O Homem dos Olhos Tortos* (1918), tendo este último ficado inacabado. Estes foram os únicos filmes produzidos pela *Lusitânia Film*.

Após a realização destes filmes, Leitão de Barros fez uma pausa no cinema e viajou pela Europa, como já referido anteriormente. As visitas aos estúdios de cinema, em Berlim e Moscovo nessa altura, marcaram-no profundamente. Ao adquirir novos conhecimentos, observando o cinema que se fazia lá fora, nasceu também o seu interesse por atores não profissionais e pela composição da imagem que fazia lembrar o cinema soviético da época, teorizado por Eisenstein³¹. Devido a essa influência, podemos observar em *Nazaré* (1927) – um documentário clássico sobre a vida dos homens que têm o mar como única forma de sustento – e no filme *Lisboa, Crónica Anedótica* (1930), uma crueza visual e em como mistura atores conhecidos com pessoas «normais», atribuindo assim um carácter coletivo ao assunto e não a um indivíduo específico.



Tal como Eisenstein, Leitão de Barros era exigente e autoritário durante a rodagem dos seus filmes como o descreve a sua filha, Helena: «Lembro-me que os actores e as pessoas que trabalhavam em cinema com o meu pai, chamavam-lhe o Leitão dos Berros, porque ele gritava muito. Era muito exigente...»³².

Maria do Mar, que estreia em 1930, marca o cinema de Leitão de Barros. Sendo este o seu último filme silencioso e mantendo sempre uma procura pelas novas evoluções, tanto artísticas como tecnológicas, LB realiza o primeiro filme sonoro em Portugal, *A Severa* em 1931. Apesar de ser um filme português, as cenas de interiores de *A Severa* tiveram de ser gravadas em França, supervisionadas pelo realizador francês René Clair (1898-

³¹ Sergei Eisenstein nasceu a 23 de janeiro de 1898 em Riga, na Letónia. Foi um dos mais importantes cineastas soviéticos. Colaborou com várias companhias de teatro vanguardista que desprezavam as formas tradicionais de arte. Faleceu a 11 de fevereiro de 1948 em Moscovo.

³² Helena Leitão de Barros, filha de LB, em entrevista a Cristina Arvelos para *Diário de Notícias*, a 7 de maio de 1984.

Fig. 89. Artigo sobre o filme *Nazaré* publicado no n.º 25 em *ONI*, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 90. Artigo sobre o filme *Lisboa, Crónica Anedótica* publicado no n.º 91 em *ONI*, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 91. Artigo sobre o filme *Maria do Mar* publicado no n.º 174 em *ONI*, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



1981), pois os estúdios da *Tobis* ainda estavam em construção. Só mais tarde, em 1932, foi concluída a construção dos estúdios da *Tobis Klang-film*, A *Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros*, sendo Leitão de Barros um dos grandes impulsionadores na criação da mesma. Esta companhia surgiu com o objetivo de apoiar e fomentar o desenvolvimento do cinema português. O filme *As Pupilas do Senhor Reitor*, produzido em 1935, marcou a estreia nestes estúdios.



Fig. 92. Artigo sobre o filme *A Severa* publicado no n.º 170 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 93. Artigo sobre o filme *As Pupilas do Senhor Reitor* publicado no n.º 354 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 94. 95. Artigos sobre os estúdios da *Tobis* publicados nos n.º 235 e 246 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Em 1942, realiza o documentário *Ala-Arriba!*, rodado na Póvoa do Varzim com verdadeiros pescadores. Esta produção conquistou a Taça Biennali do concurso na Bienal de Veneza nesse mesmo ano. Quando LB ganhou este prémio, foi convidado pela produtora *Scalera* para trabalhar em Roma, mas recusou devido à 2.ª Guerra Mundial (1939-1945) que decorria na altura.

Inês de Castro, realizado em 1945, foi rodado totalmente em Espanha, em três versões, e foi considerado obra de interesse nacional pelo Ministério da Educação de Espanha, ganhando um prémio na altura, nesse mesmo país.

Camões, que estreia em 1946, foi a produção mais cara de todos os filmes de LB. Conquistou o grande prémio do Secretariado Nacional da Informação para o melhor filme do ano em 1947, após ter participado na seleção de filmes do Festival Internacional de Cannes em 1946.

Segue-se então, uma lista de todos os filmes realizados por Leitão de Barros: *Sidónio Pais* (1917); *Malmequer* (1918); *Mal de Espanha* (1918); *O Homem dos Olhos Tórtos* (inacabado – 1918); *Festas da Curia* (1926); *Nazaré, Praia de Pescadores* (1929); *Lisboa, Crónica Anedótica* (1930); *Maria do Mar* (1930); *A Severa* (1931); *As Pupilas do Senhor Reitor* (1935); *Bocage* (1936); *Maria Papoila* (1937); *Legião Portuguesa* (1937) *Mocidade Portuguesa* (1937); *Varanda dos Rouxinóis* (1939); *A Pesca do Atum* (1939); *Ala-Arriba!* (1942); *A Póvoa de Varzim* (1942); *Lisboa e os problemas do seu acesso* (1944); *Inês de Castro* (1945); *Camões* (1946); *Vendaval Maravilhoso* (1949); *A última Rainha de Portugal* (1951); *Relíquias Portuguesas no Brasil* (1959); *Comemorações Henriquinas* (1960); *A ponte da Arrábida sobre o Rio Douro* (1961); *Escolas de Portugal* (1962); *A ponte de Salazar sobre o Rio Tejo* (1966).

É de salientar que muitos dos filmes de Leitão de Barros foram financiados pelo Estado Novo e alguns dos documentários foram produzidos a pedido do mesmo.



Fig. 96. Artigo sobre os bastidores do cinema publicado no n.º 166 de *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

³⁴ *Correio da Manhã* desapareceu na altura da Primeira República e a única ligação com o jornal *Correio da Manhã* que conhecemos atualmente é o título da publicação.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

³⁵ Rainha Maria Amélia Luísa Helena de Orleães nasceu em 1865 no Reino Unido e faleceu em 1951 em França. Foi a última rainha de Portugal casada com o Rei D. Carlos I de Portugal. Foi exilada após a implantação da república.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

³⁶ João Abel Manta nasceu a 29 de janeiro de 1928 em Lisboa. É arquiteto, pintor, ilustrador e cartoonista.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

³⁷ *Tribuna da Imprensa* jornal que começou a ser publicado em 1949 no Rio de Janeiro, Brasil. O título ainda existe atualmente, mas deixou de ser publicado e papel desde 2008.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

³⁸ *O Dia* jornal do Rio de Janeiro, Brasil, começou a ser publicado em 1951 e mantém-se até aos dias de hoje.

Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

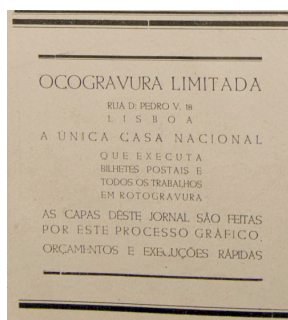


Fig. 97. Publicidade à *Ocogravura Limitada* publicada em *ONI*, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chã-Chã).

Leitão de Barros iniciou-se desde muito cedo no jornalismo, onde esteve presente durante toda a sua vida. A primeira publicação onde colaborou foi a revista *Sphinx* da qual foi responsável pela direção artística, na década de 10. Desta revista só foram publicados dois números.

Em 1916, colaborou em vários jornais como *O Século* (1881-1989), *A Capital* (1910-1938), *Correio da Manhã*³⁴ (1921-1936), *A Imprensa da Manhã* (1921-). A sua participação no jornalismo conta com artigos, reportagens, entrevistas, críticas e crónicas. Nas entrevistas destacam-se a entrevista a Rainha Dona Amélia³⁵ e a entrevista a Salazar. No campo das crónicas é de salientar a crónica «Corvos», publicada semanalmente ao domingo no *Diário de Notícias*, com ilustrações de João Abel Manta³⁶ e a crónica «Borda d'Água» no *Jornal de Notícias*.

Fundou e dirigiu *O Domingo Ilustrado* e *O Notícias Ilustrado*. Depois do fim de *ONI*, integrou a Sociedade Nacional de Tipografia em 1938, onde mais tarde se tornou diretor de *O Século Ilustrado*, interrompendo em 1940. Foi correspondente e redator da *Tribuna da Imprensa* (1949)³⁷ e colaborou em *O Dia* (1951)³⁸. Também em 1925, integra na equipa editorial da publicação *De Teatro – Revista de Teatro e Música* (1922-1927?), mais uma vez como diretor artístico, mas também como redator. Leitão de Barros também colaborou nas revistas *ABC*, *Contemporânea* e *Ilustração Portuguesa*.

Fundou a *Neo-Gravura*, gráfica criada com a chegada da rotogravura a Portugal em 1928, sendo inicialmente designada por *Ocogravura Lda*.

Além do teatro, do cinema, do jornalismo, Leitão de Barros dedicou-se também a outras atividades. Presidiu a criação do *Álbum de Portugal 1934* e *Portugal 1940*, este último com fotografias da Exposição dos Centenários em Belém, publicados pelo Secretariado de Propaganda Nacional. Criou as grandes festas tradicionais de Lisboa, as Marchas Populares dos bairros de Lisboa. Dirigiu a Feira da Estrela e, com Mimom Anahory, concebeu a Feira Popular de Lisboa e o Mercado Seiscentista. Organizou o Cortejo de Viaturas em 1934, o Cortejo da Embaixada do Século XVIII em 1936, o Cortejo Medieval dos Jerónimos em 1938, em 1940 colaborou nas Festas Centenárias dirigindo a construção da Nau Portugal e foi secretário-geral da Exposição do Mundo Português. Em 1941 idealizou, com Gustavo de Matos Sequeira, as comemorações do tricentenário do Jornalismo Português. Organizou

o Cortejo Histórico das Festas Centenárias de Lisboa em 1947. Montou o Jardim das Belas-Artes no Logradouro Patriarcal, fundou o Grupo de Amigos de Lisboa e foi diretor da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Decorou vários pavilhões para receber visitas internacionais como por exemplo a visita da Rainha Isabel de Inglaterra.



Em 1947 recebeu a Grã-Cruz da Ordem de Santiago da Espada juntando aos graus que já tinha obtido como grande-oficial da Ordem de Cristo, oficial da Ordem de Afonso, o Sábio (Espanha) e o Prémio Júlio César Machado atribuído pela câmara de Lisboa ao melhor cronista da Cidade.

Colaborou na fundação do Instituto do Filme Brasileiro, em 1951.

Na altura em que dirigia o semanário *O Notícias Ilustrado*, LB lançou o Hotel Modelo instalado num vagão dos caminhos de ferro que percorreu o país, acontecimento que foi noticiado no mesmo semanário.

Fig. 98. Artigo sobre o álbum Portugal 1934 publicado no n.º 356 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 99. Artigo sobre as marchas populares publicado no n.º 265 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 100. 101. Artigos sobre o Hotel Modelo publicados nos n.º 274 e 281 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

O Notícias Ilustrado

«Vai ser o melhor e mais moderno jornal gráfico português, onde vibrará intensamente o espírito nacionalista, mostrando, focando e enaltecendo as belezas pátrias desconhecidas, tanto naturais como artísticas e morais. A par dos grandes acontecimentos da nossa terra e do estrangeiro, da mais ampla reportagem de actualidades, crítica, humorismo, teatro, sport, cinema, novelas inéditas e artigos de magazine firmadas pelos maiores nomes do jornalismo e literatura portuguesa, nas 16 páginas de magnífica gravura da nossa edição dos domingos passará palpitante, toda a vida portuguesa duma semana, não esquecendo os que longe da metrópole, nas plazasafricanas, como nas nossas formidáveis colónias das duas Américas honram e engrandecem o bom nome de Portugal. O Notícias Ilustrado vai ser o grande 'ecran' da vida nacional onde todos podem e devem ir vê-la.»

Texto na primeira página do Diário de Notícias de 29 de Fevereiro de 1928³⁹

³⁹ Fonte: PINTO, Afonso Manuel Freitas Cortez, *Portugal (1928-1968): Um Filme de J. Leitão de Barros*. Lisboa. 2015, p. 33.

⁴⁰ Fonte: FREIRE, João Paulo, *Diário de Notícias: da sua fundação às suas Bodas de Diamante*, Lisboa, 1939, pp. 157-158.

Nota Histórica

O semanário *O Notícias Ilustrado*⁴⁰ foi uma publicação semanal de grande relevo no séc. XX pertencente à empresa do *Diário de Notícias*. iniciou a sua atividade a 16 de março de 1928, sob a direção de Leitão de Barros. Foi a primeira revista em Portugal impressa em rotogravura, que noticiava os grandes acontecimentos nacionais e internacionais e que contou com a colaboração de grandes artistas e escritores.

A rotogravura veio a permitir um novo dinamismo nas páginas, explorando elementos com novos alinhamentos diagonais, bem como novas grelhas para o texto e fotografias. Os títulos deixaram de ser, obrigatoriamente, compostos por caracteres podendo ser desenhados como ilustrações. A ilustração também ganha outro peso nas páginas desta revista pois também são utilizadas como elementos decorativos que dinamizam as mesmas e proporcionam uma leitura mais agradável. Tais características são possíveis de observar nas páginas deste semanário. Nas imagens que se apresentam em seguida.

A vontade de Leitão de Barros em criar uma revista ilustrada como *O Notícias Ilustrado*, deveu-se ao facto de este achar que em Portugal não existia uma publicação que mostrava como se vivia no país, atribuindo um maior peso à fotografia, aos próprios portugueses e não esquecen-

do o que acontecia no estrangeiro. Criou-se assim uma publicação que recorre muito à fotografia e à ilustração para dar a conhecer os acontecimentos marcantes do país e personalidades que por cá viviam e as que por cá passavam.



Fig. 102. 103. 104. Exemplos de dinâmica de página publicados nos n.º 77, 94 e 279 em ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

É nas suas viagens que se inspira para a criação deste semanário, como já referido, lidando nessas mesmas viagens com publicações ilustradas por toda a Europa. Além desse contato, Leitão de Barros também assiste a várias exposições ligadas à indústria tipográfica, da imprensa e da fotografia. Exposições como a *Pressa – Internationale Press-Ausstellung des Deutschen Werkbund* (Colónia, 1928), a *Film und Foto* (Estugarda, 1929), a *Wohin Geht Die*

Neue Typographie (Berlim, 1929) serviram de influências para Leitão de Barros.

Publicou duas séries em diferentes formatos. A primeira versão foi num formato maior e contou com doze números publicados. Na segunda série o formato mudou para um tamanho menor, mais prático com 382 números publicados. A sua última publicação data de 6 de outubro de 1935. *O Notícias Ilustrado* é uma continuação de *O Domingo Ilustrado* que também teve como diretor Leitão de Barros.

Segundo João Paulo Freire em *Diário de Notícias: Da sua fundação às suas Bodas de Diamante*, «(...) *O Notícias Ilustrado* (...) até 1935 foi a leitura predilecta da população alfacinha (...)». Tal comentário prova que, este semanário ilustrado, foi uma publicação influente e de sucesso

na sua altura, especialmente na zona de Lisboa. Hoje é importante historicamente, não só pelas suas impressões de qualidade que asseguravam visualmente a qualidade das imagens, mas também pelos seus conteúdos artísticos e noticiosos que nos serve de arquivo histórico.

A revista contou com vários colaboradores fotógrafos e tento em conta a época em que foi publicado *O Notícias Ilustrado*, é importante referir a aparente evolução no trabalho do fotógrafo como artista. Visualmente, é notória a adesão aos diferentes ângulos, picado e contrapicado, diferentes perspetivas, uma fuga à fotografia tradicional com linhas direitas. A evolução tecnológica também veio a facilitar o trabalho do fotógrafo.

No seu último número é publicado um comunicado, que se encontra em anexo. Este explica a sua paragem provisória com a promessa de voltar remodelado a 4 de janeiro, coisa que não aconteceu. Leitão de Barros justifica-se dizendo que «(...) os jornais, como as pessoas, têm uma vida. Há que evoluir, que transformar, que adaptar à desenfreada e desleal concorrência (...)». Mais tarde, Leitão de Barros aparece ligado ao semanário *O Século Ilustrado*.

Segundo Afonso Manuel Freitas Cortez Pinto, na sua tese *Portugal (1928-1968): Um Filme de J. Leitão de Barros*, o diretor de *O Notícias Ilustrado* terá escrito uma carta a António Salazar em que revelaria as suas verdadeiras razões. LB diz, nessa mesma carta, que «O aparecimento, porém, da concorrência alarmante do jornal gráfico espanhol (...), veio dar um golpe fatal na revista gráfica nacional.». Resumidamente, o que Leitão de Barros escreveu é que este jornal espanhol foi uma concorrência de peso a que nenhum jornal português conseguia superar pois foi uma publicação de baixo

Fig. 105. 106. 107. Exemplos de páginas com um teor mais fotográfico publicados nos n.º 151, 165 e 210 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



preço, que chegava a todos os pontos do país e que não passava pela comissão de censura portuguesa, logo em termos de conteúdos, este jornal espanhol abordava os temas que eram proibidos em Portugal por essa mesma comissão, cativando assim o leitor português que abandonou as publicações portuguesas tornando-se difícil a sobrevivência das mesmas. Esta carta encontra-se, na íntegra, em anexo.

Projeto piloto: *O Domingo Ilustrado*

*O Domingo Ilustrado*⁴¹ foi uma revista que podemos apelidar de «projeto mãe» de o também semanário *O Notícias Ilustrado*. Foi publicado entre 18 janeiro de 1925 e 25 dezembro de 1927, com um total de 157 números. As duas primeiras edições, segundo a indicação presente no próprio semanário, estiveram sob a alçada de Eduardo Gomes, editor e diretor-gerente. Algo que viria a mudar a partir do terceiro número, passando então a ser dirigido na sua maioria por Leitão de Barros e Jaime Martins Barata. Ainda no corrente ano do lançamento da revista, surge, em meados de setembro, a referência na própria ficha técnica, a Henrique Roldão, como chefe de redação. Só em novembro, desse mesmo ano, é que o editor deixa de ser Leitão de Barros, passando o cargo para Júlio Marques, nome que se manteve até ao fim da publicação.

⁴¹ Fonte: Hemeroteca Digital.

Fig. 108. Capa do n.º 1 de *ODI*, Hemeroteca Digital.

Fig. 109. Capa do n.º 154 de *ODI*, Hemeroteca Digital.



Propriedade da empresa *O Domingo Ilustrado Limitada*, com redação, administração oficinas no número 18 da Rua D. Pedro V. Já a impressão foi, inicialmente, no n.º 99 da Rua da Rosa, sendo que a partir de agosto de 1925 passou a ser no n.º 150 da Rua do Século. A publicação era composta por 12 páginas, na maioria dos seus números.

Durante os anos em que foi publicado, ODI manteve sempre a mesma estrutura, tanto em artigos como em grafismo. Em termos de conteúdos, como indicado no subtítulo da capa, era uma revista de «notícias & actualidades gráficas – teatro, sports & aventuras – consultórios e utilidades».

Esquemáticamente a revista era apresentada desta forma:

Na capa, primeira página, era destacada uma ilustração ou uma fotografia acompanhada de um título. No cabeçalho, encontrava-se o logo, subtítulo já referido, preço, número de páginas, morada da redação e ainda a informação de «Agentes em toda a província, colónias e Brasil», o que sugere que a publicação estava bem distribuída, que era fácil obtê-la e que não se limitava a Portugal.

Na segunda página, no cabeçalho, é possível encontrar referência aos diretores Leitão de Barros e Martins Barata; ao local da redação, administração, oficina e impressão; ao chefe de redação bem como ao editor. Nesta segunda página podemos encontrar ainda as secções *A Questão Prévia*, *Ecos e Comentários* ou *Ecos, Má Língua* e *Por Todo o Mundo*. Mais tarde, também se viria a publicar nesta página a *Crónica da Semana*.

Na página 3 publicou-se regularmente as *Crónicas Alegres*, *O Que se Lê*, *O Que se Vê*, *O Que se Ouve*.

Na página 4 a secção *Sports* e *Curiosidades*.

Na página 5 as secções de *Cinemas*, *Teatros*, *Circos*, *Cinema – os filmes da semana* e posteriormente só *Teatros* com subsecções como *Noite de Primavera* e *Palestras de Café*.

Nas páginas 6 e 7 foram publicadas a *Novela Sentimental Completa* ou a *Novela de Aventuras Completa*, *Uma Novela da Minha Vida*.

A página 8 era reservada para passatempos e outros conteúdos de índole mais irregular.

Na página 9 existiu a *Página Feminina*. Esta página também foi ocupada por publicidade e passatempos.

A página 10 *Actualidades Gráficas* era composta essencialmente por imagem sobre o que acontecia atualmente no país.

A página 11 era reservada a publicidade.

Carlos Malheiro escreveu no primeiro número «*Um jornal destinado a toda a gente...*» e que «*Não será um jornal de Lisboa ou do Porto –*

será um jornal de Portugal.». Nestas palavras é de reter que já existia uma vontade de enaltecer o povo português e o nosso país. Malheiro continua com «*As suas intenções serão apenas entreter, divertir, animar, vulgarizar, ensinar. Ao mesmo tempo síntese e comentário, quererá ser jornal, revista, cinema, história, consultório, humorismo e sentimento: Portugal posto em texto e em gravura.*». Queria levar Portugal aos portugueses a todos os cantos do país e colónias com o máximo de rigor, maior do que aquele que existia na época. «Não faz campanhas – publica toda a reclamação justa – não tem política», com esta frase a servir de subtítulo da sua contracapa, deixa a mensagem clara de que não iria tomar partidos, nem crenças alheias à publicação tentando levar a informação o mais fidedigna possível ilustrada da melhor forma.

Existia, por parte de Leitão de Barros e de Martins Barata, uma vontade de inovação do grafismo, o que os levou a embarcar numa viagem a outros países da Europa, nomeadamente a França e Alemanha. Essa busca pela inovação de conhecimentos, conduziu-os a fazer um curso em Frankenthal, em 1926, para a importação de novas tecnologias, mais propriamente a rotogravura ou ocogravura. Com esta nova aprendizagem, havia mais vontade e urgência em remodelar o grafismo de *O Domingo Ilustrado*, grafismo esse que não se alterou durante a sua existência. Era um grafismo simples, em colunas verticais com espaços para as poucas fotografias que se publicavam e para as ilustrações sempre em linhas direitas.

A desencadear a mudança pretendida na revista *O Domingo Ilustrado*, houve um conjunto de acontecimentos externos, nomeadamente, quando a 7 de fevereiro de 1927 ocorreu uma revolta⁴², entre muitas que ocorriam na época, a área das oficinas da revista foi destruída, tal como foi noticiado pela própria revista na sua edição n.º109. Esta destruição permitiu e facilitou a encomenda de novas máquinas bem como a construção de uma nova oficina, facto que também foi noticiado na publicação n.º153, penúltimo número da revista. Essas novas máquinas



Fig. 110. Página 2 do n.º 1 de *ODI*, Hemeroteca Digital.

⁴² A Revolução de Fevereiro de 1927 foi uma rebelião militar que ocorreu entre 3 e 9 de fevereiro de 1927, com várias revoltas no Porto e em Lisboa. Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

trouxeram a tão desejada inovação ao meio editorial da época, com um novo processo de impressão aprendido por Leitão de Barros e Martins Barata, rotogravura.

No último número de *O Domingo Ilustrado* é então anunciado o seu fecho. Através de um comunicado na primeira página, é explicado aos leitores que «(..) não fechará as portas.» e que «Dará lugar a sua ausência, ao aparecimento de outro jornal – mais moderno, mais europeu, mais adequado a um país que, como o nosso, vive uma ansiosa hora de ressurgimento e de vontade de vencer.» e que «(...) será um grande jornal – será mesmo o maior cometimento que em Portugal se tem feito (...)», *O Notícias Ilustrado*.



Fig. 111. Contracapa do n.º 109 de ODI, Hemeroteca Digital.



Fig. 112. Capa do n.º 153 de ODI, Hemeroteca Digital.

Processo de impressão: Rotogravura

«Seria afinal um acontecimento político que despoletaria a mudança desejada. A 'revolta do Rato' de 1927 destruiria não apenas a gráfica como o arquivo da revista, obrigando à renovação do material. Tal renovação corresponderia à importação de uma nova máquina de impressão capaz de impulsionar a criação de uma nova revista mais 'europeia' e 'contemporânea', como se proclamavam. Para levar avante o projecto, Leitão de Barros reforça a equipa de redactores e fotógrafos que a partir de 1928, semanalmente, passará a explorar as possibilidades da rotogravura, sobretudo ao nível da montagem de imagens, concebendo o que seria a grande novidade da revista: fotorreportagens e fotomontagens.»

*In Portugal (1928-1968): Um Filme de J. Leitão de Barros de Afonso Manuel Freitas Cortez Pinto.*⁴³

⁴³ Fonte: PINTO, Afonso Manuel Freitas Cortez, *Portugal (1928-1968): Um Filme de J. Leitão de Barros*, p. III.

Os processos de impressão das publicações contemporâneas de *O Notícias Ilustrado*

Quatro são os processos existentes na época⁴⁴: a tipografia de Johannes Gutenberg e Peter Schöffer (1425-1503) em 1439, a litografia de Alois Senefelder (1771-1834) em 1796, a serigrafia (panteteada como processo de impressão em Inglaterra, em 1907) e a rotogravura por volta de 1910. Vamos deixar a serigrafia de parte porque a sua atividade industrial na produção de publicações periódicas é residual.

Centremo-nos, então, na tipografia que emprega matrizes em relevo, na litografia em que a matriz é plana e joga com o incompatibilidade da gordura e da água, e na rotogravura (também chamada ocogravura e heliogravura) em que a matriz é gravada em depressão, tal como a calcografia.

A calcografia, a gravura em metal, acompanha a tipografia na edição desde sempre mas, só no início do séc.XX, se constrói uma rotativa de impressão de rotogravura cujo o cilindro impressor tem como princípio a calcogravura, com a matriz «escavada», isto é, gravada em depressão.

A rotogravura é o último processo a aparecer, quando a tipografia já leva quatrocentos anos e a litografia cem anos de atividade. Esta nova tecnologia, pelas suas características, mostra-se muito adequada à impressão de revistas ilustradas por duas razões: pela sua qualidade superior de reprodução das imagens fotográficas comparativamente à tipografia e à litografia, com melhor reprodução de tom e deixa de existir trama; e

⁴⁴ Fonte: FIORAVANTI, Giorgio. *Diseño e reproducción. Editorial Gustavo Gili*, Barcelona, 1988, pp. 67-74

como a matriz é gravada num cilindro, permite maiores tiragens a grande velocidade na impressão em máquina rotativa.

***O Notícias Ilustrado*, a primeira publicação a ser impressa em Portugal em rotogravura**

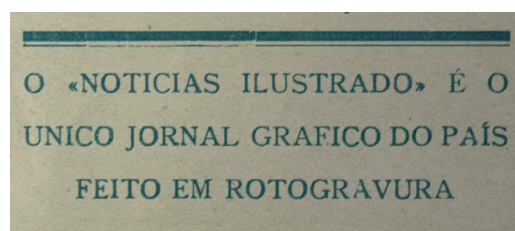
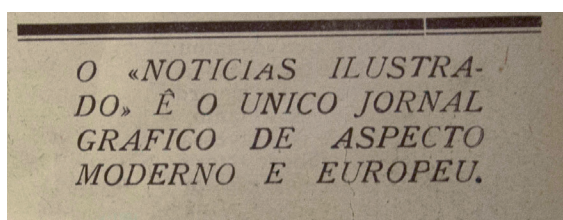


Fig. 113. 114. Notas sobre rotogravura e aspero gráfico da revista *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

⁴⁵ Fonte: FIORAVANTI, Giorgio. *Diseño e reproducción*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1988, p. 74.

Se o primeiro periódico impresso em rotogravura, o *Freiburg Zeitung*, é produzido em 1910⁴⁵, é só na segunda da década de 20 que a nova tecnologia ganha destaque na impressão de revistas. São exemplos consideráveis as revistas alemãs *Berliner Illustrirte Zeitung* e a *Arbeiter Illustrierte Zeitung*, a francesa *VU* ou a italiana *Novella* (Novela, fundada em 1919, com o seu primeiro exemplar impresso em rotogravura em 1927), todas revistas ilustradas e semanais.

Como já ferido anteriormente, Leitão de Barros faz várias viagens de estudo e trabalho nessas alturas, inevitavelmente, terá tido também contato aprofundado com a imprensa alemã e francesa, em especial com as revistas ilustradas do época.

«[...]com conhecimento de causa e uma visão determinada, Leitão de Barros e Martins Barata, investem numa viagem a França e Alemanha, com o intuito de renovar e aprofundar o conhecimento e domínio das artes gráficas. Suportada pelo Ministério da Instrução esta resulta na frequência de um curso em Frankenthal, em 1926, e na importação de novas tecnologias de impressão para o contexto da sua prática editorial, mais especificamente a rotogravura.»

In Portugal (1928-1968): Um Filme de J. Leitão de Barros de Afonso Manuel Freitas Cortez Pinto.

A qualidade de reprodução fotográfica, já referida, e um processo de produção que permite também um layout mais ágil e dinâmico que a tipografia, dá à rotogravura uma grande adequação do processo ao

meio, vai permitir romper com a rotina da época: capas a cores impressas em litografia e miolo a preto impresso em tipografia, apresentando-se assim um processo mais racional, económico e flexível que permitia imprimir capas, extratextos e miolo em monocromia ou quadricromia.

Veja-se os exemplos apresentados das revistas portuguesas *ABC*, *Civilização* e *O Notícias Ilustrado*.



Fig. 115. Capa da revista *ABC* mais pormenor do n.º 49, coleção particular.



Fig. 116. Capa da revista *Civilização* mais pormenor do n.º 1, coleção particular.



Fig. 117. Capa da revista *O Notícias Ilustrado* mais pormenor do n.º 27 da série II, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

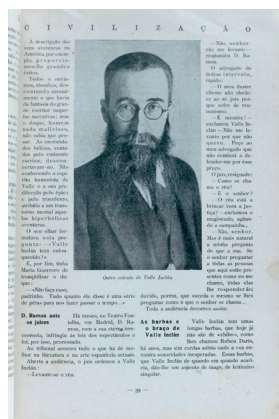


Fig. 118. Exemplo do interior da revista *Civilização* mais pormenor do n.º 1, coleção particular.



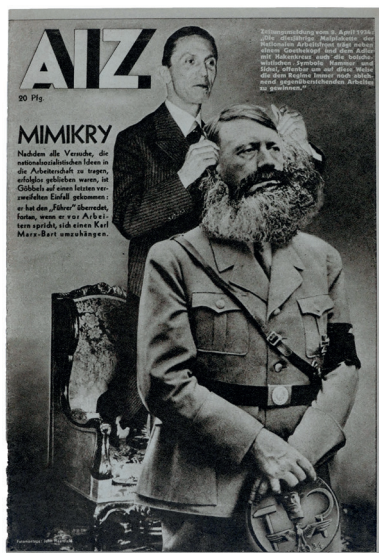


Fig. 119. Capa da revista AIZ n.º 48, coleção particular.

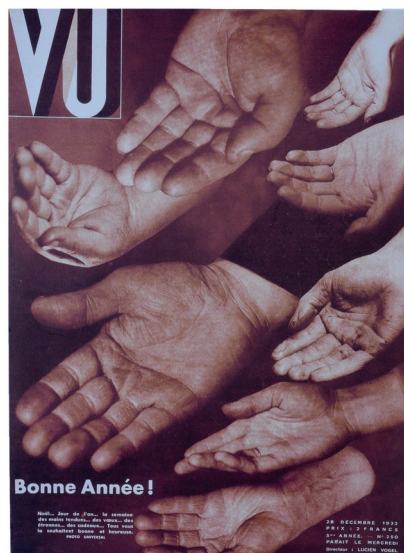


Fig. 120. Capa da revista VU n.º 250, coleção particular.

Veja-se a propósito os títulos desenhados, as fotomontagens, as fotografias recortadas, em janela, sobrepostas, etc., tão características das revistas impressas em rotogravura dos anos 20 e 30.



Fig. 121. Exemplo do interior da revista *O Notícias Ilustrado* mais pormenor do n.º 27 da série II, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Como se faz O "NOTÍCIAS" ilustrado



A secção do retoque.

E' assim. Com energia e com trabalho que, pela primeira vez em Portugal, se faz rotogravura! Animos alevantados e crenças firmes, resolveram trazer para o nosso paiz o difficilimo e moderno processo de gravura em cobre. E o resto é o que o público tem visto:—



Um detalhe da tipografia.



Impressionando a matriz.



A melindrosa operação da reportagem.

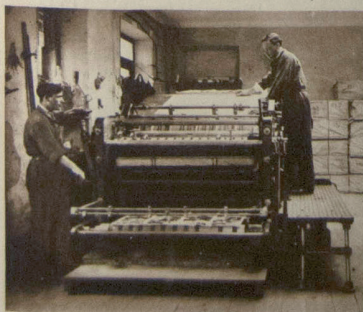
A montagem do jornal.

«O Noticias Ilustrado» que marcará, por todo o sempre, nas artes graficas portuguezas, o inicio e a introdução, em terras lutzitanas, do difficilimo processo da rotogravura. As nossas gravuras apresentam algumas fases da ultima palavra na impressão de jornais modernos.

(Clichés Ferreira da Cunha).

A maquina de impressão.

Os escritorios.



Pulindo os cilindros de cobre.



Fig. 122. Artigo sobre como se faz O Noticias Ilustrado publicado na própria revista no n.º 39, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Outras publicações

Para além da publicação alvo de estudo nesta investigação, considera-se importante também debruçarmo-nos sobre outras publicações, essencialmente de cariz nacional, e também europeu. As publicações nacionais apresentadas, para além da sua importância e destaque na sociedade portuguesa, apresentavam-se também como concorrentes d' *O Notícias Ilustrado*. Leitão de Barros, com o seu profundo conhecimento na área, esteve sempre ciente do que estas publicações faziam, tendo, certamente, algumas delas servido como modelo inspirador para a própria criação desta revista.

Assim, de seguida, apresentam-se algumas destas publicações, começando pelas nacionais:

ABC – Revista Portuguesa (1920-1932)⁴⁶

Propriedade da *Sociedade Editorial ABC Lda.*, esta revista foi um semanário generalista, uma revista muito ilustrada fotograficamente. Publicada entre 1920 e 1932, *ABC* contou com vários colaboradores, entre eles, artistas modernistas portugueses como Jorge Barradas, Stuart Carvalhais, Emmerico Nunes. Era corrente o uso de ilustração nas suas capas.

⁴⁶ Fonte: Hemeroteca Digital

Pertencentes à mesma sociedade, publicaram-se outras revistas como *ABC a Rir* (1921-?) e *ABC-zinho* (1921-1932).

Observando o n.º 175, datado de 22 de novembro de 1923, é visível um layout simples. Revista paginada, na sua maioria, a duas colunas com fotografias e ilustrações a interromper o texto. Em algumas páginas, os títulos são ilustrados.



Fig. 123. Capa e interior da revista *ABC* n.º 175, coleção particular

⁴⁷ Fonte: Hemeroteca Digital

***Ilustração Portuguesa* (1903-1924)⁴⁷**

Semanário lançado pela empresa do jornal *O Século* (1880-1977) como um complemento do mesmo. A revista foi publicada em duas séries, sendo a primeira datada até 1906, não tinha informação sobre o diretor e incluía somente a referência ao editor, José Joubert Chaves, mas como a publicação pertencia ao jornal *O Século*, o mais provável é que o diretor fosse Joaquim da Silva Graça, proprietário e diretor de *O Século*. Na segunda série, a revista foi dirigida por Carlos Malheiro Dias, mas Joaquim da Silva Graça volta a esse cargo a partir de fevereiro de 1912. Nesse mesmo ano a publicação passa a ser da editora Sociedade Nacional de Tipografia. De outubro de 1921 a maio de 1922, assume a direção António Ferro e posteriormente por António Maria de Freitas.

Revista ilustrada, vê na imagem a sua marca que faz questão de vincar ao longo dos tempos. Utilizava uma linguagem universal para dar a conhecer os grandes acontecimentos tornando-se num álbum de festas

e eventos tantos para o público na época como para a *posteriori*. A *Ilustração Portuguesa* tinha um compromisso para com o seu público, o dar a conhecer todos os aspetos da vida contemporânea, tornando-se assim, um arquivo rico em desenho, pintura e fotografia dos anos em que fora publicado. Tentava manter um contacto próximo com o leitor, abrindo as «portas» deste magazine para a participação de qualquer um que demonstrasse interesse e uma nova ideia ou até mesmo ilustrações e fotografias.

Para além da colaboração de desenhadores, ilustradores e fotógrafos, a *Ilustração Portuguesa* também contou com muitas colaborações literárias. Na primeira série colaboraram Rocha Martins, Alberto Braga, Bernardo Jacome, João Correia dos Santos e entre outros. Na segunda encontram-se nomes como o de Alfredo Mesquita, António Sardinha, Carlos Malheiro Dias, Fernando Pessoa, Câmara Reis, Júlio Dantas, Norberto Araújo, Theofilo Braga e muitos outros.

Fig. 125. 125. Capas da revista *Ilustração Portuguesa* n.º 12 e n.º 165, Hemeroteca Digital.



***O Século Ilustrado* (1933-1989)⁴⁸**

A revista *O Século Ilustrado* surgiu como um suplemento semanal do jornal *O Século* publicado entre os anos 1933 e 1989. Dirigida por João Pereira da Rosa, também diretor da Sociedade Nacional de Tipografia que detinha o título do jornal *O Século*.

⁴⁸ Fonte: Hemeroteca Digital

Em termos de conteúdos era uma publicação que captava, maioritariamente, o interesse feminino. Publicavam-se notícias de atualidade, estórias das celebridades, anúncios publicitários, grandes reportagens, uma secção humorística e um espaço didático. A revista passou por uma notória evolução gráfica tanto a nível de cor como em tipografia. Leitão de Barros, após terminada a revista *O Notícias Ilustrado*, tornou-se diretor artístico de *O Século Ilustrado*, por volta dos anos 40.

Ao observar o n.º36 desta publicação, deparei-me com um layout em muito semelhante à revista *O Notícias Ilustrado*. Este número, que data de 10 de setembro de 1938, tem como diretor artístico Leitão de Barros e por isso, não é de estranhar a semelhança visível com *O Notícias Ilustrado*, revista criada e dirigida por LB. A capa de *O Século Ilustrado*, é composta por uma fotografia a ocupar a página toda com o logo da revista e um título no cabeçalho. O layout é dinâmico, paginado a 3 ou 4 colunas na sua maioria, mas com duplas páginas de fotomontagens, com título fora do comum, a interromper as páginas de texto. Sem a indicação do nome da publicação, seria facilmente identificado, este n.º 36, como um número de *O Notícias Ilustrado*.



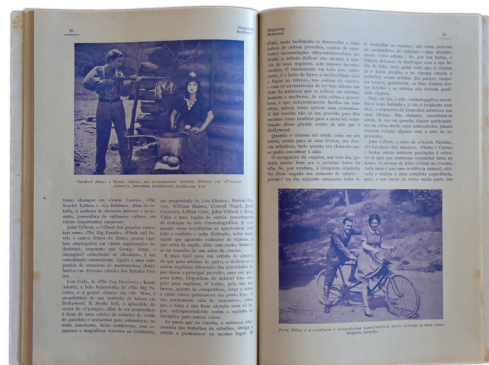
Fig. 126.127. 128. Capa e interior da revista *O Século Ilustrado* do n.º 36, coleção particular.

Magazine Bertrand (1927-1933)⁴⁹

⁴⁹ Fonte: Hemeroteca Digital

Fig. 129. 130. 131. Capa e interior da revista *Magazine Bertrand* do n.º 15, coleção particular.

Fig. 132. Capa da revista *Magazine Bertrand* n.º 34, Hemeroteca Digital.



Magazine Bertrand foi uma revista publicada entre 1927 e 1933 sob a direção de João de Sousa Fonseca. Foi uma publicação caracterizada por ter de tudo um pouco no seu conteúdo. Concursos, contos infantis, crónicas, fotografias, desenhos e informações gerais. Era, exatamente como o seu título anunciava, uma «Leitura para todos».

Ao observar o n.º 15 da segunda série, deparei-me com um layout

simples e linear. Paginada a duas colunas sem grande dinamismo. As imagens e ilustrações apareciam em páginas inteiras e a interromper o texto. Este número foi impresso em duas cores, as primeiras páginas a preto, as páginas do meio a azul e no fim novamente a preto. A capa continha uma ilustração a cores, e nela constava o título a cor e com as indicações do número da publicação, o preço, a data e a editora que a publicou.

Ilustração (1926-1939)⁵⁰

⁵⁰ Fonte: Hemeroteca Digital

Foi uma revista que satisfaz um grande grupo de leitores. Tentou fugir aos assuntos mais mediáticos da sociedade publicando reportagens fotográficas que permitiram assim dar ao leitor margem para as suas próprias conclusões. Mas tarde isso veio a mudar, assumindo um lado mais contemporâneo.

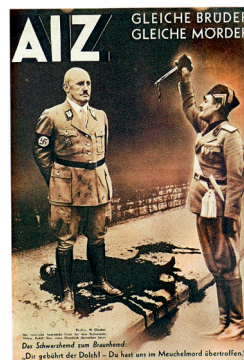
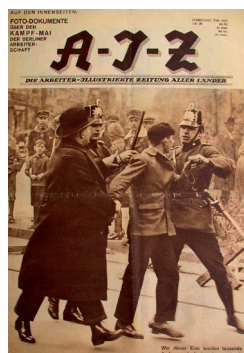
Ao nível europeu, nomeadamente Alemanha e França, apresento algumas publicações ilustradas:



Fig. 133. 134. Capas da revista *Ilustração* n.º 1 e n.º 85, Hemeroteca Digital.

***Arbeiter-Illustrierte-Zeitung (Aiz)* (1929-1938)⁵¹**

Arbeiter-Illustrierte-Zeitung foi uma revista semanal ilustrada publicada entre 1924 e 1938 em Berlim por Willi Münzenberg. Tratava-se de uma revista antifascista e pró-comunista e atualmente é recordada pelas fotomontagens propagandísticas do artista dada John Heartfield. Transformou-se na revista ilustrada socialista mais lida na Alemanha. A revista acompanhava acontecimentos atuais e publicava ficção e poesia com colaboradores como Anna Seghers, Erich Kästner y Kurt Tucholsky. Münzenberg queria que a revista ligasse o partido comunista da Alemanha com os leitores amplamente educados. A última edição publicada em Berlim foi em março de 1933 após a chegada de Adolf Hitler sendo depois deportada para Praga onde não teve grande sucesso. Depois de várias tentativas de voltar a editar a revista na Alemanha, esta acaba por mudar-se para Paris onde uma edição única e final foi publicada em 1938.



⁵¹ Fonte: <<https://en.wikipedia.org>>

Fig. 135. 136. Capas da revista alemã AIZ n.º 20 e n.º 43, reproduzidas da obra de JA-ROSLAV, Andel, *Avant-Garde Page Layout 1900-1950*.

***Gebruuchsgraphik* (1924-1938)⁵²**

Esta revista foi publicada pelo Professor H. K. Frensel em Berlim em 1924. Foi considerada como uma das primeiras revistas europeias na área do design gráfico pois veio a publicar algumas das primeiras críticas de uma atividade ainda a ser denominada por «design gráfico», jun-

⁵² Fonte: <<http://www.designers-books.com>>

tamente com artigos sobre design de livros, propaganda e publicidade. Após a Segunda Guerra Mundial a edição desta revista já era bem-sucedida, mas entre 1944 e 1950 houve uma pausa na edição da mesma. Esta voltou a circular pouco tempo depois e ainda hoje é editada sob o nome de *Novum Gebrauchsgraphik*.

Fig. 137. 138. Capas da revista alemã *Gebrauchsgraphik* de 1929 e de 1934, reproduzidas da obra de JAROSLAV, Andel, *Avant-Garde Page Layout 1900-1950*.



***Berliner Illustrierte Zeitung* (1892-1945)⁵³**

⁵³ Fonte: <<https://en.wikipedia.org>>

O jornal *Berliner Illustrierte Zeitung* tratava-se de uma revista ilustrada semanal publicada em Berlim em 1892 e 1945. Foi considerada a primeira revista alemã do mercado em massa e pioneira no formato de revista de notícias ilustradas. Foi criada pelo empresário silesiano Hepner. Em 1894 foi comprada por Leopold Ullstein criador da editora *Ullstein Verlag*. Os avanços tecnológicos, incluindo a impressão em offset de fotografias, o linótipo e a produção de papel mais barata, possibilitaram o grande sucesso da revista. Esta poderia ser encontrada em qualquer parte da Alemanha.

Fig. 139. 140. Capas da revista alemã *Berliner Illustrierte Zeitung* n.º 26 e n.º 42, reproduzidas da internet.



Uma vez que não exigia assinatura, o *Berliner Illustrierte* transformou significativamente o mercado dos jornais. Era uma revista que cativava os leitores pela aparência e particularmente pelas imagens atraentes. Inicialmente foi ilustrada com gravuras e posteriormente com fotografias. A partir de 1901, também foi possível imprimir fotografias dentro da revista, uma inovação revolucionária naquela época.

Munchner Illustrierte Presse (1925-1944)⁵⁴

Em 1924 o *Münchener Illustrierte Presse* foi criado por Richard Pflaum Verlag e foi vendido para Knorr & Hirth-Verlag em 1925 que durou até 1944. Foi considerado inovador e moderno no fotojornalismo contemporâneo em comparação com a *Berliner Illustrierte Zeitung*.

Os editores da revista *Münchener Illustrierte Presse* perceberam que o público não queria apenas ser informado sobre factos e gestos das grandes personalidades, mas que tinham interesse pelo homem da rua e por assuntos relacionados com a vida do dia-a-dia iniciando assim uma fase de ouro da fotoreportagem. Este progresso cultural alemão, no entanto, estava com os dias contados pois com a ascensão de Adolf Hitler ao poder em 1933, vários jornalistas, editores e fotógrafos tiveram de deixar o país.

Novyi LEF (1927-1929)⁵⁵

O *Levy Front Iskustv*, conhecido como *LEF* (1923-1925); jornal da frente esquerda da arte foi publicado em Moscovo, com Vladimir Mayakovsky como editor. Mais tarde surge como *Novyi LEF* em 1927. O objetivo prendia-se no examinar pela segunda vez e mais minuciosamente a ideologia e as práticas da chamada arte de esquerda e abandonar o individualismo para aumentar o valor da arte para o desenvolvimento do comunismo. Este movimento era favorável à arte como prática para fins sociais. O *Novyu LEF* finalizou em 1929.



Fig. 144. 145. Capa da revista alemã *Novyi LEF* de 1927 e de 1928, reproduzidas da obra de JAROSLAV, Andel, *Avant-Garde Page Layout 1900-1950*.

VU (1928-1940)⁵⁶

O semanário francês *VU*, foi criada por Lucien Vogel (1886-1954) entre março de 1928 e maio de 1949. Com um desenho revolucionário, utilizou-se da rotogravura para obter impressões de alta qualidade de

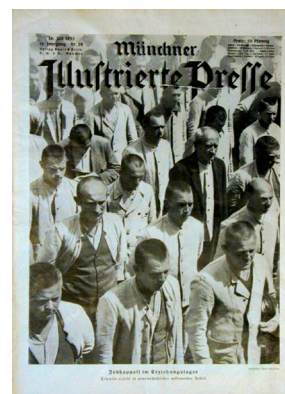


Fig. 141. 142. Capas da revista alemã *Munchner Illustrierte Presse* n.º 13 e n.º 28, reproduzidas da internet.

⁵⁴ Fonte: <<https://de.wikipedia.org>>

⁵⁵ Fonte: <<https://en.wikipedia.org>>

⁵⁶ Fonte: <<https://en.wikipedia.org>>

forma a agradar os pedidos fotográficos dos leitores da revista. Vogel escolheu para esta revista uma linha gráfica muito moderna servindo-se dos conhecimentos da estética dos movimentos artísticos que surgiram na sua época nomeadamente o construtivismo. A revista centrava-se em mostrar e falar dos campos de concentrações de Dachau e Oranienburg sendo considerada a primeira revista francesa que pronunciava o nazismo de Adolf Hitler. Foi também considerada a primeira revista ilustrada moderna na França apoiada na fotografia e que trouxe uma nova fórmula para a utilização da imagem na imprensa.

A revista *VU* seguia o mesmo modelo criado pelas outras revistas alemãs nomeadamente a publicação de grandes fotorreportagens temáticas, com algumas edições dedicadas exclusivamente a um país ou a um assunto.

Mais tarde, pouco antes da Segunda Guerra Mundial, Lucien foi demitido do cargo e a revista não conseguiu resistir por muito mais tempo.

Posteriormente, inúmeras revistas tiveram como modelo a revista *VU* tais como *Regards*, *Voici* ou *Voilà*.

Fig. 146. 147. Capas da revista francesa *VU* n.º 51 e n.º 77, reproduzidas da internet.



Equipa e colaboradores

A acompanhar a direção de Leitão de Barros de *O Notícias Ilustrado* estiveram, o editor António das Neves Carneiro e a diretora-gerente Carolina Homem Christo. Além deles emergem da publicação um conjunto de colaboradores, jornalistas, fotógrafos e ilustradores. Apresentamos em anexo uma lista tão completa quanto possível feita a partir dos exemplares consultados no Centro de Documentação do DN.

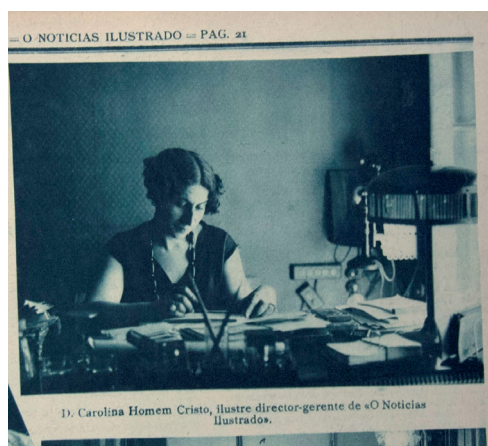
Carolina Homem Christo (1895-1980)⁵⁷

Nasceu em Aveiro. Jornalista e publicitária, evidenciou-se aos 14 anos no jornal *O Povo de Aveiro*. Mais tarde colaborou no *Jornal das Senhoras* na secção «*Esfinje*» sob o pseudónimo de «*Alfacinha*». Dirigiu o suplemento feminino *O Século*, foi diretora-gerente n' *O Notícias Ilustrado* e dirigiu a revista feminina *Eva*. Em 1939, a revista *Eva* fecha e Carolina Homem Christo adquire o título. Apesar das dificuldades económicas, falta de material e sede, com o seu empenho, determinação e a ajuda de amigos, a diretora e proprietária volta a pôr a revista *Eva* (1939-1945) em banca.

⁵⁷ Fonte: GOMES, Tânia Vanessa Araújo. *Uma revista feminina em tempo de Guerra: O caso da «Eva», (1939-1945)*, p.11.

Fig. 148. Fotografia de Carolina Homem Christo publicada em ONI n.º 53, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 149. Reportagem sobre a revista *Eva* publicada em ONI n.º 243, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Amarelhe (1892-1946)⁵⁸

Américo da Silva Amarelhe nasceu no Porto a 26 de dezembro de 1892. Foi um caricaturista, pintor e cenógrafo. Realizou a sua primeira exposição aos quatorze anos no Salão da Fotografia União no Porto. Destacou-se como retratista e caricaturista de figuras dos

⁵⁸ Fonte: RODRIGUES, António; *O Grafismo e Ilustração nos Anos 20*, p. 71.



Fig. 150. Ilustração de Emmérico Nunes publicada em *ONI* no n.º 37, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 151. Caricaturas de Amarelhe publicadas em *ONI* n.º 168, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



meios teatrais desde atores, músicos, empresários, técnicos e dramaturgos. A sua vasta obra varia entre a tradição oitocentista e o moderno. Colaborou em várias publicações periódicas como *O Palco*, o *Século Cómico*, *Sempre Fixe*, *Diário de Lisboa* e *O Notícias Ilustrado*. Pertenceu à primeira geração dos humoristas portugueses.

Faleceu em Lisboa a 3 de março de 1946.

Emmérico Nunes (1888-1968)⁵⁹

Foi um pintor, ilustrador, restaurador de pinturas e desenhador humorista, pelo qual é mais conhecido. Nasceu em Lisboa a 6 de janeiro de 1888.

Em 1906, partiu para Paris onde frequentou aulas na Académie Julien e, posteriormente, a École des Beaux-Arts. No ano de 1910, viaja para Inglaterra, Holanda e Bélgica. Em 1911, partiu para Munique onde colaborou no semanário *Meggendorf Blätter* e definiu o seu estilo influenciado pelo desenho humorístico alemão. Quando regressou a Portugal, no ano de 1918, participou em vários jornais e revistas como ilustrador e publicista.

Apesar de ter regressado a Portugal, Emmérico Nunes, manteve ligação com os países por onde passou realizando exposições individuais na Suíça e mantendo a colaboração no semanário *Meggendorf Blätter*. Colabora, também, em outras revistas europeias como as espanholas *Buen Humor*, *Esfera* e *Mundo Gráfico*.

Em Portugal, na década de 20, colaborou com as revistas *ABC*, *ABC-zinho*, *Ilustração*, *Magazine Bertrand*, *O Riso da Vitória*, *Pa-*

norama, *O Domingo Ilustrado* e *O Notícias Ilustrado*. Participou em várias exposições modernistas e humorísticas onde ganhou vários prémios.

Entre 1937 e 1939, integrou a equipa do Secretariado de Propaganda Nacional (S.P.N.) para a decoração dos pavilhões de Portugal na Exposição Internacional de Artes e Técnicas em Paris (1937), Feira Mundial de Nova Iorque (1939), entre outras.

Faleceu em Lisboa a 18 de janeiro de 1968.

Carlos Botelho (1899-1982)⁶⁰

Carlos António Teixeira Basto Nunes Botelho nasceu em Lisboa a 18 de setembro de 1899. Foi pintor, ilustrador e caricaturista. Foi um dos pioneiros da Banda Desenhada em Portugal e também se destacou como uma das personalidades mais importantes da segunda geração de pintores modernistas em Portugal.

Entre 1926 e 1929 colaborou com regularidade na banda desenhada publicada no semanário *ABC-zinho*. iniciou a sua contribuição na revista *Sempre Fixe*, em 1928, que se manteve por mais de vinte anos. Em 1937 participou, tal como Emmerico Nunes, na decoração do Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Arte e Técnica de Paris. Desde 1928 até 1950, ocupou-se da secção *Ecos da Semana*, página de banda desenhada publicada semanalmente pelo *Diário de Lisboa*.

Faleceu em Lisboa a 18 de agosto de 1982.

Jaime Martins Barata (1899-1970)⁶¹

Nasceu em Castelo de Vide a 7 de março de 1899. Foi artista plástico e a sua obra estendeu-se de moedas e selos a ilustrações de livros e pinturas monumentais. Mudou-se para Lisboa, em 1910, onde frequentou a secção de desenho da Escola Normal Superior de Lisboa.

⁵⁹ Fonte: RODRIGUES, António; *O Grafismo e Ilustração nos Anos 20*, p. 71.

⁶⁰ Fonte: FIDALGO, Daniel Sérgio. *Panorama da Ilustração Editorial Portuguesa no Século XX*, pp. 82-85.



Fig. 152. Artigo sobre Botelho publicada em *ONI* no n.º 199, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

⁶¹ Fonte: <<http://www.tribop.pt/MBd/>>



Fig. 153. Artigo sobre as aguarelas de Martins Barata publicada em ONI no n.º 81, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Discípulo de Roque Gameiro, notabilizou-se nas exposições da Sociedade Nacional de Belas-Artes como pintor aguarelista.

Foi diretor artístico de *O Domingo Ilustrado* e ilustrou a revista *Música* (1924-1925). Também é importante salientar a sua participação na criação revista *O Notícias Ilustrado*.

Em 1937, colaborou na criação de um livro de ensino sobre desenho. Viajou para a Alemanha e França, em 1939, com o objetivo de aprofundar os seus conhecimentos no ensino do desenho.

Realizou dois trípticos para o Pavilhão de Lisboa, em 1940 a convite de Cottinelli Telmo para a Exposição do Mundo Português, onde se encontra hoje o Salão Nobre da Alfândega do Porto.

Colabora com Almada Negreiros, no ano de 1947, na realização gráfica dos dois grandes volumes de *Lisboa, 8 séculos de História*.

Faleceu a 15 de maio de 1970, em Lisboa.

Na colaboração literária, tivemos vários nomes que se mantiveram em toda a sua publicação nas suas diferentes críticas e não só. A lista de todos os estes colaboradores encontra-se em anexo.

Teresa Leitão de Barros (1898-1983)⁶²

Nasceu em Lisboa a 6 de outubro de 1924. Formou-se em Filologia Romântica pela Universidade de Lisboa e foi professora do ensino secundário. Defendeu a educação feminina e a importância da literatura infantil. Irmã de Leitão de Barros, colaborou com *O Notícias Ilustrado* e *Diário de Notícias*. Escreveu ensaios, artigos, contos, histórias infantis, teatro e livros didáticos.

N'O *Notícias Ilustrado* foi responsável pela crítica de livros.

Faleceu a 30 de agosto de 1983.

⁶² Fonte: <<https://www.infopedia.pt>>

Chianca de Garcia (1898-1983)⁶³

Eduardo Chianca de Garcia, nasceu em Lisboa a 14 de maio de 1898. Foi dramaturgo, jornalista e cineasta.

No teatro, fez a sua estreia na peça *A Filha do Lázaro* em 1923, escrita em conjunto com Norberto Lopes. Escreveu a revista *Água Vai!*, em 1937 com Tomás Ribeiro Colaço, que viria a estrear no Teatro da Trindade.

Como cineasta realizou vários filmes como *O Trevo de Quatro Folhas* (1936), *A Aldeia da Roupa Branca* (1938) e *A Rosa do Adro* (1938), em Portugal. No Brasil, para onde se mudou em 1940, realizou os filmes: *Purezas* (1940), *24 Horas de Sonho* (1941). Foi um dos fundadores da *Tobis*.

Com António Lopes Ribeiro fundou a primeira série da revista *Imagem* (1928), mais tarde foi diretor da mesma. Em *O Notícias Ilustrado* escreveu a crítica de cinema.

Faleceu, no Rio de Janeiro, a 28 de janeiro de 1983.

⁶³ Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

Norberto Lopes (1900-1989)⁶⁴

Eduardo Norberto Lopes nasceu em Vimioso a 30 de setembro de 1900. Foi jornalista e escritor. Licenciou-se em Direito, mas em 1917, dedicou-se ao jornalismo e começou a sua carreira no jornal *O Século*. Em 1921, fundou o jornal *Última Hora*, em conjunto com Pinto Quartim (1887-1970). Tal como tinha colaborado na revista *O Domingo Ilustrado*, essa colaboração mantém-se n' *O Notícias Ilustrado*. Foi jornalista e diretor do jornal *Diário de Lisboa* entre 1956 e 1967. Foi um dos fundadores do diário *A Capital* em 1967, e dirige o mesmo até 1970.

Faleceu, em Linda-a-Velha, a 25 de agosto de 1989.

⁶⁴ Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

Repórter X (1898-1983)⁶⁵

Reinaldo Ferreira, mais conhecido por Repórter X, nasceu em Lisboa a 10 de agosto de 1897. Foi repórter, jornalista, dramaturgo e cineasta. iniciou a sua carreira como jornalista aos doze anos de idade. Colaborou em várias publicações como *ABC*, *O Primeiro de Janeiro*, *O Domingo Ilustrado*, *O Notícias Ilustrado* e *Ilustração*. Escrevia reportagens, novelas (sobretudo policiais e de espionagem) e ainda várias peças teatrais. Criou e dirigiu a publicação *Repórter X* (1930-1933), semanário com grandes reportagens e crítica dos acontecimentos em Portugal e no Estrangeiro.

O pseudónimo, Repórter X, nasce por uma casualidade em 1923. À época, Reinaldo Ferreira estava em Barcelona, quando Miguel Primo

⁶⁵ Fonte: <<https://pt.wikipedia.org>>

de Rivera, capitão-general da Catalunha, toma o poder. Reinaldo Ferreira, não resiste à tentação, e envia uma crónica para um jornal atacando o ditador, mas por prudência, assinou Repórter e à frente colocou um nome, que seria impercetível. O tipógrafo, ao compor o texto, interpreta o rabisco como sendo um X. Reinaldo Ferreira adorou o pseudónimo Repórter X e adota-o daí para frente, até ao fim da sua vida. Faleceu a 4 de outubro em 1935, em Lisboa.

É ainda importante referir alguns dos fotógrafos que contribuíram para a excelência desta publicação:



Fig. 154. Artigo sobre Ferreira da Cunha publicado em *ONI* no n.º 121, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Ferreira da Cunha (1901-1970)⁶⁶

Nasceu em Lisboa a 5 de março de 1901. Fez o curso de Letras do Liceu de Camões onde se interessou pela fotografia, despertada naquele liceu. Foi viver para Moçambique onde se dedicou à fotografia de postal. Regressa a Lisboa em 1925 onde trabalhou como repórter fotográfico em jornais desportivos e revistas. Fez parte dos quadros do jornal *O Século*, em 1926. iniciou a sua colaboração no semanário *O Notícias Ilustrado*, em 1928, colaboração que se manteve durante toda a sua publicação até 1935. Em 1938 colaborou em *O Século Ilustrado*, semanário dirigido na altura também por Leitão de Barros.

A sua colaboração com Leitão de Barros não ficou só pelas revistas. Contribui nos filmes *Crónica Anedótica*, *Maria do Mar*, *Severa* e *Camões*.

Participou em obras publicadas pelo Secretariado de Propaganda Nacional, nomeadamente, nos álbuns *Portugal 1934* e *Portugal 1940*.

Em 1933, fez parte dos quadros do jornal *Diário de Notícias* assumindo o cargo de chefe de secção de reportagem fotográfica, onde permaneceu até à sua morte a 21 de julho de 1970.

⁶⁶ Fonte: <arquivomunicipal.cm-lisboa.p>

Horácio Novais (1910-1988)⁶⁷

Nasceu em Lisboa. Filho de fotógrafo e irmão de fotógrafo, iniciou-se na fotografia com os seus irmãos nos anos de 1925/27. Trabalhou como repórter no jornal *O Século*. Abriu o seu próprio estúdio e começou a trabalhar com fotógrafo independente em 1931. Colaborou em algumas publicações, entre elas, o jornal *Diário de Lisboa*, nas revistas *Ilustração* e *O Notícias Ilustrado*.

Participou em mostras coletivas e realizou exposições no Secretariado de Propaganda Nacional.

Colaborou com vários arquitetos, fotografando edifícios e maquetes, tais como: Raul Lino, Carlos Ramos, Pardal Monteiro, entre outros.

Retratou obras de vários artistas como Almada Negreiros, Carlos Botelho, Stuart Carvalhais, entre outros.

Tal como Ferreira da Cunha, participou nos álbuns *Portugal 1934* e *Portugal 1940*, publicados pelo Secretariado de Propaganda Nacional.

Foi diretor de fotografia no filme *As Pupilas do Senhor Reitor*.

Pelo que eu pude observar, a revista *O Notícias Ilustrado* contou com uma vasta lista de colaboradores. Uns durante toda a sua publicação, outros durante algum tempo, outros apenas esporadicamente. Nesta parte do trabalho apenas referi algumas pessoas que fizeram parte desta importante publicação que na minha opinião são relevantes mencionar não sendo, contudo, minha pretensão desvalorizar os restantes. Em anexo a este trabalho, encontra-se a lista dos nomes de vários ilustradores, escritores, fotógrafos, que consegui reunir ao folhear todos os números, que me foram fornecidos, de *O Notícias Ilustrado*, exceto do segundo semestre de 1934 do qual se desconhece o paradeiro no Centro de Documentação de o *Diário de Notícias*. É possível que faltem nomes, pois nem sempre se assinavam textos ou se atribuíam créditos.



Fig. 155. Artigo sobre Horácio Novais publicado em *ONI* no n.º 165, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

⁶⁷ Fonte: <<http://digitalq.cpf.dgarq.gov.pt>>

Estrutura e conteúdo

Relativamente ao conteúdo, *O Notícias Ilustrado* dava a conhecer aos seus leitores acontecimentos nacionais e internacionais. Informava sobre teatro, desporto, cinema, escultura, pintura, acontecimentos sociais, inovações tecnológicas, como é possível observar nas imagens seguintes.



Fig. 156. Artigo sobre cinema publicado no n.º 106 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 157. Artigo sobre escultura publicado no n.º 98 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 158. Artigo sobre pintura publicado no n.º 158 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 159. Artigo sobre rádio publicado no n.º 133 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 160. Artigo sobre religião publicado no n.º 258 em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Em termos de estrutura, a capa na primeira série era composta por uma fotografia ou ilustração que não ocupava todo o espaço da página, no cabeçalho o logo e a ficha técnica. No rodapé tinha uma breve descrição da reportagem correspondente à fotografia de capa. As capas da primeira série não eram muito dinâmicas e mantinham sempre a mesma estrutura direita, muito semelhante as capas de *O Domingo Ilustrado*. Na segunda série, a fotografia ou ilustração ocupa todo o espaço da folha, o logo altera-se e a ficha técnica deixa de ser impressa na capa, passando para as páginas seguintes ou mesmo para o verso de contracapa. A ficha técnica incluía a informação do diretor Leitão de Barros, do Editor António das Neves Carneiro e da diretora-gerente Carolina Homem Christo. Tinha também a informação da empresa responsável pela edição, Empresa do *Diário de Notícias*, a data da publicação do número, o número da revista, o número de páginas e a informação do preço das assinaturas disponíveis e o valor avulso. Algumas capas tiveram chamadas de capa, mas isso não era regra pois nem todas tinham. O logo também nem sempre esteve presente na capa da segunda série, por vezes ou era repetido ou só estava presente na contracapa. O logo volta a alterar-se no número 31 da segunda série.

A estrutura da revista não foi muito linear em toda a sua publicação. As páginas não eram sempre fixas, alterando a sua disposição. O número de páginas normalmente mantinha-se nas 24, mas nos números especiais de Natal este número era aumentado para 48 páginas.



Fig. 161. Capa do n.º 1 da série I de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 162. Capa do n.º 1 da revista ODI, Hemeroteca Digital.



Fig. 163. 164. 165. Vários logos apresentados nas capas de ONI na série I e II, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 166. 167. 168. Vários logos apresentados no interior da revista ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

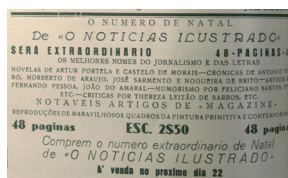


Fig. 169. Informação sobre o especial de Natal com 48 páginas da revista *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

A primeira série não tinha muita publicidade nas suas páginas, preenchendo por vezes as últimas páginas. O mesmo não se verifica na segunda série, nesta já se observa publicidade logo na página 2, por entre os artigos e nas últimas páginas. Com o tempo vem se a verificar um aumento de publicidade nas páginas de *O Notícias Ilustrado*.

Geralmente, a meio da publicação encontra-se as páginas referentes à fotografia de capa. Habitualmente são-nos apresentadas em página dupla, sempre muito ilustrada, sendo mesmo as páginas mais dinâmicas da revista.

A secção *ecos, notícias e curiosidades*, abordavam pequenos assuntos de carácter não só atual mas também histórico, sempre acompanhadas por pequenas ilustrações. Mais tarde veio a se chamar *ecos, notícias e comentários* e ainda *ecos e curiosidades*. Normalmente eram impressas depois da reportagem de capa e foi uma secção constante em toda a publicação de *O Notícias Ilustrado*.



Fig. 170. Secção *ecos e curiosidades* publicada em *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

A revista apresenta várias críticas assinadas por um conjunto de autores residentes. A crítica de livros ficou a cargo de Teresa Leitão de Barros, irmã de Leitão de Barros. A crítica de cinema foi da autoria de Chianca Garcia. A de música em discos de José Ângelo. A de música de Nogueira de Brito. Nas suas páginas, também eram publicadas novelas que se faziam acompanhar por uma ilustração. Essas ilustrações tal como as fotografias, inicialmente, raramente se faziam assinar pelo artista, algo que veio a mudar gradualmente nos seus números pois houve uma necessidade de fazer este registo para a posterioridade. As novelas e críticas alternavam entre si nas páginas intercaladas com as reportagens.

Em todos os números existe uma página dedicada aos jogos como damas e xadrez para o entretenimento do leitor. Existe uma secção dedicada à opinião dos leitores, *São vocês que o dizem...*, em que estes escreviam sobre os vários assuntos da atualidade e enviavam à redação de *O Notícias Ilustrado* para serem publicadas. Também eram enviadas cartas a elogiar a mesma publicação, incentivando a continuação da

mesma. Mas o contato com o leitor vai além dessa secção com a criação de concursos de fotografia e de literatura. As fotografias e textos, fruto desses concursos, eram publicados nas páginas de *O Notícias Ilustrado*.



Fig. 171. Concurso fotográfico realizado em conjunto com o DN publicada no n.º 139 de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 172. Concurso literário publicado no n.º 169 de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

O Notícias Ilustrado também abordava várias problemáticas nacionais, incidindo essencialmente sobre Lisboa, cidade onde estava sediada. O objetivo ao publicar, este tipo de artigos, era consciencializar o leitor para o que se passa no nosso país para que se pudesse fazer algo para melhorar esses mesmos problemas.



Fig. 173. Reportagem sobre o lixo em Lisboa publicada no n.º 111 de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 174. Reportagem sobre o aspeto de Lisboa publicada no n.º 186 de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

O próprio diretor, Leitão de Barros também escrevia artigos para este semanário maioritariamente sobre cinema, área a que mais se dedicava paralelamente à direção de *ONI*. Por vezes assinava com o seu nome, mas também com o seu pseudónimo «O homem que passa».

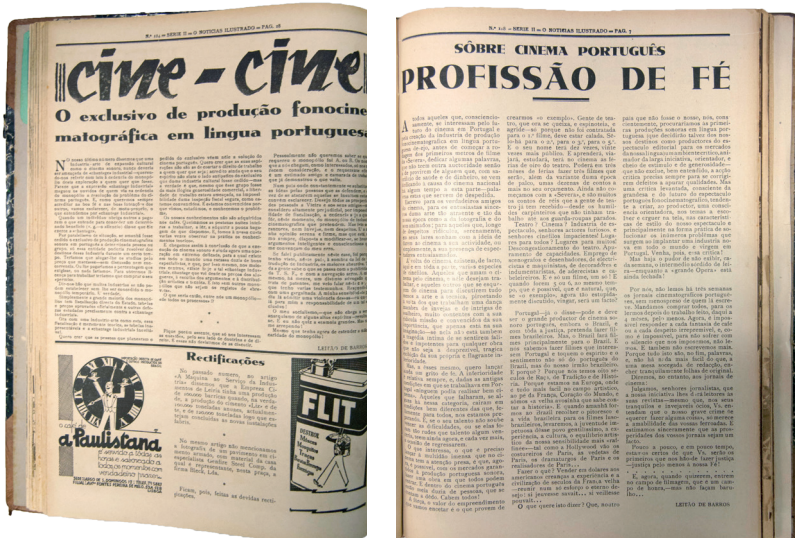


Fig. 175. 176. Textos de LB publicado no n.º 114 e 118 de *ONI*, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 177. Texto de LB, assinado como o seu pseudónimo «O homem que passa» publicado no n.º 14 de *ONI*, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Nas imagens que ilustram este capítulo, mostro algumas das páginas dos vários números deste semanário ilustrado, *O Notícias Ilustrado*. Observando as mesmas, é visível as várias características já mencionadas

sobre o facto de ser impresso em rotogravura. É notória a riqueza fotográfica que por estas páginas passaram e a liberdade na direção dos elementos gráficos, recorrendo muitas vezes à ilustração de elementos decorativos, que cativam o olhar do leitor. Havia também páginas com o layout mais tradicional, paginado em colunas com ilustrações ou fotografias a interromper o texto, mas normalmente, eram páginas com um teor mais literário do que ilustrativo como as páginas de novelas, críticas, cartas dos leitores e a secção *ecos, notícias e actualidades*.

Seguem-se ainda algumas figuras de páginas de *O Notícias Ilustrado*.



Fig. 178. Dupla publicada no n.º 142 de *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 179. Dupla publicada no n.º 187 de *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 180. Dupla publicada no n.º 146 de *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 181. Dupla publicada no n.º 164 de *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 182. Exemplo de uma capitular ilustrada impressa na revista *ONI*, Centro de Documentação do *DN* (Fotografia: Carla Chá-Chá).





Fig. 183. Página sobre a Madeira publicada no n.º 195 de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 184. Página sobre a Tomar publicada no n.º 212 de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

Fig. 185. Página sobre a fotografia publicada no n.º 98 de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).

O Notícias Ilustrado vs. Notícias Magazine

Não podendo faltar uma ligação aos dias de hoje, estabeleço este vínculo entre o passado e o presente. *O Notícias Ilustrado* e a *Notícias Magazine* têm várias coisas em comum. Começando pelo óbvio das suas semelhanças, os seus títulos de publicação. São ambos suplementos do *Diário de Notícias*, lançados ao domingo. Separados por quase um século, estes dois semanários de informação partilham o grande objetivo de informar os leitores de forma rigorosa e atualizada, tentando inovar na sua imagem gráfica e nos conteúdos apresentados, mantendo-se atentas à concorrência e ao que de novo se faz. Observando esses conteúdos, concluo que os dois contêm crónicas nas mais diversas áreas, artigos com poder visual recorrendo à fotografia e até mesmo à ilustração, mas com detalhes gráficos de acordo com a época de cada um.

É de salientar que as épocas de publicação de cada uma das revistas é muito distinta. Ambas as publicações sofrem grandes dificuldades que são de natureza diferente, enquanto que ONI publica-se numa época em que há uma vasta percentagem de analfabetismo no país já a NM sofre o impacto da passagem das publicações periódicas impresas para um formato digital situação mais presente nos mais jovens.



Fig. 186. Capa n.º 4 da série I de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 187. Capa n.º 1128 da revista NM, antigo design, coleção da autora.



Fig. 188. Capa n.º 90 da série II de ONI, Centro de Documentação do DN (Fotografia: Carla Chá-Chá).



Fig. 189. Capa n.º 1224 da revista NM, novo design, coleção da autora.

Conclusão

O estágio curricular foi uma experiência importante para a minha formação e integração na vida profissional. Foi ali, na redação do departamento de revistas do *Diário de Notícias*, que dei os meus primeiros passos na paginação de revistas. O facto de ser estagiária facilitou o primeiro contacto com a pressão existente no meio, pois a responsabilidade é menor e o fluxo de trabalho também. Os exercícios realizados durante o mesmo permitiram uma maior liberdade criativa, que muitas vezes não é possível na paginação de revistas com layout fixo. Hoje, sendo eu paginadora numa revista, valorizo a experiência adquirida durante esses 6 meses como uma mais valia em termos de currículo e como uma experiência enriquecedora a nível profissional e pessoal.

Foi durante este estágio que tive a oportunidade de pesquisar e estudar o centro de documentação do jornal *Diário de Notícias*, onde tive o privilégio de conhecer em profundidade a revista *O Notícias Ilustrado* e o seu diretor Leitão de Barros.

Durante a investigação foi possível observar as várias publicações existentes na grande parte do século XX, algumas delas ligadas a grandes jornais da época como o jornal *O Século* e o *Diário de Notícias*. É notória a grande importância que as mesmas tiveram na divulgação de informação, nas inovações técnicas e artística, na evolução da imprensa, deixando um legado importante acessível a todos nos dias de hoje.

O início do século XX foi mais do que um início de um novo século, mais do que várias mudanças políticas no nosso país e mais do que o nascimento de novos movimentos modernistas. Foi, sem sombra de dúvida, um início para um homem que marcou o nosso país de várias formas e em diversos aspetos. Leitão de Barros desde muito novo, dedicou-se ao seu país expondo o nacionalista que havia em si. Este homem é, nos dias de hoje, mais conhecido pela sua ligação ao cinema pois realizou o

primeiro filme sonoro português e participou na criação dos estúdios da *Tobis*, produtora de filmes sonoros portuguesa. Mas, circunscrever a atividade de Leitão de Barros ao cinema é um engano. LB dedicou-se a tantas atividades diferentes que, depois da pesquisa que realizámos, ainda deixámos muitos aspetos da vida desta personalidade por explorar. Homem do teatro, do jornalismo, da decoração e, de grande importância para este trabalho, diretor de publicações e designer gráfico, facetas que pouco aparecem ligadas ao mesmo.

Leitão de Barros criou e dirigiu a revista *O Domingo Ilustrado*. Quando as suas oficinas foram destruídas, LB achou que esta era a oportunidade perfeita para mudar, voltar a criar algo novo. Nas suas viagens pela Europa, observou do que por lá se fazia e trouxe um pouco consigo. É neste momento que a rotogravura entra em Portugal e com ela nasce *O Notícias Ilustrado*.

O Notícias Ilustrado foi uma publicação que marcou a sua época. Os conteúdos publicados nas suas páginas são de uma riqueza visual significativa quando comparado com outras publicações existentes no seu tempo, é notória uma diferença. O facto de ser a primeira publicação impressa em rotogravura, distingue-a logo das restantes revistas em termos de qualidade de impressão, pois as imagens ganham vida pelo detalhe exposto no papel. Esta revista propôs, e na minha opinião cumpriu, a missão de levar aos seus leitores assuntos da atualidade, acontecimentos, novidades, tentando sempre alcançar cada português, inclusive fora do território nacional.

Inicialmente, o tema de estudo a que me propus, centrava-se apenas numa investigação sobre o semanário *O Notícias Ilustrado*, mas não seria possível falar desta revista sem falar de Leitão de Barros. Sem ele não teria existido uma publicação com estas características visuais vanguardistas, que encheu os olhos aos seus leitores de então, deixando-nos um legado de riqueza visual para os dias de hoje. Espera-se assim, que os objetivos propostos no início deste relatório de estágio tenham sido cumpridos.

Bibliografia

- BORDALO E SÁ, Sérgio Miguel Lobo da Conceição. *Triunfos e Contradições da Vontade, para uma Releitura de Lopes Ribeiro e Leitão de Barros no Contexto do Cinema de Propaganda*. Lisboa, Faculdade de Letras – Universidade de Lisboa, 2013, Tese de Doutoramento.
- CARVALHO, Alberto Arons, *A censura e as leis de imprensa*, Lisboa, Seara Nova, 1973.
- FIDALGO, Daniel Sérgio. *Panorama da Ilustração Editorial Portuguesa no Século XX*. Tomar, Escola Superior de Tecnologia – Instituto Politécnico de Tomar, 2015, Relatório de Estágio
- FIORAVANTI, Giorgio. *Diseño e Reproducción*. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1988.
- FRANÇA, José-Augusto. *A Arte em Portugal no século XX (1911-1961)*. Livros Horizonte, Lisboa, 4.º Edição, 2009.
- FRANÇA, José-Augusto; FREITAS, Maria Helena de; ACCIAIVOLI, Margarida;
- RODRIGUES, António; *O Grafismo e Ilustração nos Anos 20*, CAM – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1986
- FREIRE, João Paulo, *Diário de Notícias: da sua fundação às suas Bodas de Diamante*. Empresa Diário de Notícias, Lisboa, 1939.
- GOMES, Tânia Vanessa Araújo. *Uma revista feminina em tempo de Guerra: O caso da «Eva», (1939-1945)*. Coimbra, Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras, 2011, Dissertação de mestrado.
- JAROSLAV, Andel. *Avant-Garde Page Layout 1900-1950*. Delano Greeidge Editions, Nova Iorque, 2002.
- MARTINS, João Paulo do Rosário. *Cottinelli Telmo/1897-1948 a obra do arquitecto*. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 1995, Dissertação de Mestrado.

- PESSOA, Fernando, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Lisboa. Ática. 1996.
- PINTO, Afonso Manuel Freitas Cortez, *Portugal (1928-1968): Um Filme de J. Leitão de Barros*. Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, 2015, Tese de Doutoramento.
- SENA, António, *Uma história de fotografia: Portugal 1839 a 1991*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da moeda, 1991
- SOUSA, Osvaldo Macedo de Sousa. *As Caricaturas da Primeira República*, Lisboa, Tinta-da-china, 2010
- TENGARRINHA, José. *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Editorial Caminho, Lisboa, 1989
- WILLMANN, Heinz. *Geschichte der Arbeiter-Illustrierten Zeitung*. Dietz Verlag, Berlim, 1974
- <<https://ephemerajpp.com/2009/09/05/desenho-trabalhos-manuais-artes-decorativas-pedagogia-do-desenho-no-espolio-do-coronel-marques-leitao/>> (consultado a 2 de agosto de 2017)
- <<http://www.dnescolas.dn.pt/index.php?a=historia&p=2>> (consultado a 23 de abril de 2016)
- <<http://www.dnoticias.pt/imprensa/hemeroteca/diario-de-noticias/dois-seculos-da-historia-da-imprensa-LF531049>> (consultado a 15 de janeiro de 2015)
- <<http://www.parlamento.pt/Parlamento/paginas/oestadonovo.aspx>> (consultado a 17 de julho de 2017)
- <<http://ensina.rtp.pt/artigo/o-estado-novo/>> (consultado a 12 de janeiro de 2016)
- <<http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/investigacao/varia/documento-do-mes/julho-2015/>> (consultado a 4 de março de 2017)
- <<https://en.wikipedia.org/wiki/Arbeiter-Illustrierte-Zeitung>> (consultado a 4 de março de 2017)
- <<http://www.designers-books.com/gebrauchsgraphik/>> (consultado a 4 de março de 2017)
- <https://en.wikipedia.org/wiki/Berliner_Illustrierte_Zeitung> (consultado a 4 de março de 2017)
- <https://de.wikipedia.org/wiki/M%C3%BCchner_Illustrierte_Presse> (consultado a 4 de março de 2017)

<[https://en.wikipedia.org/wiki/LEF_\(journal\)](https://en.wikipedia.org/wiki/LEF_(journal))> (consultado a 4 de março de 2017)

<[https://en.wikipedia.org/wiki/Vu_\(magazine\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Vu_(magazine))> (consultado a 4 de março de 2017)

<[http://www.infopedia.pt/\\$futurismo](http://www.infopedia.pt/$futurismo)> (consultado a 8 de agosto de 2016)

<[https://www.infopedia.pt/\\$gomes-da-costa](https://www.infopedia.pt/$gomes-da-costa)> (consultado a 17 de julho de 2017)

<http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/palacio/presidentes/antonio_carmona.html> (consultado a 17 de julho de 2017)

<<http://oliveirasalazar.org/>> (consultado a 17 de julho de 2017)

<[https://www.infopedia.pt/\\$marcello-caetano](https://www.infopedia.pt/$marcello-caetano)> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Primeira_Guerra_Mundial> (consultado a 17 de julho de 2017)

<<http://digitarq.cpf.dgarq.gov.pt/details?id=39176>> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Chianca_de_Garcia> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Adolfo_Norberto_Lopes> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Rep%C3%B3rter_X> (consultado a 17 de julho de 2017)

<<http://www.tribop.pt/MBd/>> (consultado a 17 de julho de 2017)

<[http://www.infopedia.pt/\\$leitao-de-barros](http://www.infopedia.pt/$leitao-de-barros)> (consultado a 12 de janeiro de 2016)

<<http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-12-01-Foi-o-primeiro-jornal-portugues.-E-ajudou-D.-Joao-IV-a-consolidar-o-poder-em-1>> (consultado a 3 de dezembro de 2016)

<[https://www.infopedia.pt/\\$teresa-leitao-de-barros?uri=portugues-alemao/barro](https://www.infopedia.pt/$teresa-leitao-de-barros?uri=portugues-alemao/barro)> (consultado a 19 de março de 2017)

<<https://ephemerajpp.com/category/arquivo/espolio-da-familia-cottinelli-telmo-e-da-familia-leitao-de-barros-espolio-do-coronel-marques-leitao/>> (consultado a 19 de março de 2017)

<<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>> (consultado entre outubro de 2015 e setembro de 2017)

<RoqueGameiro.org <http://tribop.pt/TPd/>> (consultado a 10 março de 2017)

<<http://arquivopessoa.net/textos/456>> (consultado a 30 de junho de 2017)

<<https://www.publico.pt/2010/08/31/jornal/analfabetismo-e-educacao-popular-19905476>> (consultado a 23 de agosto de 2017)

<[https://www.infopedia.pt/\\$manuel-bentes](https://www.infopedia.pt/$manuel-bentes)> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Eduardo_Afonso_Viana> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Francisco_Smith> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Domingos_Rebelo> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Filippo_Tommaso_Marinetti> (consultado a 17 de julho de 2017)

<<https://memoriavirtual.net/2005/02/21/futurismo-manifesto-futurista-2/>> (consultado a 8 de agosto de 2016)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Di%C3%A1rio_dos_A%C3%A7ores> (consultado a 8 de agosto de 2016)

<[https://en.wikipedia.org/wiki/Blast_\(magazine\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Blast_(magazine))> (consultado a 30 de junho de 2017)

<<http://multipessoa.net/labirinto/vida-e-obra/1>> (consultado a 30 de junho de 2017)

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_da_Manh%C3%A3_\(Portugal\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Correio_da_Manh%C3%A3_(Portugal))> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Am%C3%A9lia_de_Orle%C3%A7es> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jo%C3%A3o_Abel_Manta> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Tribuna_da_Imprensa> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/O_Dia> (consultado a 17 de julho de 2017)

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Revolta_de_Fevereiro_de_1927> (consultado a 19 de março de 2017)

Anexos

A presente lista tenta elencar a maioria dos nomes dos colaboradores a partir da observação de todos os números das duas séries de *O Notícias Ilustrado*, existentes no Centro de Documentação do DN. (Da totalidade excetuam-se os números 316 a 342, em falta no Centro.)

Escritores:

A

António Almada	Augusto Fraga	Albino Forjaz
Acácio de Paiva	Armando D'Aguiar	de Sampaio
Augusto da Costa	Aleixo Ribeiro	Adolfo Coelho
António Fagim	António Carneiro	A. P.
A. Tomé Vieira	António Horwich	Ana Maria
Augusto Costa	Nunes	António Alves
António Botto	Adolfo Coelho	Martins
A. Sebastupol	Alves Guerra	Alejo Carrera
A. C. R.	André Charpentier	Alfredo Guizado
Augusto Ferreira	Armando Ferreira	Augusto Ferreira-
Gomes	Ana Virgínia	-Gomes
Artur Portela	Augusto Ferreira	Armando Boaventura
Armando Ferreira	Gomes	António Lopes
Álvaro de Andrade	Arturo Capdevida	Ribeiro
Augusto Pinto	Aleixo Ribeiro	Alfredo de Molina
Ângelo de Lima	Álvaro Maia	A. B.
António Carneiro	A. de Sousa	Alves Guerra
A. Simão Dias	Augusto Costa	André Brun
Augusto Ferreira	Artur Portela	António Botto
Gomes	António Carneiro	Alves Redop
Augusto Gil	António Eça de	Acácio de Paiva
	Queirós	André Dohl
	Armando Ferreira	Alberto Serrão

Monteiro	B	D
Augusto Ricardo	Barbosa Júnior	Dr. Movel
Armando de Aguiar	Belo Redondo	Dr. Sancho Pança
Anibal Nazaré	Bastos Guerra	D. Tomaz
Augusto Ferreira Gomes	Baltazar Fernandes	de Almeida
Aurora Jardim	C	E
Aranha	Chianca De Garcia	Eduardo Fernandes
A. Faure de Rosa	Carolina de Homem- Chisto	Júnior
A. Sanches de Castro	Castelo de Moraes	Eugénio Silva
Artur Portela	Cláudio e António	Eugénio de Castro
Ada	Corrêa	Eugénio Vieira
Armando Ferreira	D'Oliveira	Edgar Poe
A. De A.	Guimarães	Eduardo Frias
A. N.	Constantino	Eugénio de Avillez
Aquilino Ribeiro	d'Figueiredo	F
Augusto Pinto	Clarimundo Guedes	Frederico Donaire
António Lopes Ribeiro	Emílio	Fernando Pessoa
António Ferro	Carlos Leal	Frei Gel D'Alcobaça
«Agulha de fibra»	Caetano Silva	Fidelino
Augusto	C. S.	de Figueiredo
de Cunha	Carlos Sequeira	Frederico Viegas
Adolfo Coelho	Cesário Verde	Fernanda
Artur Portela	Cândido Barreira	Fernando Mouta
Américo Coelho	Camillo Pessanha	Fernando
Armando Ferreira	Chabi Pinheiro	de Pamplona
Augusto de Santa- -Rita	Carlos Queiroz	F. P. B.
A. P.	Camilo Castelo	Francisco da Silva
Álvaro de Campos	Branco	Passos
A. C.	Correia da Costa	F. R.
Anthero do Quental	Constantino	Francisco dos Santos
António Fagim	de Figueiredo	Salomé
António Lopes	Carvalho Brandão	Francisco D'Assis
Ribeiro	Cecília Meireles	Faria Afonso
Américo Durão	Carlos Queirós	Faria de Vasconcelos
	Cristiano Lima	Ferreira de Castro

Ferreira Coelho	Júlio Dantas	José Sarmento
Fernando Ernesto	J. David Airada	José Ângelo
de Sampaio Ribeiro	Julião Quintinha	K
Feliciano Santos	Júlio Telles	Kinema
F. G.	Jack Armando	
	J. Torres	L
G	de Carvalho	Luiz Reis Santos
General Carmona	Justino	Luíz D'Oliveira
Gonçalo	de Montalvão	Guimarães
Henriques	João Martins	Leitão de Barros
Gervasio Lobato	João de Sousa	«Leonor»
Geraldo Geraldes	Fonseca	Luzia
Germano Martins	João Santos	Lino Ferreira
Gabriela Castelo	João Vasconcelos	Luiz de Sá Cardoso
Branco	E Sá	Luiz Lupi
Gustavo de Freitas	João Zero	L. Figueiredo
Gastão	João Saraiva	Lima Antunes
de Bettencourt	João Ameal	LuísTeixeira
G. de B.	João Paulo Freire	Luíz Lopes
Guedes de Amorim	João Ares	Laura Chaves
Guilherme Faria	João da Maia	Luíz de Montalvor
G. Matos Sequeira	João de Sousa	
	José Ribeiro Antunes	M
H	José Viena	Maria Marques
Homem Cristo	José Gordo	Matos Sequeira
Henrique Roldão	José de Sousa	Maria D.
Herculano Pereira	Fonseca	Maria Carlota
Henrique Roldão	José Tristão	Maria de Carvalho
Henrique Lopes	José Júlio Vila Nova	Mário Sant'ana
Mendonça	José Crisóstomo	Maria Teresa
Horácio Alves	Teixeira	Marco António
	José Figueiredo	Martinho D'Avelar
I	José Gomes Ferreira	Mário Domingues
IPRESS	José Pedro do Carmo	Mário Domingues
Ilídio Perfeito	José Luís Ribeiro	Mário Peres
J	José D'Ávilaz	Mário Duarte
J. R. D.	José de Miranda	Mário Domingues

Matos Sequeira	<u>R</u>	Tomé Vieira
Mário Beirão	Ribeiro Couto	Tom
Marques da Costa	Ribeiro dos Reis	Teixeira de Pascoaes
Mota da Costa	Rebelo	Theresa Leitão
Maurício de Oliveira	de Bettencourt	de Barros
Mário Duarte	Rosa Silvestre	«Tia Tagarela»
Maurício d'Oliveira	Raúl de Oliveira	
Mário Barros	Ruy Cordovil	<u>U</u>
Manuela de Azevedo	Repórter X	«Um amigo
(Margarida	(Reynaldo Ferreira)	dos diabos»
do Monte)	Ribeiro dos Reis	
Maria Lamas	Ruy Folha	<u>V</u>
Mário Duarte	Rocha Júnior	V. Chagas Roquette
Maria de Carvalho	Repórter Q. V.	Victor Lopes
	Rocha Martins	Valério
<u>N</u>	Rui Casanova	de Rojanto
Norberto Lopes	Ronald de Carvalho	Virgílio Maurício
Norberto de Araújo	Raposo	Virginia Vitorino
Nogueira de Brito	de Oliveira	Victor Falcão
<u>O</u>	Rogério Garcia	Virgina Lopes
Oliveira Martins	Perez	de Mendonça
Olavo D'Eça Leal	Repórter Zero	
Olga Alves Guerra	Ramos de Sousa	<u>X</u>
Óscar Paxeco	Raúl de Aboim	Xisto Júnior
O. L.		
«O Repórter	<u>S</u>	<u>Z</u>
Mistério»	Sara Beirão	Z. Z.
«O homem	Sousa Martins	Zé Pedro
que passa»	Silvério Lebre	
Olavo	Saul Topazba	Fotógrafos:
	Sara Beirão	<u>A</u>
<u>P</u>	Sousa Costa	A. Brinder
Paiva Magalhães	São Martinho	A. Costa
Paulino de Oliveira	Silva Tavares	A. Leitão
Péle-Mêlé		A. Melim
Pedro Muralha	<u>T</u>	A. Melina
Paula Bastos	Torres de Carvalho	A. Pas

A. Salgado	C	Fotos Franca
A. Vaz	Candido	Fotos «Kolmische Zeitung»
Agência	Carlos Correia	Foto Nicolas
Fotográfica	Carlos Miranda	Foto Nogueira
Alberto Camacho	César Franco	Foto Notícias
Alberto Santos	Condorcet	Foto Novais
Alvão		Foto «O’Leary»
Álvaro Laborinho	D	Foto Orduña
Álvaro Martins	Deniz Salgado	Foto Plortiz
Alves de Sampaio	Diário de Notícias	Foto «Rochmann»
Alves Gato	Dina Tereza	Foto «Século»
Américo Ferreira	Diogo Costa	Foto Sobral
Américo Ribeiro	Domingos Igreja	Fotos Ufa
André Salgado	Dr. Salazar Carreira	Foto Zola
Antello		Francisco Santos
Antero Faro	E	Furtado e Reis
António Campos	Edgar Santos	
António Cró	Evaristo Cunha	G
António Lino		Granja Ferreira
António de Veiga	F	
Armando	F. Bettencourt	H
Boaventura	F. Cruz	Henrique Graça
Armando Garcês	F. Rodrigues	Henrique Silva
Armando Seródio	F. Santos (Agência	Henry Manuel
Armando Silva	Fotográfica)	Herminio Figueiredo
Arnaldo Silva	Fausto Guimarães	Hoffmann
Aureliano	Ferreira da Cunha	
Carneiro	Firmino do Carmo	I
	Fotografia Inglesa	«Irene» (Olivia
B	Fotografia Rodrigues	Guerra)
Barriga	Foto América	
Baptista	Foto «Ayres»	J
Beleza Porto	Fotos Bailinho	J. Demoustier
Belo Vieira	Foto Brasil	J. M. Ribeiro
Benoliel	Foto Cinematografia	J. Mayer
Bordalo Pinheiro	Fotos «Cronica»	J. Paiva
Brotas Cardoso	Foto Ferrari	

J. Runa	Mário Machado	<u>S</u>
J. Santos	Mário Novais	S. Gouveia
Jaime Ferreira	Marques Filho	San Payo
João dos Santos	Marques Mendes	Serra Martins
João Duque	Maurício de Oliveira	Serodio (Agência
João Franco	Mechelen	Fotográfica)
João Martins	Metelo (Agência	Severo
João Ramos	Fotográfica)	dos Santos
João Resende	Meurisse	Salazar Deniz
João Santos	Moraes Sarmento	Santos Pires
Mendonça		Silva Correia
João Martins	<u>N</u>	Silva Nogueira
Joaquim Ferreira	Nedel	
Joaquim Pedro	«Notícias Ilustrado»	<u>T</u>
Vilar	Nunes de Almeida	Tenente Simões
José Baptista		Terra United Artists
José Borrego	<u>O</u>	Trampe Hi
José Liberato	Octávio Bobone	Tobis
José Mesquita		
José Miranda	<u>P</u>	<u>U</u>
José Paulo Barradas	P. de Carvalho	U. F. A.
Júlio Chaves	Peninsular	
	Patorel	<u>V</u>
<u>L</u>	Paúl	V. Campos
Laborinho	Paulo Guedes	V. Rodrigues
Lacerda e Melo	Paulo Namorado	Vasques e Venus
Leonel de Melo	Pina	Virgilio Rodrigues
Luiz da Assumpção	Pinto Monteiro	VU
	Portugalia	
<u>M</u>		<u>W</u>
M. Almeida	<u>R</u>	Walker
M. Amaro Nunes	Raimundo Vessier	«Wide World»
M. O.	Rasteiro	«Woche»
Manoel Fortes	Ramos de Paiva	
Manuel Abreu	Raul Reis	Ilustradores
Manuel R. da Costa	Rocha	<u>A</u>
Manuel Seixas	Rosiel	Almada Negreiros

Amareilhe
António Hartwich
Nunes

B
Botelho

C
Cunha Barros

E
Emmerico Nunes

F
F. G.
F. Silva

J
Jorge Barradas
José Afonso

L
Luiz Teixeira

M
Mamía
Manuel Gustavo
Maria Roque
Gameiro
Martins Barata

O
Olavo
D'Eça Leal

R
Rodolfo

Roque Gameiro
R. Canizey

S
Sorquilla
Stuart Carvalhais

T
Tagarro

W
W. Haeburn Litte

Comunicado

Este comunicado foi escrito por Leitão de Barros aos leitores publicado no último número (382) do semanário *O Notícias Ilustrado*.

«Aos nossos prezados assinantes e leitores:

O Notícias Ilustrado vai passar por uma grande remodelação, de formato, de aspecto e de índole jornalística.

Para tanto é necessário uma suspensão temporária na saída regular desta publicação, a fim de se montarem todos os serviços e oficinas que a nova orientação exige.

Quem percorrer a coleção do Notícias Ilustrado nesta sua primeira fase, de 382 números, verificará o enorme esforço despendido para registar, semana a semana, a vida nacional, numa publicação única no seu género em Portugal.

Mas os jornais, como as pessoas, têm uma vida. Há que evoluir, que transformar, que adaptar à desenfreada e desleal concorrência do jornal estrangeiro entre nós, os nossos jornais. Isto dentro dos recursos de expansão de que dispomos.

Assim, o nosso Notícias Ilustrado deverá sair a 4 de Janeiro, pois só nessa data os arquivos novos estarão montados. E sairá completamente remodelado, em formato duplo do actual, todo feito em heliogravura, e tratando, além dos assuntos da alta reportagem internacional, temas de desporto, de cinema, de aventuras, de teatro e de magazine, sempre com grande desenvolvimento.

Se alguns acontecimentos de repercussão mundial se derem no espaço do tempo da nossa forçada suspensão, o Notícias Ilustrado, excepcionalmente, fará suplementos gráficos a eles referentes.

E até lá optimismo, confiança no público e em nós próprios...»

Carta

Esta carta foi escrita por Leitão de Barros dirigida a António Oliveira Salazar datada de 9 de outubro de 1935 consultada em *Portugal (1928-1968): Um Filme de J. Leitão de Barros*, tese de mestrado de Afonso Manuel Freitas Cortez Pinto.

«Desde sábado o nosso país não tem um único jornal que registre, pela gravura, a sua vida corrente. Julgamos de nosso dever vir expor a v.exa., respeitosamente, as razões que nos obrigam a lançar na miséria mais de uma centena de pessoas, que tantas são as famílias dos operários que, por essa decisão, ficaram sem o seu sustento assegurado. E julgamos nosso dever esta carta, porque v. exa., tendo criado os serviços de Censura à Imprensa, orienta e encaminha, no sentido de superior aproveitamento todos os valores e todas as actividades cuja acção é a de estar em contacto com a opinião pública.

O jornal que dirigimos durante sete anos, e o seu antecessor, o Domingo Ilustrado, ambos de índole popular, mas orientados por um critério de valorização e estímulo de toda a acção nacionalista, prestaram, em nosso entender, indiscutíveis serviços à causa do progresso da Nação e até, objectivamente, à Revolução de 28 de Maio, fazendo intensa e larga propaganda da obra realizada pela Ditadura – embora politicamente nenhum compromisso numa ou noutra publicação houvesse sido tomado, ou essa política nos fosse imposta por contractos, visto estar sempre ressalvada completa liberdade de direcção e de redacção.

Valorizar o esforço de todos no ressurgimento do país; levar até aos nossos irmãos do Brasil e aos portugueses das Colónias a imagem dum Portugal melhor e mais próspero; fazer um jornalismo vibrante, optimista e construtivo, europeu na sua expressão técnica e moderno nas suas tendências, foram sempre os nossos desejos.

Quando pusemos em realce o que está mau, foi, sempre, para chamar a atenção pública e dos dirigentes, no sentido de se melhorar o existente. Isto mesmo poderá V.Exa. verificar em toda a colecção do Notícias Ilustrado.

O aparecimento, porém, da concorrência alarmante do jornal gráfico espanhol, tratando assuntos e temas, publicando aspectos e quadros proibidos expressamente pela Censura Portuguesa, veio dar um golpe fatal na revista gráfica nacional.

Em cerca de seis meses triplicou a importação do jornal espanhol de actualidades. O crime, a revolução, a fotografia galante, a reportagem «à

sensation», o humorismo social, a crítica histórica, tudo assuntos que a Censura Portuguesa implacavelmente persegue, expandem-se diariamente em periódicos de Espanha, desdobram-se nas portas das tabacarias não só de Lisboa e Porto, mas de toda a província, entram em todas as casas, estão dispersos (supremo paradoxo!) nas próprias salas de oficiais e de sargentos dos quartéis da Guarnição de Lisboa.

Escritos numa língua que a totalidade dos portugueses entende completamente; apresentados a um preço baixíssimo que a sua grande tiragem em Espanha lhes permite; circulando livremente e imponemente em todo o País; chegando diariamente à mais recôndita aldeia da província; tratando com inteira liberdade e sem restrições os temas que interessam na realidade o público (e que as melhores intenções directivas não podem modificar) a revista gráfica espanhola matou completamente a revista congénere no nosso país.

Pergunta-se, pode e deve consentir-se que permaneçam estas circunstâncias? Que o nosso país não tenha um único jornal gráfico e que a Espanha venda semanalmente em Portugal cerca de 80.000 jornais ou revistas, sem nenhum limite a essa exploração, sem ónus alfandegário e com a agravante de tratar todos os temas que a Censura Portuguesa expressamente proíbe ao jornal português?»

Capas de *O Notícias Ilustrado*

Série I



n.º0



n.º1



n.º2



n.º3



n.º4



n.º5



n.º6



n.º7



n.º8



n.º9



n.º10



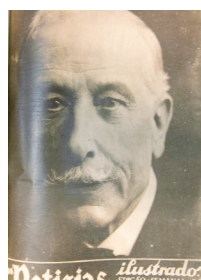
n.º11



n.º12

Série II

Nesta série estão apresentados 358 capas, faltando as correspondentes aos números 316 a 343 inclusive.



n.º1



n.º2



n.º3



n.º4



n.º5



n.º6



n.º7



n.º8



n.º9



n.º10



n.º11



n.º12



n.º13



n.º14



n.º15



n.º16



n.º17



n.º18



n.º19



n.º20



n.º21



n.º22



n.º23



n.º24



n.º25



n.º26



n.º27



n.º28



n.º29



n.º30



n.º31



n.º32



n.º33



n.º34



n.º35



n.º36



n.º37



n.º38



n.º39



n.º40



n.º41



n.º42



n.º43



n.º44



n.º45



n.º46



n.º47



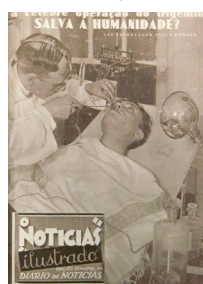
n.º48



n.º49



n.º50



n.º51



n.º52



n.º53



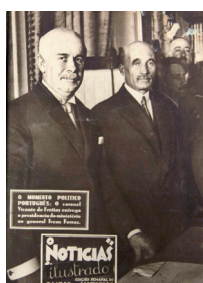
n.º54



n.º55



n.º66



n.º67



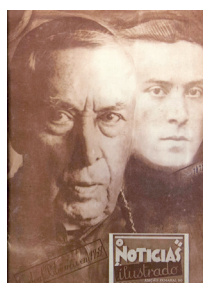
n.º68



n.º69



n.º60



n.º61



n.º62



n.º63



n.º64



n.º65



n.º66



n.º67



n.º68



n.º69



n.º70



n.º71



n.º72



n.º73



n.º74



n.º75



n.º76



n.º77



n.º78



n.º79



n.º80



n.º81



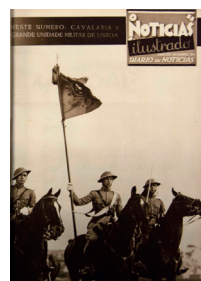
n.º82



n.º83



n.º84



n.º85



n.º86



n.º87



n.º88



n.º89



n.º90



n.º91



n.º92



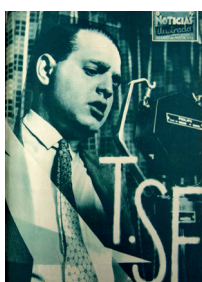
n.º93



n.º94



n.º95



n.º96



n.º97



n.º98



n.º99



n.º100



n.º101



n.º102



n.º103



n.º104



n.º105



n.º106



n.º107



n.º108



n.º109



n.º110



n.º111



n.º112



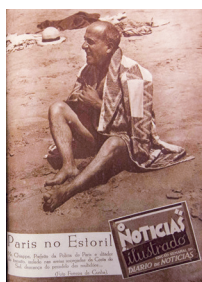
n.º113



n.º114



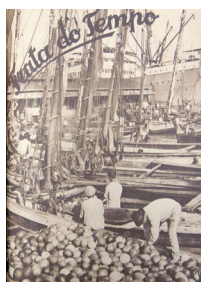
n.º115



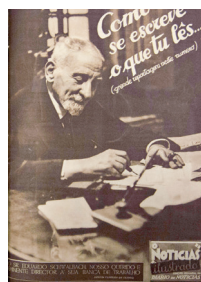
n.º116



n.º117



n.º118



n.º119



n.º120



n.º121



n.º122



n.º123



n.º124



n.º125



n.º126



n.º127



n.º128



n.º129



n.º130



n.º131



n.º132



n.º133



n.º134



n.º135



n.º136



n.º137



n.º138



n.º139



n.º140



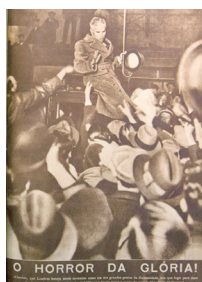
n.º141



n.º142



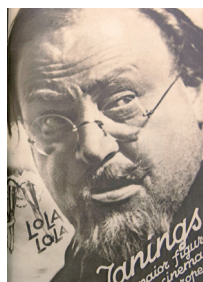
n.º143



n.º144



n.º145



n.º146



n.º147



n.º148



n.º149



n.º150



n.º151



n.º152



n.º153



n.º154



n.º155



n.º156



n.º157



n.º158



n.º159



n.º160



n.º161



n.º162



n.º163



n.º164



n.º165



n.º166



n.º167



n.º168



n.º169



n.º170



n.º171



n.º172



n.º173



n.º174



n.º175



n.º176



n.º177



n.º178



n.º179



n.º180



n.º181



n.º182



n.º183



n.º184



n.º185



n.º186



n.º187



n.º188



n.º189



n.º190



n.º191



n.º192



n.º193



n.º194



n.º195



n.º196



n.º197



n.º198



n.º199



n.º200



n.º201



n.º202



n.º203



n.º204



n.º205



n.º206



n.º207



n.º208



n.º209



n.º210



n.º211



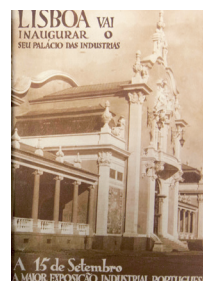
n.º212



n.º213



n.º214



n.º215



n.º216



n.º217



n.º218



n.º219



n.º220



n.º221



n.º222



n.º223



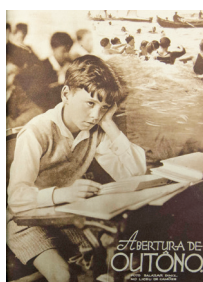
n.º224



n.º225



n.º226



n.º227



n.º228



n.º229



n.º230



n.º231



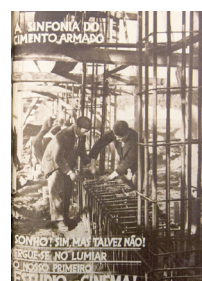
n.º232



n.º233



n.º234



n.º235



n.º236



n.º237



n.º238



n.º239



n.º240



n.º241



n.º242



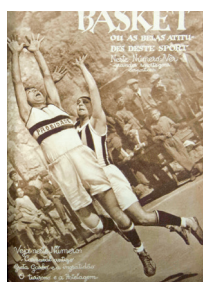
n.º243



n.º244



n.º245



n.º246



n.º247



n.º248



n.º249



n.º250



n.º251



n.º252



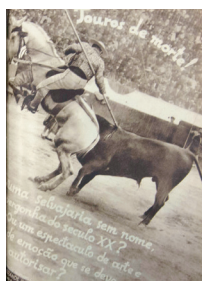
n.º253



n.º254



n.º255



n.º256



n.º257



n.º258



n.º259



n.º260



n.º261



n.º262



n.º263



n.º264



n.º265



n.º266



n.º267



n.º268



n.º269



n.º270



n.º271



n.º272



n.º273



n.º274



n.º275



n.º276



n.º277



n.º278



n.º279



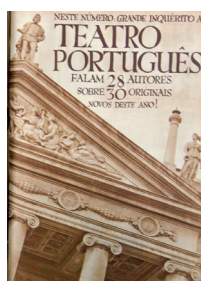
n.º280



n.º281



n.º282



n.º284



n.º285



n.º286



n.º287



n.º288



n.º289



n.º290



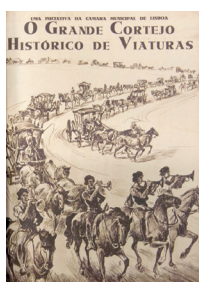
n.º291



n.º292



n.º293



n.º294



n.º295



n.º296



n.º297



n.º298



n.º299



n.º300



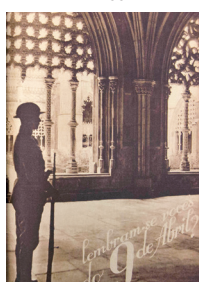
n.º301



n.º302



n.º303



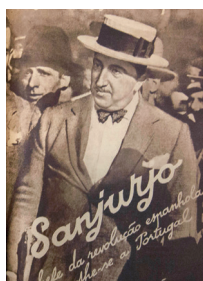
n.º304



n.º305



n.º306



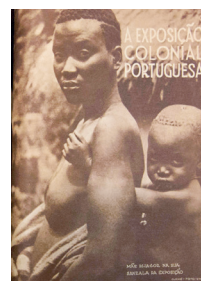
n.º307



n.º308



n.º309



n.º310



n.º311



n.º312



n.º313



n.º314



n.º315



n.º316



n.º317



n.º318



n.º319



n.º320



n.º321



n.º322



n.º323



n.º324



n.º325



n.º326



n.º327



n.º328



n.º329



n.º330



n.º331



n.º332



n.º333



n.º334



n.º335



n.º336



n.º337



n.º338



n.º339



n.º340



n.º341



n.º342



n.º343



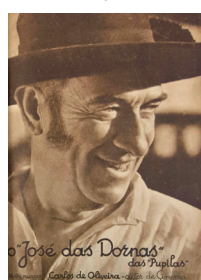
n.º344



n.º345



n.º346



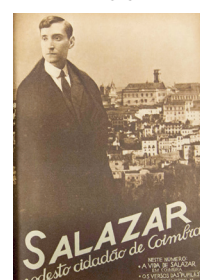
n.º347



n.º348



n.º349



n.º350



n.º351



n.º352



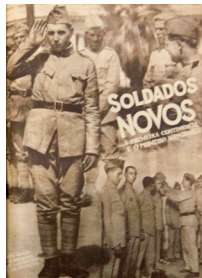
n.º353



n.º354



n.º355



n.º356



n.º357



n.º358



n.º359



n.º360



n.º361



n.º362



n.º363



n.º364



n.º365



n.º366



n.º367



n.º368



n.º369



n.º370



n.º371



n.º372



n.º373



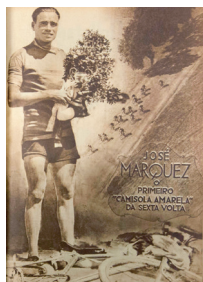
n.º374



n.º375



n.º376



n.º377



n.º378



n.º379



n.º380



n.º381



n.º382

Arquivo de Recortes DN

As imagens aqui apresentadas fazem parte do arquivo de recortes existente no Centro de Documentação do *Diário de Notícias* e disponibilizado pelo mesmo à autora, à excepção de duas páginas apresentadas do livro *Diário de Notícias: da sua fundação às suas Bodas de Diamante*, de João Paulo Freire.

Leitão de Barros

Uma das personalidades multifacetadas de artista que, com maior coerência, assistiu durante décadas à ascensão e decadência do Estado Novo é, sem dúvida, Leitão de Barros

José de Matos-Cruz

Para certos analistas, a sua obra mais significativa encontra-se em pleno cinema silencioso, com os documentários clássicos ao rondar a década de trinta. Já, porém, *Maria do Mar* deixava antever uma linha de ficção com singular recorte do real, tendência que se prolongaria em todos os filmes de fundo — em particular *As Pupilas do Senhor Reitor* e *Ala-Arriba!* — com desigual eficácia. Curiosamente, é em *A Severa* que encontramos alguns dos melhores apontamentos desse pendur documental, reforçado pelo vigor das imagens às quais se vai colocando, pela primeira vez em filme nacional, a insinuação do som. Em *Bocage*, *Inês de Castro*, *Camões* ou *Vendaval Maravilhoso*, que sagram a tendência para reconstituições históricas, de forte cunho literário, sobressai igualmente o cuidado em caracterizar realisticamente o quotidiano, apesar das restrições à ambiência arquitectónica, em que os limites da produção fazem acentuar o artifício dos cenários. Se *Malmequer* tinha mais a ver com esta via, *Mal de Espanha* seria um esboço humorístico, que Leitão de Barros deixou morrer, em finais dos anos trinta, com as comédias *Maria Papoila* e *Varanda dos Rouxinóis*.

José Júlio Marques Leitão de Barros nasceu no Porto (mas foi registado em Lisboa), a 22 de Outubro de 1896. Na Escola de Belas-Artes concluiu com distinção o curso e o 3.º ano de Arquitectura. Nas Faculdades de Ciências e Letras de Lisboa frequentou as cadeiras para o exercício do magistério secundário. Terminado o curso da Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa, foi durante vários anos professor do liceu. A partir de 1916 colaborou em jornais com artigos, crónicas, entrevistas e críticas de arte; viria a ser um dos nossos mais brilhantes jornalistas. Como pintor a óleo e aquarelista, foi distinguido com a primeira medalha da Sociedade Nacional de Belas-Artes e grandes prémios em várias exposições internacionais. Como autor de teatro, foi representado no Teatro Nacional, no Apolo e no Politeama; como cenógrafo — autor de maquetas e cenários —, montou várias peças no Ginásio, em S. Carlos; em 1955 receberia o Prémio Gil Vicente. No cinema, aparece ligado ao grupo da Lusitânia Film em 1918, iniciativa de Celestino Soares tendente à instalação de uma indústria, integrando os sectores de produção, distribuição e exibição. Percorreu a Europa em missões de

serviço público pelo Instituto para a Alta Cultura; foi introdutor da rotogravura em Portugal. Fundou o semanário *Domingo Ilustrado*, integrou a Sociedade Nacional de Tipografia e foi director de *O Século Ilustrado*, cargo que interrompeu em 1940. Em 1942, *Ala-Arriba!* foi galardoado com a Taça Biennali da Bienal de Veneza; *Inês de Castro*, integralmente rodado em Espanha, em três versões, foi considerado de interesse nacional pelo Ministério da Educação de Espanha, obtendo o primeiro prémio da cinematografia espanhola; *Camões* conquistou o grande prémio do Secretariado Nacional da Informação para o melhor filme do ano (1947), após ter participado na selecção oficial do Festival de Cannes em 1946.

Leitão de Barros criou as grandes festas populares de Lisboa e as marchas dos bairros nos santos populares; dirigiu a Feira da Estrela, organizou o Cortejo das Viaturas em 1934, o Cortejo da Embaixada do Século XVIII em 1936, o Cortejo Medieval dos Jerónimos em 1938; em

1940 colaborou nas Festas Centenárias, dirigindo a construção da Nau Portugal e foi secretário-geral da Exposição do Mundo Português. Concelebrou, com Miriam Anahory, a Feira Popular de Lisboa e o Mercado Seiscentista. Em 1947 organizou o Cortejo Histórico das Festas Centenárias de Lisboa.

Montou o Jardim das Belas-Artes, no Logradouro Patriarcal; fundou o Grupo de Amigos de Lisboa, tendo sido director da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Em 1947 foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Sant'Iago da Espada pelo Chefe do Estado, marechal Carmona; possuía também os graus de grande-oficial da Ordem de Cristo, oficial da Ordem de Afonso, o Sábio (Espanha), e o Prémio Júlio César Machado, atribuído pela Câmara Municipal de Lisboa ao melhor cronista da cidade. Nos últimos 14 anos de vida, publicou semanalmente no DN as apreciadas crónicas *Os Corvos*, com ilustrações de João Abel Manta. Faleceu em Lisboa de doença, a 29 de Junho de 1967.

ALGUNS FILMES

1918 — *Malmequer* (cm), *Mal de Espada* (cm), *Sidónio Pais* — Proclamação do Presidente da República (cm), *O Homem dos Olhos Tortos* (in); 1926 — *Festas da Curia* (cm); 1929 — *Nazaré, Praia de Pescadores* (mm); 1930 — *Lisboa, Crónica Anedótica* (lm), *Maria do Mar* * (lm); 1931 — *A Severa* * (lm); 1935 — *As Pupilas do Senhor Reitor* (lm); 1936 — *Bocage* (lm); 1937 — *Maria Papoila* * (lm), *Legião Portuguesa* (cm), *Mocidade Portuguesa* (cm); *Varanda dos Rouxinóis* (lm), *A Pesca do Atum* (cm); 1942 — *Ala-Arriba!* * (lm), *A Póvoa de Varzim* (cm); 1944 — *Lisboa e os Problemas do Seu Acesso* (cm); 1945 — *Inês de Castro* * (lm); 1946 — *Camões* — *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente* * (lm); 1949 — *Vendaval Maravilhoso* (lm); 1951 — *A Última Rainha de Portugal* — *Esquema Biográfico* (cm); 1959 — *Relíquias Portuguesas do Brasil* (cm); 1960 — *Comemorações Henriquinas* (cm); 1961 — *A Ponte da Arrábida sobre o Rio Douro* (cm); 1962 — *Escolas de Portugal* (cm); 1966 — *A Ponte Salazar sobre o Rio Tejo*

* Editados em vídeo

cm — curta metragem; mm — média metragem; lm — longa metragem; in — inacabado

Leitão de Barros, artigo publicado no DN, de José de Matos-Cruz a 24 de julho de 1992, Arquivo de Recortes do Centro de Documentação do DN.

Quem era o cineasta

Leitão de Barros, a quem a Cinemateca Portuguesa dedica uma Retrospectiva a decorrer, desde ontem, no Teatro Municipal de São Luiz — onde se estreou grande parte dos seus filmes significativos — foi, durante quatro décadas, uma das personalidades mais lecionadas da vida cultural e artística lisboeta. Em Lisboa o registaram, em 22 de Outubro de 1896 (poucas horas após o nascimento, no Porto). faleceu em 19 de Julho de 1967, com 70 anos.

José Júlio Marques Leitão de Barros dedicou-se a diversas actividades cada qual correspondendo a uma faceta de uma viva inquietação de criador: foi pintor, decorador, ornalista, autor teatral, inventor, empresário de reconstituições históricas, e criou diversas iniciativas de natureza popular. Deixou, enquanto cineasta, algumas das mais conseguidas obras do tempo do Estado Novo, registe no âmbito do qual se movimentou, tendo, desde cedo, alcançado prestígio internacional. Em 1918, Leitão de Barros regista as primeiras tentativas cinegráficas — «Malmequer» e «Mal de Espanha», e o incompleto serial «O Homem dos Olhos Tortos» — que lhe teriam desagradado, a ponto de só 11 anos mais tarde ter regressado, com um projecto assinalável: «Nazaré, Praia de Pescadores», sobre a comunidade piscatória onde, no ano seguinte, rodaria o documentário dramatizado «Maria do Mar». Esta longa

metragem, tal como a imediatamente anterior, «Lisboa, Crónica Anedótica», são consideradas duas obras-primas do cinema mudo português.

Pioneiro do sonoro

Com «A Severa» (1931), Leitão de Barros inaugura a técnica do sonoro entre nós (embora o processamento técnico decorresse em França) e, em 1935, realiza uma controversa adaptação do romance de Júlio Dinis «As Pupilas do Senhor Reitor». «Bocage» (1936) — início de uma trilogia dedicada a poetas da língua portuguesa — foi co-produzido com a Espanha, e

teve duas versões com distintos protagonistas. Em 1937 e 1939, Leitão de Barros dirige duas comédias musicais: «Maria Papoila» e «Varanda dos Rouxinóis», não tendo esta última repetido o sucesso comercial da anterior. «Ala-Arribal» (1942), sobre a Póvoa de Varzim e interpretado por amadores nortenhos, conquistou a Taça Biennali do certame de Veneza. No âmbito das recreações históricas, concretiza Leitão de Barros dois dos seus filmes mais consistentes: «Inês de Castro» (1945), rodado em Madrid e co-produzido com a Espanha, e «Camões» (1946), apresentado oficialmente no Festival de Cannes. «Vendaval Maravilhoso» (1949) — último

esforço de co-produção, desta vez com o Brasil, sobre o poeta Castro Alves — saiu num fracasso de bilheteira, e afastou Leitão de Barros da primeira linha do cinema português.

Erotismo e sarcasmo

A Retrospectiva agora em curso, incluindo todas as longas metragens dirigidas por Leitão de Barros, permitirá ao público uma reflexão panorâmica sobre a carreira de um cineasta marcada por obsessões temáticas e estéticas: recurso ao folclore, vestuário típico, danças características, e à música como elemento pontuante;

incidência sobre tipos humanos bem definidos; utilização recíproca do documentário e da ficção; exercício privilegiado do recorte plástico no desenvolvimento narrativo. Pode dizer-se, ainda, que Leitão de Barros tentou vários géneros, com idêntica eficácia, alguns dos quais deixou todavia em suspenso. Por outro lado, assinalam-se dois períodos, no tocante à virtualidade dos cenários explorados: até 1942, com «Ala-Arribal», há maior propensão para exteriores e ambiências naturais, ou populistas; a partir de 1945, impõe-se a decoração interior, artificiosa, e o pendor monumentalista, paralelamente ao adensar da encenação dramaturgical. São, porém, patentes, até ao fim, a insinuação erótica das relações descritas, a sacralização de motivos rústicos, e um saboroso sarcasmo sobre figuras aristocráticas. Infelizmente, as cópias exibíveis, hoje, de «Bocage», «Varanda dos Rouxinóis» e «Vendaval Maravilhoso», apresentam grandes falhas de imagem e sem, porque extraídas de negativos em suporte de nitrato, irremediavelmente deteriorados. A publicação de sinopses desenvolvidas ou mesmo das planificações («Varanda dos Rouxinóis», «Vendaval Maravilhoso») fornecem, não obstante, ao público, importantes referências complementares. Quanto a «Inês de Castro», optou-se pela versão espanhola — a que oferece maiores garantias



O actor Raul de Carvalho no papel de «Bocage», um filme de 1936 considerado a primeira película histórica da época do sonoro

de integridade. Para a Cinemateca Portuguesa, e após a programação de um extenso Panorama do Cinema Português (1980) e de um Ciclo Manoel de Oliveira (1981), esta Retrospectiva Leitão de Barros prossegue a divulgação sistemática de tendências e valores nacionais, com uma perspectiva particular ou de conjunto, a acentuar, concretamente, na respectiva proposição ao público. Daí, o realce complementar quanto aos documentários «Sidãoio Pais» (1918), «Legião Portuguesa» (1937), «Lisboa e

os Problemas do seu Acesso» (1944), «A Última Rainha de Portugal» (1951) e «Comemorações Henriquinas» (1960).

Exibem-se, ainda, os pouco conhecidos «Escolas de Portugal» (1962), «A Ponte da Arrábida sobre o rio Douro» (1961) e «A Ponte Salazar sobre o rio Tejo» (1966), provenientes de encargos oficiais, além de — a título de curiosidade: actualidades sobre a visita de António Ferro aos estúdios Roptence, onde se roda «Inês de Castro» (1945); e «Recife», imagens de referência colhidas para a

localização de «Vendaval Maravilhoso» (1949). Lamentavelmente, estão ausentes desta Retrospectiva — por se lhes ignorar o paradeiro — as curtas metragens: «Festas da Curia» (1926), «Mocidade Portuguesa» (1937), «A Pesca do Atum» (1939), «A Póvoa de Varzim» (1942) e «Relíquias Portuguesas no Brasil» (1959). Quanto a «O Homem dos Olhos Tortos», a Cinemateca Portuguesa conserva material que Leitão de Barros preferia ignorado.

José de Matos-Cruz

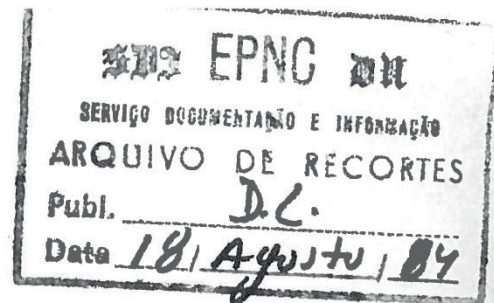
Quem era o cineasta, de José de Matos-Cruz, publicado no DN a 11 de maio de 1982.



BARROS J. Leitão de

— realizados

José Júlio Marques Leitão de Barros nasceu no Porto, a 22 de Outubro de 1896. Cursa o liceu, a Escola de Belas Artes, as Faculdades de Ciências e Letras de Lisboa e a Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa. Professor liceal de Desenho e Matemática (mormente no liceu Passos Manuel) seriam porém outras as actividades que o haviam de tornar um dos vultos públicos da sua geração. O jornalismo, que inicia em 1916, seria a mais constante e prolongada, tendo colaborado nos principais jornais do seu tempo com artigos, reportagens, entrevistas, críticas e crónicas (ficaram célebres a entrevista a Salazar em «O Século» e as crónicas que, sob o título genérico «Corvos» publicou no «Diário de Notícias» entre 1953 e 1967).



Também como pintor a sua actividade seria destacada e o mérito reconhecido em exposições e prémios, em Portugal e no estrangeiro. Foi, aliás, durante anos, director da Sociedade Nacional de Belas Artes.

No teatro colaborou a vários títulos: como autor e cenografista de teatro declamado e de revista.

A concepção monumental de festejos históricos (tão caros ao Estado Novo) foi outra das suas facetas que o tornaram renomado. A «tradição» das Marchas Populares de Lisboa foi ele que a criou. O Cortejo das Viaturas (1934), o Cortejo da Embaixada do Século XVIII (1936), o Cortejo Medieval e o Torneio Medieval dos Jerónimos (1938), as Festas Centenárias (1940), a Exposição do Mundo Português (1940) de que foi secretário-geral, o Cortejo Histórico das Festas Centenárias de Lisboa (1947), eis algumas das iniciativas onde esteve activamente presente, dirigindo, concebendo, propondo. A Feira Popular de Lisboa teve nele, em 1943, um dos decisivos promotores e quando o regime precisou de organizar recepções triunfais foi-o buscar: orientou, entre outras, as recepções a Franco e à Rainha Isabel II.

No cinema está presente desde 1918, através da Lusitânia Film – uma das várias efémeras tentativas de lançar uma produção industrial que aconteceram em Portugal nas décadas 10 e 20. Para aí realiza dois filmes e deixa um terceiro incompleto. Da sua filmografia iriam fazer parte alguns dos mais marcantes momentos do cinema português dos anos 30 e 40.

Leitão de Barros faleceu em Lisboa, a 29 de Junho de 1967.

FILMOGRAFIA: *Malmequer* CM (1918); *Mal de Espanha* CM (1918); *Sidónio Pais* CM (1918); *O homem dos olhos tortos* (inacabado, 1918); *Festas da Curia* CM (1926); *Nazaré praia de*

pescadores MM (1929); *Lisboa, crónica anedótica* (1930); *Maria do Mar* (1930); *A Severa* (1931); *As pupilas do senhor reitor* (1935); *Bocage* (1936); *Maria Papoila* (1937); *Legião Portuguesa* CM (1937); *Mocidade Portuguesa* CM (1937); *Varanda dos Rouxinóis* (1939); *A Pesca do Atum* CM (1939); *Ala-Arribal* (1942); *A Póvoa de Varzim* CM (1942); *Lisboa e os problemas do seu acesso* CM (1944); *Inês de Castro* (1945); *Camões* (1946); *Vendaval Maravilhoso* (1949); *A última rainha de Portugal* CM* (1951); *Relíquias Portuguesas no Brasil* CM (1959) *Comemorações Henriquinas* MM (1960); *A ponte da Arrábida sobre o Rio Douro* CM (1961); *Escolas de Portugal* CM (1962); *A ponte Salazar sobre o Rio Tejo* MM (1966).

A inclusão de Leitão de Barros neste «Dicionário» só se justifica por estritas razões de cronologia: ele ainda filmou na zona temporal a que este trabalho se reporta.

Filmou, sem relevo nem memória, dois documentários de encomenda e não seria por aí que seria recordado.

Os seus grandes filmes tinham ficado, há muito, para trás. Curiosamente, à distância de décadas, não são as superproduções históricas (Bocage, Camões, Inês de Castro) – que tanto relevo público lhe deram – as que mais resistem. Antes é o cronista de Lisboa, crónica anedótica, o rasgado olhar de Maria do Mar ou mesmo o humor naif de Maria Papoila que nos dizem que Leitão de Barros foi um cineasta de mérito, bem menos que o que diziam as comendas oficiais, bem mais do que a pompa e a retórica dos seus dramas históricos deixam supor.

Nota: Sobre Leitão de Barros publicou a Cinemateca Portuguesa um bem documentado catálogo, da responsabilidade de José de Matos-Cruz. Daí foram retirados os dados biofilmográficos que compõem esta ficha.

Leitão de Barros: o

REALIZADOR DE CINEMA

Desde o passado dia 11 que decorre, no São Luiz, uma retrospectiva da obra de Leitão de Barros, promovida pela Cinemateca Portuguesa. A exibição de 23 documentários e longas-metragens, ao mesmo tempo que oferece uma visão ampla do que foi o cinema de Leitão de Barros, permite-nos entender melhor a natureza do Estado Novo, que protegia de uma forma muito especial aqueles que, como o realizador de «Ala Arriba», consciente e devotadamente o serviam.

Com efeito, os responsáveis da propaganda nacional do regime salazarista, com António Ferro à frente, aproveitaram da melhor forma as capacidades deste homem multifacetado, brilhante, vivo e imaginoso — e subsidiaram-no largamente. Leitão de Barros, aliás, era bem conhecido pelo seu pendor para o luxo asiático, para as grandes montagens, para as superproduções. E o SNI lá estava para puxar pelos cordões à bolsa. Quando havia dúvidas não se hesitava em pedir o conselho do próprio Salazar. Assim aconteceu, por exemplo, com o projecto mais caro e mais ambicioso do cinema nacional, o filme «Camões», (1946) sobre o qual o ditador despachou nos seguintes termos: «O Governo considera de utilidade pública a iniciativa do filme «Camões, o Trinca-Fortes», e entende que é dever dos vários serviços coadjuvarem os realizadores.»

Camões, a produção mais oficial

Por essa época, Roberto



Leitão de Barros junto de alguns quadros seus, de uma exposição realizada em 1924

Nobre, crítico pelo qual a censura de então não nutria grande apreço, não deixou de chamar a atenção para o grande luxo da fita, enquanto, por outro lado, Manoel de Oliveira não conseguia apoio para o projecto «Gigantes do Douro». Cave aqui um excerto do artigo que Vítor Pavão dos Santos publicou em «O Jornal» de 9 de Junho de 1978, por ocasião do «Ciclo Leitão de Barros» na RTP. Depois de falar de «Inês de Castro», Pavão dos Santos escreve: «Era o treino para «Camões» (46), a produção mais oficial, que continua hoje a causar espanto pela grandeza dos seus cenários (como foi possível, em estúdios portugueses, erguer aquele Rossio?), pelos seus tantos figurantes, pela sua maneira de ver o século XVI através do século XIX, pelas salas de papel pintado, ao gosto de Manini, mas contudo grandiosas. Apenas a Coimbra

«Fazia filmes como quem faz cortejos históricos»

Também no mesmo ano é criado o «Fundo do Cinema Nacional» destinado a apoiar certos filmes portugueses ou a «afundar» o cinema português, como então se dizia. Projectos de Manuel Guimarães, por exemplo, ficam à espera do «Fundo», enquanto Leitão de Barros consegue dinheiros portugueses e brasileiros para outra superprodução, «Vendaval Maravilhoso», que redundaria num fracasso de bilheteira.

Profundamente comprometido com o regime vigente, servindo e servindo-se, com maior ou menor brilho, da capa oficial que o protegia, de Leitão de Barros se pode dizer hoje que foi o realizador de alguns dos mais ambiciosos filmes do cinema português dos anos 30 e 40.

Mas antes disso, longe ainda do protecçãoismo oficial, dos dinheiros do Fundo, das cunhas de Salazar, Leitão de Barros já provara ser um nome, destacado do cinema português com «Nazaré, Praia de Pescadores» (1929), «Lisboa, Crónica Anedótica» (1930) e «Maria do Mar» (1930). A propósito de «Lisboa, Crónica Anedótica», Fernando Lopes, contactado pelo nosso jornal para um breve depoimento sobre Leitão de Barros, diria: «O Leitão de Barros foi um grande chato: fazia filmes como quem faz cortejos históricos. Além disso, era o cineasta oficial da época... Quanto a mim, só fez



Ilustração de João Abel Manta para os «Corvos»

estudantil consegue respirar um certo ar livre, que o piosismo do diálogo, «à antiga», abafa constantemente.»

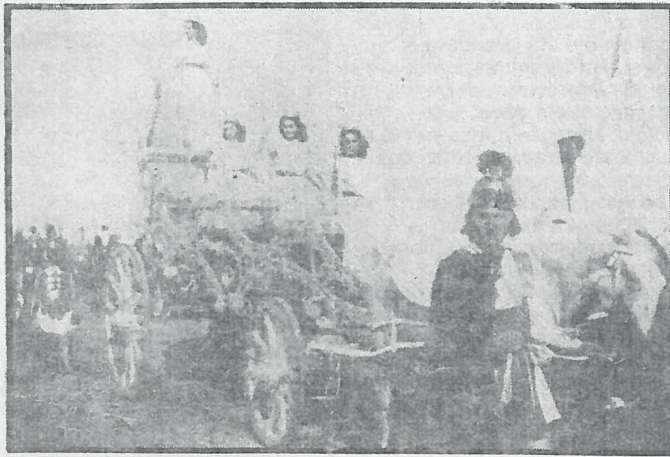
Realizador em Lisboa

Talento apadrinhado

uma coisa com piada, «Lisboa, Crónica Anedótica» um filme muito giro com esses artistas todos cheios de graça, o Chaby, o Costinha, o Estêvão Amarante, a Teresa Gomes. Era um filmezinho muito giro...

Perfeccionista, insatisfeito, nacionalista

Já António Lopes Ribeiro, ao evocar Leitão de Barros, diria que «a poucos portugueses do meu tempo se ajusta melhor do que a José Leitão de Barros o belo epíteto de «realizador». E mais adiante: «O seu vivíssimo espírito de artista e a sua implacável veia satírica só não toleravam duas coisas: o mau gosto e o ridículo. Perfeccionista sempre insatisfeito, chamava ao cinema «uma arte de renúncias». Nacionalista no mais lídimo sentido da expressão, a sua vida e a sua obra sempre se orientaram para a exaltação dos valores tradicionais de Portugal e do seu povo, da beleza da nossa terra e da nossa história». Talvez por isso mesmo, o cineasta sempre aceitou as encomendas oficiais («Legião Portuguesa», «Mocidade Portuguesa», «Ala Arriba», «Escolas Primárias») e o seu último trabalho, «A Ponte Salazar» (1966), foi ainda uma encomenda do Governo. Mas a ele ficámos a dever também o primeiro filme sonoro português, «A Severa» (1931), que teve a particularidade de ser supervisionada pelo realizador francês, René Clair.



Pormenor do Cortejo Histórico (1947)

A Leitão de Barros não faltaram apoios

Leitão de Barros não foi, como se sabe, apenas um cineasta de talento. Os apoios que conseguiu para o cinema,

teve-os também para outras realizações de monta como o Cortejo das Viaturas (1934), o Cortejo da Embaixada do Século XVIII (1936), o Cortejo Medieval (1938), a Exposição do Mundo Português (1940), as Marchas Populares de Lisboa, o faustoso Cortejo Histórico

(1947) e outras como aquela que sua filha, Maria Helena, recorda fascinada: a transformação do Pavilhão dos Desportos em paraíso de flores e música e fontes luminosas para «honrar a alta finança mundial em congresso em Lisboa»...

Pintor, dramaturgo, jornalista (ficaram célebres os seus «Corvos» no «Diário de Notícias»), decorador, encenador, «era homem que fazia tudo... e sempre bem...» como diz sua filha.

Voltemos ao cinema de Leitão de Barros para dar a palavra ao nosso colaborador José de Matos Cruz, ao entusiasmo de quem se deve esta retrospectiva, a decorrer no São Luiz até ao próximo dia 29. Ele explica-nos nestas páginas, ponto por ponto, o que se viu ou pode ainda ver do cinema de Leitão de Barros.

Maria João Duarte



Cartaz de «A Severa», cena de «Ala Arriba» e cartaz de «Maria Papoila»



Leitão de Barros: o talento apadrinhado, de Maria João Duarte, publicado no DN a 11 de maio de 1982;

O «NOTÍCIAS» ILUSTRADO

EM 17 de Junho de 1928, sob a direcção de Leitão de Barros (1), iniciou a sua publicação como edição semanal do *Diário de Notícias*, *O Notícias Ilustrado*, de 24 páginas em roto-gravura, que até 1935 foi a leitura predilecta da população alfacinha, com larga expansão em todo o País. Publicava-se aos sábados.

Continuou as tradições de *O Domingo Ilustrado*, que foi o seu antecessor, publicando-se aquêle como 2.^a série. *O Domingo ilustrado* que tinha o mesmo director, não pertencia

(1) José Leitão de Barros nasceu a 22 de Outubro de 1896, em Lisboa. Professor dos liceus. Diplomado pela Universidade de Lisboa. Pintor aquarelista, 1.^a medalha da Sociedade Nacional de Belas Artes e Medalha de Ouro do Rio de Janeiro, e expositor do Museu de Arte Moderna de Madrid, do Nacional e Arte Contemporânea de Lisboa, Viseu, etc. Como jornalista colaborou, entre outros, nos seguintes jornais: *A Capital*, *O Século*, *Correio da Manhã* e *Ilustração Portuguesa*. Fundou *O Domingo Ilustrado*, que durou seis anos, e dirigiu *O Notícias Ilustrado*. Tem os cursos do Magistério Secundário, Escola Normal Superior da Universidade de Lisboa e o Curso Geral de Belas Artes, na Escola de Lisboa. É Cavaleiro de Sant'Iago. Como realizador cinematográfico fez os filmes: «Severa», «Maria do Mar», «Lisboa», «Pupilas do Sr. Reitor», «Nazaré — praia de pescadores», «Ir ao mar buscar sardinha», «Mal de Espanha», «Maria Papoila», «Varanda dos Rouxinóis», etc. Como autor dramático tem as seguintes peças representadas: «O homem que passa», «A greve», «O Colégio Universal para ambos os sexos», «70 H. P. — O ramo das violetas», «Um autor à procura de seis personagens» (réplica a Pirandello), etc.

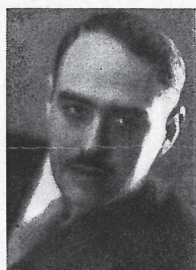
Na sua bibliografia didáctica: «Elementos de História da Arte» para uso dos liceus.

Foi director da Sociedade Nacional de Belas Artes, Vogal da Junta de Educação Nacional, do Conselho de Estatística Cidadina, da Comissão das Festas de Lisboa em 1934 e 1935, e Director Artístico da Companhia «Tobis Portuguesa».

Conhece a Alemanha, França, Inglaterra, Espanha, Polónia, Austria, Itália, Checo-Eslováquia, Iugo-Eslávia e Suíça.

É actualmente director de *O Século Ilustrado*.

à Empresa do *Diário de Notícias*. O «*Notícias*» *Ilustrado* foi um excelente magazine, e nas suas páginas se arquivaram todos os grandes acontecimentos nacionais e internacionais, além de variadíssima colaboração literária e artística. A crítica de livros esteve a cargo de Teresa Leitão de Barros. A de cinemas, Chianca de Garcia. Música em discos, José Ângelo. Música, Nogueira de Brito. No número dos seus habituais colaboradores figuraram, entre outros: Feliciano Santos, Castelo de Morais, V. Chagas Roquete, José Sarmento, Norberto Lopes, Norberto de Araújo, André Brun, Maria de Carvalho, A. Ferreira Gomes, Armando Ferreira, D. Tomaz de Almeida, Eugénio



Leitão de Barros



Paulo Osório

Vieira, F. da Silva Passos, Carolina Homem Cristo, Virgínia Lopes de Mendonça, Eduardo Frias, Luiz de Oliveira Guimarães, Augusto Cunha, Mário Duarte, Guedes de Amorim, Fernando de Pamplona, Maria Lamas, Aníbal Nazaré, Bastos Guerra, Urbano Rodrigues, Alice Ogando, Consiglieri Sá Pereira, Artur Portela, M. Teixeira Gomes, Manuel de Campos Pereira, Rogério Perez, Tomé Vieira, Augusto da Costa, Acácio de Paiva, Magnus Bergström, João Paulo Freire (Frei Gil de Alcobaça).

Terminou a sua publicação com o n.º 382, de 6 de Outubro de 1935.

— 158 —

FREIRE, João Paulo, *Diário de Notícias: da sua fundação às suas Bodas de Diamante*, Lisboa, 1939, pp. 157-158.

